NA 3.ª PÁGINA: «AS APOSTAS DE NIXON» POR ANDRÉ FONTAINE

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 28 DE AGOSTO DE 1969 N.º 16 771 ANO 49.º UM ESCUDO

às sextas-feiras em MESA REDONDA vamos discutir...

O PREÇO DO VEDETISMO NA «VOLTA»

«NÃO SE PODE GANHAR SEMPRE»

— justifica-se Joaquim Agostinho que espera dar aos seus «fans» a satisfação de uma vitória

«Quem pensava que o Agostinho, depois de ter triunfado em duas etapas, e de conseguir o 8.º lugar na Volta à França, chegava cá e ganhava tudo, assim com uma «perna às costas»; quem pensava desta maneira, não sabe nada de ciclismo».

Esta frase, a um tempo defesa e acusação, é do próprio Joaquim Agostinho. Ouvimo-lo, esta manhã, em Évora, ainda confiante nas suas possibilidades — («Tenho muitas esperanças de ganhar a Volta») — mas um pouco inconformado com o ambiente de quase exigência, que sente em seu redor.

E disse mais:

— *Um homem não é de ferro. E, que diabo, eu creio que todos sabem o que passei e sofri na volta á França, os quilómetros que tive de andar naquela cavalgada a queda que dei, as provas em que entrei a seguir. Vim para esta «Volta» sem ter quase um dia de descanso. É verdade que os profissionais estrangeiros correm quase todo o ano, mas, justamente por isso, eles estão preparados para o fazer. Ora, eu meti-me nestas andanças sem ter uma preparação igual; só tenho resistido pelas minhas condições físicas naturais, pela força que Deus me deu. Mas isso tem limites. Embora me sinta bem, é evidente que os musculos já se ressentem de tantos quilómetros andados!*

Vigorosamente:

— *Lamento que algumas pessoas, mesmo os que se dizem meus adeptos, não compreendam isto, e que quase me exijam que ande por aí a fazer brilharetes*

(Continua na ultima página)

Agostinho: um homem marcado

ELAS VÃO COMPETIR COM A NOSSA CANDIDATA

Já se encontram no Japão as quarenta e oito candidatas ao título de Rainha Internacional de Beleza 1969, entre as quais a nossa representante Maria Isabel Rosa Pinho. A foto mostra-nos, da esquerda para a direita, as representantes de Inglaterra, Irlanda, Luxemburgo, Grécia, Dinamarca e Islândia, fotografadas no aeroporto de Londres, à partida para Tóquio. (LER NOTICIA NA PAGINA CENTRAL).

Truman Capote atribui o crime de Bel Air a um paranóico

WASHINGTON, 28 — (F. P.) — Truman Capote, autor do «best-seller» «A sangue frio», expôs na Televisão norte-americana a sua teoria sobre o quintuplo crime na vivenda Polanski.

A bela Sharon Tate e os seus quatro companheiros de infortunio foram assassinados por um paranoico que agiu sózinho — disse o escritor que passou cinco anos a inquirir, antes de escrever a história verídica de um crime que é o assunto do seu ultimo livro.

Perito em psicologia criminal, Capote foi interrogado durante o «show» de Johnny Carson. O caso Polanski apaixonou-o — disse. A Polícia de Los Angeles, que está a investigar há vinte dias, não descobriu ainda qualquer pista. Truman Capote elaborou a sua própria teoria:

O assassino, um paranoico que nada tem a ver com

(Continua na 8.ª página)

Represália israelita nas margens do Nilo

TEL-AVIV, 28 — (R.) — Na acção mais arrojada de sempre os «comandos» israelitas atacaram ontem à noite, com morteiros de 120 milímetros, um quartel-general de uma região militar egípcia em Manqabade, a oito quilómetros de Asyut, à beira do Nilo e a 320 quilómetros ao Sul do Cairo. Foi o quarto ataque dos «comandos» a território egípcio em menos de um ano e constituiu uma medida de represália contra os contínuos ataques egípcios a posições israelitas ao longo do Canal de Suez. O «raids» começaram em Setembro do ano passado, quando os comandos atacaram a barragem de Nag Hammadi, próximo de Assuão.

O unico pormenor divulgado pelo Exército israelita foi o de a tropa atacante utilizar morteiros de 120 milímetros. Não foi revelado, por motivos de segurança, quantos soldados estiveram em acção e como é que penetraram tão profundamente no Egipto.

Em ataques anteriores, segundo os peritos militares de Tel-Aviv, os «comandos» foram para a margem egípcia do Suez de barco, com helicópteros nos deques e com combustivel suficiente para o voo dentro

(Continua na ultima página)

MARCELLO CAETANO CONTINUA NO NORTE

O Presidente do Conselho, que continua no Norte do País, esteve, esta manhã, nas barragens do Picote e da Bemposta, depois do que seguiu para Mogadouro, onde almoçou, na Estalagem do Caçador.

HOJE 28 PAGINAS

VISADO PELA CENSURA

ora diga-nos...

— Qual é o seu instrumento musical preferido?

A preferência por um determinado instrumento musical, muitas vezes, liga-se ás recordações da infancia. O meio onde esta decorreu, por outro lado, também parece ser — dentro de certa medida — um elemento condicionador dessa preferência.

● O sr. Eduardo Gonçalves Antunes, empregado comercial, respondeu-nos:

— *O piano, sem dúvida alguma! Porquê? Bem, segundo me parece, é uma questão de sensibilidade... Gosto de ouvir música séria, tocada ao piano. Olhe, aprecio muito, por exemplo, valsas e, dentre elas, a da «Meia-Noite». Também gosto de ouvir tocar acordeão, e, em pequeno, tive algumas lições de bandolim. Confesso, no entanto, que, embora goste muito de música — séria, bem entendido — nunca tive jeito para tocar qualquer instrumento.*

isso, não posso dizer se tenho ou não jeito para a música...

● O sr. José Jacinto, fiscal-informador da Câmara Municipal de Lisboa, também não é grande apreciador de música. Declarou-nos:

— *Ouço música apenas por acidente, quando a telefonia está ligada. Eu é que nunca a ligo! O meu instrumento preferido é a guitarra, quando entregue nas mãos de um bom executante, claro! Isto não quer dizer, no entanto, que eu seja capaz de me deslocar a qualquer lado, para ouvir tocar guitarra... Antigamente, a música interessava-me, as composições ficavam-me no ouvido, mas as de agora...*

● O jovem António Chaves, mecânico, disse-nos:

— *Gosto pouco de música, mas, mesmo assim, prefiro o acordeão aos demais instrumentos. Olhe, nunca tentei aprender a tocar qualquer instrumento musical e, por*

Reunião no Algarve de associações de fabricantes de pasta e de papel

Realiza-se, nos dias 9 e 10 do próximo mês, a reunião anual das associações de fabricantes de pasta e de papel dos países da EFTA que, este ano, pela segunda vez, decorrerá em Portugal, no Algarve, cabendo ao Grémio Nacional dos Industriais de Fabricação de Papel a respectiva organização.

A delegação portuguesa á referida reunião será constituída pelos seguintes elementos: pela industria do papel, presidente do conselho, João Calvet de Magalhães vogal do conselho, eng. Armando Pires Tavares; presidente da direcção, eng.º Manuel Firmino da Costa; pela industria da pasta, eng.º Vasco Quevedo Pessanha, eng.º Vergílio R. Teixeira Lopo; e W. Bailey.

Em três linhas

Foi condecorado com a medalha de prata de serviços distintos, com palma, o tenente-coronel piloto aviador António Baião.

///

Foi nomeado assessor do director do Instituto de Altos Estudos de Defesa Nacional, para a direcção e coordenação da actividade internacional do Instituto, o dr. Gonçalo Caldeira Coelho, director-geral dos Negócios Políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

///

Foi louvado, pela maneira como exerceu as funções de delegado do Governo junto da R. T. P., cargo que abandona por ter atingido o limite de idade, o dr. António Ladislau Durão Ferreira.

///

Foram aprovados os estatutos da Associação Portuguesa para a Qualidade Industrial e da Fundação Engenheiro António de Almeida, cujas sedes são em Lisboa e no Porto, respectivamente.

///

Está aberto concurso para provimento de um lugar vago de professor catedrático do 2.º grupo (Mecanica e Astronomia) da 1.ª secção (Ciências Matemáticas) da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

///

Está aberto concurso para provimento de um lugar de professor do 1.º grupo de cadeiras (Matemáticas Gerais, Cálculo Infinitesimal e Mecanica Racional) da Escola Naval.

CENTRO EUROPEU DE ESTUDOS DA POPULAÇÃO

Por convite do respectivo presidente, prof. dr. Hans Harmsen, da Universidade de Hamburgo, ingressou como membro titular do recém-criado Centro Europeu de Estudos da População o médio dr. Alexandre Sarmento, autor de numerosos trabalhos sobre a demografia da população portuguesa.

ADJUDICADA A CONSTRUÇÃO DO QUARTEL GENERAL DO IBERLANT

No cumprimento do Tratado do Atlântico e dos programas de infra-estruturas comuns já aprovados, foi realizado um concurso internacional entre firmas dos países da N. A. T. O., com vista á construção do Quartel-General do Comando do Iberlant. Promoveu o concurso o Departamento da Defesa Nacional (Comissão Executiva de Infra-estruturas OTAN-CEIOTAN).

O plano engloba a montagem de uma estação transmissora e outra receptora, e a construção do quartel-general propriamente dito, com um centro de comunicações onde serão instalados equipamentos completos, produto da técnica mais avançada.

A empreitada para fornecimento, montagem, instalação, afinação e construção das instalações de comunicações do quartel-general do Iberlant foi adjudicada, pelo valor de esc.: 174.939.427$00 (com proposta técnica aceitável e o mais baixo preço), á firma italiana Page Europa S. P. A., representada em Portugal por Equipamentos de Laboratório, Lda.

O custo total da empreitada, mais uma obra realizada no nosso País em cumprimento do Tratado do Atlântico, é suportado pelos Fundos Comuns da N. A. T. O., para os quais contribuem todos os países que aderiram áquela organização (e onde se inclui o nosso País), com percentagens já estabelecidas.

CONFERÊNCIA SOBRE VASCO DA GAMA

Conforme foi noticiado, efectua-se amanhã no Teatro da Estufa Fria, uma sessão comemorativa do regresso de Vasco da Gama da sua primeira viagem á India, em 1499. Profere uma conferência o sr. dr. Alberto Iria, director do Gabinete Histórico Ultramarino, havendo recitação de versos alusivos pela actriz Madalena Sotto. A seguir, efectua-se uma recepção, a que assistem membros do Governo e outras altas entidades.

DE ONTEM PARA HOJE

O VITÓRIA CLUBE TEM 25 ANOS

A Picheleira esteve em festa por motivo da comemoração do 25.º aniversário do Vitória Clube de Lisboa, colectividade desportiva e de recreio que conta numerosos sócios e simpatizantes. Convidado de honra: o governador civil de Lisboa. Depois de ter falado o presidente da Assembleia Geral daquela agremiação desportiva, sr. Joaquim António Ferreira de Matos, o sr. dr. Afonso Marchueta congratulou-se com a actividade do Vitória Clube: construção de balneários públicos, instalação de um posto médico, etc. No final da sessão, foram distribuidos emblemas de prata aos 34 sócios mais antigos do clube.

MULHER GRÁVIDA ESPANCADA PELO COMPANHEIRO

Grávida de alguns meses, foi brutalmente espancada pelo companheiro (Carlos Jorge Tavares) Merciana Clotilde dos Santos, de 31 anos, moradora no Pátio do Tijolo. Ficou internada no Hospital de S. José.

MURO IGUAL A SEPULTURA

Um muro, em Amiais de Baixo, abalroado por uma camioneta, ruiu e atingiu mortalmente o operário cerâmico Joaquim Lopes da Silva Novo, de 20 anos.

UM FÓSFORO MAL APAGADO MATOU UM HOMEM

Devido a graves queimaduras provocadas pelo fogo que se propagou ás roupas da cama onde dormia, faleceu, em Pernes, o sr. Filipe Martinho, de 83 anos. Causa do fogo: um fósforo mal apagado.

NOVO CHEFE DE GABINETE DO MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Foi nomeado chefe do Gabinete do sr. dr. José Hermano Saraiva, titular da pasta da Educação Nacional, o sr. eng. Rui de Andrade, que exercia as funções de chefe de Rpartição dos Serviços Pedagógicos da Direcção-Geral do Ensino Técnico Profissional. Sucede ao sr. dr. António José Paisana, exonerado a seu pedido.

OCTOGENÁRIA CARBONIZADA

Na freguesia do Bilho (Mondim de Basto) ardeu a casa da sr.ª Luísa da Costa, de 82 anos, que vivia sózinha. A octogenária ficou carbonizada.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

COMPAE 69/DSM

Faz-se publico que na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180, 3.º, em Lisboa, se encontram abertos os Concursos Publicos seguintes:

CONCURSO N.	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
13PAE/69	Sobressalentes p/viaturas Berliet GBC 8KT 4 × 4 e 6 × 6 CARGO.	110.000$00	04NOV69	15.30
14PAE/69	Sobressalentes p/viaturas Jeep 1/4 TON.	50.000$00	10NOV69	15.30

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias uteis das 14 ás 18 horas e aos sábados das 10 ás 12 horas.

As propostas devem ser entregues até ás 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

O Presidente da COMPAE69/DSM
LUÍS BORGES RAMOS
Ten. Cor. Eng.º do S. M.

Ferrania 3M
************ FIDELIDADE EM CÔR ************
*FAÇA AGORA OS SEUS DIAPOSITIVOS COM DIA28 entregue-os de manhã
PROJECTE-OS À NOITE AO SERÃO
*FILME A PRETO E BRANCO 8mm ou 16mm entregue-os às 3as f. ou 5as f.
*FILME A CORES EM SUPER 8mm entregue-os às 3as f. ou 6as f.
*FILME A CORES EM 8mm ou 16mm entregue-os às 4as feiras
PROJECTE-OS 24 HORAS DEPOIS
LABORATÓRIOS FERRANIACOLOR — LISBOA

AS APOSTAS DE NIXON

Por ANDRÉ FONTAINE

Exclusivo «Le Monde» - «Diário de Lisboa»

Seis meses depois de chegar á Casa Branca, Nixon não perdeu ainda o sorriso. Afinal de contas, os acontecimentos não evoluem demasiado mal para ele. O malogro da Luna-15 apenas veio valorizar mais a dimensão da vitória Apolo-11. A viagem do presidente á Ásia correu o melhor possível: póde ir sem inconveniente a Saigão, onde nem Kennedy nem Johnson tinham ousado ir. A escala de Bucareste foi triunfal. A intensidade dos combates diminuiu consideràvelmente no Vietnam. Restabeleceram-se excelentes relações com o Eliseu, de onde parece ter desaparecido todo o espirito de contestação. A Bolsa de Nova York, depois de um recuo de vários meses, começa, finalmente, a subir. E o ultimo dos Kennedy, o unico homem com quem os democratas podiam contar, para regressarem á Casa Branca, comportou-se agora de uma maneira que semeia a duvida sobre a sua aptidão para exercer as altas funções a que aspirava.

Dir-se-á que são aparências e que os grandes problemas permanecem: as negociações sobre o Vietnam, que não progridem um milimetro; o Médio Oriente, onde o cessar-fogo não passa de uma recordação; a América Latina, onde Rockfeller pôde constatar a rapidez com que alastra o nacionalismo anti-yanque; a inflação, que continua a galopar; o drama racial, que não será resolvido com o desenvolvimento do «capitalismo negro», o que é mais que evidente, ao contrário do que se finge crer nas fileiras do partido republicano; finalmente, de uma maneira geral, a crise de civilização, atestada pelos protestos da juventude universitária, pela contestação dos tabus sexuais, pelo acréscimo da criminalidade, são tudo fenómenos que não deixam de evocar os ultimos decénios do mundo antigo ou da monarquia dos Capetos.

Mas Roma não se fez num dia. Nenhum homem, nem mesmo esse que os concidadãos colocaram á cabeça da nação mais poderosa de todos os tempos, está á altura de modificar, em poucas semanas, o curso da história. Tudo leva a pensar que Nixon nunca teve muitas ilusões a esse respeito. A si próprio fixou objectivos relativamente modestos sabendo que eram esses, em principio, os unicos que teria possibilidade de atingir. Nunca se esqueceu de que, num país como os E. U. A., onde o Congresso, os «lobbies», o «big business», a Imprensa, os sindicatos, as Igrejas têm um papel considerável, a politica é uma partida de xadrez na qual se exige que todas as peças sejam vigiadas ao mesmo tempo, pois um peão mal intencionado, desde que não se cure devidamente dele, pode fazer falhar o mais belo lance.

MUDANÇA DE ESTILO

Para o novo presidente urgia primeiro romper com o estilo nervoso, esgotante, extenuante que marcara o reinado anterior. Hoje a calma, o sangue-frio, o método retomaram os seus direitos. O sucessor de Johnson consagra a noite ao repouso. Não está de noite a arrancar as mensagens dos «telex» ou a acordar ao telefone os jornalistas culpados de o terem criticado. As suas decisões são fruto de uma preparação metódica, não de impulsos espontaneos. É evidente que isto não dá para se espalhar a ideia de que se trata de um génio, pois a este, regra geral, convém mais a impetuosidade. Mas Nixon não procura passar por génio. Não trava no Vietnam a sua batalha pessoal (como L. B. J. o fazia, de tal modo que, mais por amor próprio do que por qualquer outra razão, entendia ter de a ganhar custasse o que custasse). O que ele quer é ser reeleito daqui a três anos, mostrando que fez o seu trabalho melhor que ninguém, e persuadir os governos estrangeiros de que é um interlocutor sério e de boa vontade, preocupado com os interesses do seu país, é claro, mas sem vestígios de fanatismo ideológico nem de segundas intenções conquistadoras.

Esta atitude foi compensadora, no seu conjunto. Nixon, sem provocar o entusiasmo — salvo em Bucareste — não depara com a oposição sistemática, «ad hominem» de que tanto sofreu o seu antecessor. E se, no plano interno, podemos censurar-lhe certo imobilismo, a verdade é que no exterior arriscou uma série de apostas que podem parecer razoáveis.

O êxito da primeira aposta já está provado. Dizendo, em Março, ao general de Gaulle as palavras que este queria ouvir sobre os direitos dos países europeus a determinarem, por si próprios, a sua politica, ajudou-o a retirar as consequências dos acontecimentos de Maio e da invasão da Checoslováquia, que tornavam impossível, dai em diante, o desafio ao dólar e o flirt com Moscovo. Não será Pompidou que vai pôr em causa a reconciliação espectacular que se deu no Grand Trianon. E, assim, a Casa Branca vê-se agora livre das preocupações, que (aliás, em grande parte, por sua culpa) a politica francesa, antes e depois de 1958, tantas vezes lhe causou.

Estas preocupações eram, contudo, de modestas dimensões, se as compararmos com as que o Vietnam originava e origina ainda. Nixon sabe que a História o há-de julgar, afinal de contas, em função da sua capacidade para pôr termo a uma guerra, que lesa gravemente os interesses materiais e morais da nação americana, e, mais gravemente ainda, a imagem que ela dá de si própria.

A conselho do seu colaborador, Henry Kissinger, optou por uma diplomacia cujos contornos se revelam cada vez mais claramente. Descurando as negociações de Paris, cujo termo feliz dificilmente se concebe sem a aceitação da derrota por um dos campos, procurou a «desescalada» no teatro de guerra. Era uma aposta: os «falcões» pensavam que o anuncio da retirada de alguns milhares de soldados americanos encorajaria Hanói e o Governo provisório revolucionário do Sul a lançarem nova ofensiva para liquidarem o regime de Saigão, sériamente comprometido pela perspectiva de uma redução do apoio americano.

Os primeiros comentários do Norte e do G. P. R., que falavam de uma «farsa sinistra», podiam fazer pensar que era isso que iria passar-se. Mas na politica os factos contam mais que as palavras, e a verdade é que se regista agora uma surpreendente acalmia, de há umas semanas para cá. Tudo se passa como se o general Giap e os seus camaradas do **maquis** se tivessem convencido de que, desencadeando operações de envergadura, se arriscariam a retardar, ou mesmo a paralisar, a realização do programa de repatriamento, tornado publico por Nixon: como o seu objectivo prioritário é a partida dos «boys», que eles julgam decisiva para a queda do Governo sulista, parecem, pelo contrário, decididos a facilitá-la. **«Não procuramos matar os americanos, mas obrigá-los a**

(Continua na página seguinte)

Os estudantes franceses que tentaram roubar azulejos numa igreja de Évora foram postos em liberdade

ÉVORA, 28 — Guy la Campagne, 26 anos, estudante de direito, residente em Longon e Jean Louis Gras, 21 anos, solteiro, aluno mestre na Escola do Magistério Primário de Pizou — dois estudantes franceses de férias em Portugal que, nesta cidade, quando visitavam a capela de S. António, na igreja de S. Francisco, se deixaram tentar pelos azulejos raros e bonitos, de um painel.

O guarda deu por isso, interprelou-os, houve rebuliço, perseguição e a prisão dos dois jovens. Depois dos interrogatórios a situação esclareceu-se: os dois jovens turistas confessaram roubar alguns azulejos mas disseram terem-no tentado, pois, eles estavam caídos no chão. Como o facto foi confirmado pelo guarda da igreja que dera o alarme, António Maria Esteves, os estudantes foram postos em liberdade. E vão prosseguir as suas férias agora, com certeza, com as tentações mais refreadas...

Motoretista em estado grave

Próximo do parque de campismo desta cidade, foi chocar cos as traseiras de um camião da Administração dos C. T. T. conduzido pelo sr Joaquim Maria Nepomuceno, residente no Bairro Frei Aleixo, uma motorizada guiada pelo sr José António Parjané, de 47 anos, trabalhador, casado, natural de Redondo e residente em Nossa Senhora da Tourega. Do embate resultaram para o motociclista graves ferimentos, pelo que recolheu ao hospital, onde está internado.

A P. V. T tomou conta da ocorrência

Centenas de contos de prejuízo num incêndio na Herdade da Pombeira

Só ao fim de doze horas os bombeiros da corporação desta cidade conseguiram dominar um violento incêndio que se declarou, numa eira instalada na herdade da Pombeira, propriedade do sr. Isidoro Amador Lobo.

O fogo foi violentíssimo, tendo destruído diverso material, sendo os prejuízos calculados em algumas centenas de contos.

Também, ontem, cerca das 20 horas deflagrou outro incêndio na herdade de Entre Rios. Este, porém, de muito menores proporções, já estava dominado cerca das 23 horas.

Quem quer escrever para o Japão?

A jovem Reiko Taniguchi, de 16 anos, residente em Kanasaki City, 1783-16 Kamiaso, Japão, deseja corresponder-se com jovens portugueses. É coleccionadora de selos e moedas. Quem aceita este convite que vem do Japão?

Efectua-se no próximo mês o VII Seminário de Psicologia e de Pedagogia para actualização de professores

Promovido pelo Centro de Psicologia Aplicada á Educação, vai realizar-se, de 15 a 26 do próximo mês, o VII Seminário de Psicologia e de Pedagogia, para actualização de professores.

Integram-no três secções, versando assuntos do mais palpitante interesse e da maior actualidade: Matemática Moderna e Pedagogia da Matemática, Teonologia Educacional e Orientação Escolar, Pedagogia das Línguas Vivas e Técnicas Audio-Visuais.

A secção de Matemática que decorrerá de 15 a 26, é dirigida pelo prof. Papy, autoridade de renome internacional no campo da Matemática Moderna. Professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Bruxelas, o prof. Papy fundou e dirige o Centre Belge de Pédagogie de la Mathématique, ao qual o Ministério da Educação da Bélgica confiou a actualização de todos os professores de Matemática das escolas belgas.

O curso, que o prof. Papy dirigirá entre nós, consta de 36 lições, quatro por dia. As lições serão dadas em francês, estando previsto um serviço auxiliar de tradução.

A secção de Tecnologia Educacional e Orientação Escolar, de 15 a 19 daquele mês dirigida pelo dr. João A. Nabais, conta com a colaboração do prof. James M. Colwell, da Universidade de S. Francisco (Califórnia), e psicólogo escolar das Escolas Públicas da mesma cidade que anteriormente leccionou, durante vários anos, na Universidade do Rio de Janeiro, tendo aprendido a língua portuguesa.

As suas lições serão, pois, em português, idioma que fala com bastante fluência.

Quanto á secção de Pedagogia das Línguas Vivas e Técnicas Audio-Visuais, que funcionará de 22 a 26, será dividida em duas subsecções: a de *Inglês*, orientada pelo prof. McCallum, do International Institute (Madrid) que, há meses, dirigiu o Seminário de Inglês para professores dos liceus, promovido pelos Serviços Culturais da Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa; e a de *Francês*, a cargo dos prof. R. Catalan e J. Bréant, do C. R. E. D. F., já sobejamente conhecidos dos numerosos professores que frequentaram os três cursos de 1966 a 1968.

RECTÂNGULOS DA VIDA

MESA-REDONDA SOBRE A LUA

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

A mesa era por acaso redonda mas de sala de jantar. A dona da casa pintava telas cósmicas, e entre os convidados havia um astrónomo e um estudioso de ficção científica. Estudioso não é bem o termo. Um individuo que se interessava muito por essa literatura «diferente», segundo *Planète*. Já tinham falado de Júlio Verne e de Bradbury e deste e daquele e até de um tal Hansen, citado por Flammarion em 1908 e que ainda assegurava então que a Lua era habitada. Estavam na sobremesa quando uma voz razoável surgiu a medo:

— Já pensaram no que eles podiam ter feito com todo aquele dinheiro?

— Eu não, responderam-lhe. Os números com muitos zeros à direita fazem-me tonturas. De resto, a partir de determinada soma tudo fica igual. Ultrapassa o meu entendimento.

O astrónomo, que era homem de muitos zeros, não concordava e explicou porquê. A vòzinha, porém, insistiu:

— Mas já pensaram no que eles podiam ter feito?

— Responderam-lhe, que mais se pode fazer com todos esses zeros á direita?

A pintora disse coisas, o astrónomo respondeu, o homem da ficção científica fez uma citação não sei de quem. E, de súbito, uma voz que ninguém esperava que falasse, falou. Uma voz carregada de um certo desdem, uma voz levemente trocista e muito sabedora. A dona da casa sentiu-se gelada porque aquela voz não devia existir como voz, não estava paga para isso, só o corpo da voz devia mover-se servindo à mesa. Agora a voz, quem ia pensar uma coisas dessas! E no entanto a Florinda declarava:

— Uns senhores tão inteligentes e a acreditarem em histórias da carochinha! Eu então vi logo que era aldrabice, até me fui deitar, estava lá para perder a noite! Qual Lua qual carapuça! Eu vi o Camilo na revista e vi o Solnado no Zip-Zip. Foi tudo fita.

Houve sorrisos compreensivos e amarelos, mas a pintora tinha o olhar fixo e a boca entreaberta. A Florinda olhou para ela com pena, encolheu os ombros:

— A senhora desculpe mas até me custa ver gente assim inteligente a acreditar em todas as aldrabices que eles para aí arranjam!

E saiu muito digna, a fim de ir buscar o café. Durante muito tempo a pintora não vai ter coragem de encarar aqueles amigos. Foi sempre uma pessoa sem o sentido do humor e com um sentido muito vivo de como as várias categorias sociais devem ou não agir. As palavras da Florinda foram para ela, uma espécie de interdição violada.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

AS APOSTAS DE NIXON

(Continuação da pág. anterior)

partir», disse outro dia Mme Binh.

Resta, evidentemente, saber o que irá passar-se em seguida. Nixon parece julgar que, com a presença de um corpo expedicionário reduzido para metade, mas dotado de uma considerável aviação e tornado mais eficaz pela utilização de soldados de carreira em detrimento de homens do contingente, as autoridades de Saigão podem manter-se o suficiente para que as autoridades de Hanói acabem por adoptar o partido de manter no Sul um sistema mais ou menos ocidentalizado. É uma aposta: no outro campo, fazem a aposta contrária. Portanto, continuam a ser prováveis as oscilações bruscas. Mas, entretanto, Washington conseguiu criar a impressão de que a corrente foi desviada do seu rumo. Aos olhos de todos, a paz parece estar no final do processo em curso, como a extensão do conflito á China pareceu, durante muito tempo, ser a saida final da escalada. Vai a **tournée** presidencial ao Sudoeste Asiático, ostensivamente situada na perspectiva do «pós-Vietnam». Desta vez não se tratava já da guerra, mas da maneira como seria organizada a segurança desta parte do mundo, uma vez a guerra concluída. É notório o contraste entre esta **tournée** e as deslocações de Johnson ás mesmas paragens.

Aposta igualmente foi a viagem a Bucareste, viagem que o presidente dos E. U. A. sabia perfeitamente ser do desagrado da **troika** do Kremlin, habituada a considerar a Europa oriental como sua reserva de caça: se a população checoslovaca no ano passado, não tivesse oposto ao invasor uma resistência com que este não contava, a Roménia talvez tivesse conhecido sorte igual. Conhecendo bem os seus grandes vizinhos do Norte, Ceausescu e os camaradas entenderam, no entanto, que uma clara manifestação de interesse por parte dos americanos hoje os protegia mais do que os expunha.

Aceitando o convite, os americanos pesaram-lhe, evidentemente, os prós e os contras. O risco de uma reacção violenta dos soviéticos não é de afastar completamente, sobretudo agora que o acolhimento caloroso feito em Bucareste ao «chefe do imperialismo» lhes mostrou onde os «aliados» tinham o coração. Mas há toda uma série de considerações que tornam essa eventualidade pouco provável, e foram essas considerações que levaram, sem duvida, á decisão de Washington.

Enquanto o decurso da evolução na Checoslováquia no ano passado, levava a repor em causa, pelo seu carácter exemplar, o **statu quo** europeu, a visita de Nixon contribuiu para consolidar esse mesmo **statue quo,** que tem na especial situação da Roménia — como na de Cuba ou na de Berlim — com elemento já antigo. A isso vem somar-se, após o que se passou em Praga, o facto de ser agora inexistente, o risco de o exemplo romeno se alastrar e o de, no plano ideológico, o Kremlin não ter nada a censurar a homens, que, sob certas reservas, assinaram a declaração do movimento operário de Junho de 1969 e apoiaram, com tenacidade, a proposta soviética de conferência sobre a segurança europeia. Finalmente, na perspectiva do seu conflito, agora prioritário com a China, podemos duvidar de que a U. R. S. S. ouse invadir a Roménia. Com efeito, ela não pode ignorar que arruinaria assim as possibilidades da indispensável aproximação com os E. U. A., agora demasiado comprometidos para poderem deixá-la agir sem reagirem de qualquer modo.

Para facilitar as coisas, a Imprensa romena abstêm-se das imprudências, que há um ano, eram moeda corrente em Praga. Nixon, por seu lado, apresenta a sua viagem como capaz de reforçar o desanuviamento Leste-Oeste e evocou, com mais clareza que antes, a eventualidade de uma viagem a Moscovo. E neste momento encetam-se consultas interaliados sobre uma possivel sondagem da U. R. S. S. a respeito de Berlim.

Se o cálculo é correcto, Nixon poderá mostrar aos seus compatriotas, que, diferentemente de tantos outros (mais eloquentes, é verdade) apoia efectivamente as aspirações dos povos da Europa oriental á independência. E que, pela primeira vez na história das relações Leste-Oeste, é a América, e não a U. R. S. S. quem toma a iniciativa. Não é impossivel que os soviéticos que respeitem, como tantas vezes o têm mostrado, o espirito de decisão, vejam aí mais uma razão para se prestarem a conversações. Em todo o caso, é um facto que o anuncio da viagem nem interrompeu a ofensiva do sorriso de Kremlin em direcção a Bona nem afrouxou o ritmo das conversações sovietico-americanas sobre o Médio-Oriente. Finalmente, a despeito de todos estes elementos, não podemos excluir **a priori** a hipótese de a visita a Bucareste ter constituido um primeiro passo no caminho de uma abertura dos E. U. A. para a China Popular. Que Pequim se tenha abstido de criticar a atitude de Ceausescu e se tenha contentado com ignorar esta deslocação, denunciando, ao mesmo tempo, em termos vivos, a **tournée** asiática de Nixon constitui, a este respeito — até prova em contrário — um indicio particularmente favorável.

MUDANÇA DIFÍCIL MAS NECESSÁRIA

Os termos destas três apostas — França, Vietnam, Roménia — parecem bem claros. Pensará a Casa Branca em fazer outras? Sobre o Médio Oriente parece bem que sim, na medida em que entende que o Kremlin aspira tanto como Washington a que se chegue a uma regulamentação, capaz de eliminar a ameaça de uma retomada de hostilidade e de cortar pela base os lanços mais ou menos encorajados por Pequim. A nitida advertência da **Pravda**, feita, há algumas semanas, aos extremistas árabes não era certamente fortuita. Mas, para se poder apreciar válidamente a situação, teriamos que saber mais coisas acerca da visita do assistente do secretário de Estado, Sisco, a Moscovo e acerca dos contactos bilaterais que substituiram as conversações quatripartidas, sugeridas pela França.

Outras apostas estão subjacentes, nas propostas de negociações com a U. R. S. S., sobre Berlim ou sobre as armas estratégicas: o bastante para causar inquietação a Bona. Porque, nestas diferentes iniciativas da Casa Branca, há um denominador comum, que as aproxima bastante (paradoxalmente) daquilo que foi a ambição do general de Gaulle: proceder de modo a que, na medida do possivel, os povos se defendam a si próprios, que não remetam aos paises grandes, com vontade ou sem ela, a preocupação de determinar o seu destino.

Potência nuclear, os E. U. A. sabem que a sua garantia é necessária aos povos, que poderiam ver-se sujeitos á chantagem atómica de outra superpotência, e Nixon disse-o novamente aos seus interlocutores asiáticos. Igualmente se declarou disposto a ajudá-los a resolver as mil e uma dificuldades que os assoberbam. Mas das suas declarações fácilmente contraditórias parece resultar claramente que esta assistência não iria a ponto de suprir, quando elas faltarem, a ambição nacional e a vontade de sobrevivência; ao falar assim, ele espera, sem duvida, estimular estas virtudes: mais uma aposta.

Comentando, em ultima análise, aquilo que se resume a uma certa vontade de «descompromisso», o **Economist** de Londres preocupava-se, há dias, com o caso, depois de perguntar se, em tal questão, Nixon estaria a agir por conta própria ou se se limitaria a seguir a onda.

«É mais fácil cravar uma bandeira americana na Lua que restabelecer a crença de muitas dessas pessoas na solidez da garantia americana» — assim rezava o **Economist.** Contudo, não podemos esperar dos E. U. A. que estes garantam eternamente o **statu quo** nos dois terços do planeta, sobretudo se os vários paises opuserem a que a América se aproveite disso para realizar, em especial no plano económico, as suas próprias ambições. De qualquer maneira, enquanto durarem as alianças rigidas, o Velho Mundo continuará submetido á partilha que o desfigura. Mais cedo ou mais tarde, na Europa, como na Ásia, a situação terá de mudar. Para que essa mudança seja fácil e contribua realmente para a paz, será necessário que não se limite a ser uma manutenção, disfarçada sob outra forma, da influência americana e que ela signifique, realmente, que os vários países retomaram o direito de decidirem sobre o seu próprio destino.

(TODAS AS TAXAS INCLUÍDAS)

Um Kadett que É ainda mais económico: o novo Kadett "E"

Económico em todos os sentidos

Com o lançamento do novo OPEL KADET «E», Você dispõe agora de um carro que reúne além das enormes vantagens da experiência OPEL um factor verdadeiramente aliciante — O PREÇO! 58.618$00 (taxas incluídas)

Basta «pesar» as características do NOVO MODELO OPEL KADET «E».

Confirme por si próprio — visite ainda hoje o seu concessionário OPEL.

Kadett "E"

OPEL é de confiança

GM BEST IN QUALITY

Um produto General Motors montado em Portugal com assistência técnica em todo o país

A TECNICA E A ELEGÂNCIA NUM CARRO EUROPEU

FILMES CASTELLO LOPES 50 anos apresenta

O GRANDE ÍDOLO

LEE VAN CLEEF

INDOMÁVEL! BRUTAL! FULMINANTE!

À MARGEM DA LEI

com

Graziella Granata Antonio Sabàto

TECHNICOLOR Maiores de 12 anos TECHNISCOPE

AMANHÃ ESTREIA

CONDES

VIDA MUSICAL

Concerto no Jardim da Estrela

Os concertos públicos de iniciativa municipal prosseguem esta semana com várias audições, a primeira das quais, marcada para hoje, ás 17 e 30, no Jardim da Estrela, está a cargo da banda de musica da Força Aérea, sob a direcção do maestro tenente Aurélio Pinho. O programa é o seguinte: «Churumbelarias», pasodoble, de Cebrian Ruiz; «Liége Imortal», abertura, de F. Rousseau; «Ribeirinha», rapsódia, de Silva Marques; «Amanhecer Granadino», bailado, de Arqueladas; «Suite Oriental», de F. Popy, e «Mars de Medic», marcha.

Concerto no Beato pela Banda de Fanhões

Desloca-se depois de amanhã, á freguesia do Beato, a Banda de Musica de Fanhões, que sob a regência do sr. Domingos Fernandes Cainhão, dará um concerto ás 22 horas no Jardim do Beato, numa iniciativa da Camara Municipal de Lisboa.

Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

6.ª SEMANA

HELGA

O SEGREDO DA MATERNIDADE

no Cinema VOX

maiores de 21 anos

Um êxito clamoroso!

11.ª SEMANA DE ENCHENTES

A revista dos PARODIANTES DE LISBOA — um espectáculo de VASCO MORGADO em segundo mês de lotações esgotadas na sala fresquinha do

MONUMENTAL

em DUAS SESSÕES 20.45 e 23 horas (ADULTOS)

O PÚBLICO RI PERDIDAMENTE

TEATRO VARIEDADES 5.ª semana

VASCO MORGADO apresenta

OS DIREITOS DA MULHER

2 HORAS A RIR

com

UM CASO MUITO SÉRIO

A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM

TRIUNFO DA

C.ª TEATRO ALEGRE

HENRIQUE SANTANA

IRENE ISIDRO COSTINHA

LIA GAMA

MARIA HELENA HENRIQUE SANTOS

LUISA DURÃO

HELENA ISABEL BENJAMIM FALCÃO

HOJE, ÀS 21.45 H. — (Adultos)

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK apresenta

HOJE às 21,30

CICLO de CINEMA francês

UM CLÁSSICO DA 7ª ARTE

realizado por

rené clément

BRINCADEIRAS PROIBIDAS

(JEUX INTERDITS)

- GRANDE PRÉMIO DO FESTIVAL DE CANNES
- PRÉMIO FEMINA
- GRANDE PRÉMIO DA BIENAL DE VENEZA
- GRANDE PRÉMIO DA CRÍTICA FRANCESA DE CINEMA
- GRANDE PRÉMIO DA CRÍTICA AMERICANA DE CINEMA
- "OSCAR" PARA O MELHOR FILME ESTRANGEIRO
- PRÉMIO DA CRÍTICA JAPONESA
- PRÉMIO PARA O MELHOR FILME DO ANO (CRÍTICA INGLESA)
- PRÉMIO DA ACADEMIA INGLESA

Extraído do romance de François BOYER - Adaptação cinematográfica de Jean AURENCHE, Pierre BOST e René CLÉMENT - Diálogos de Jean AURENCHE, Pierre BOST e François BOYER - Produzido por Robert DORFMANN com Georges POUJOULY - Brigitte FOSSEY

MAIORES DE 12 ANOS

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista. Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição. Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Diamantes ao pequeno almoço» («Diamonds for Breakfast»).

REALIZADOR — Christopher Morahan, 1968 (Inglaterra).

INTÉRPRETES — Marcello Mastroianni, Rita Tushingham, Margaret Blye, Warren Mitchell, Elaine Taylor, etc.

Depois do fracasso inesperado do magnífico filme de Michel Deville «Bye, Bye, Barbara (que passou rápidamente pelo *écran* do Império numa fugídia semana de permanência obrigatória), foi a altura de se estrear ontem uma comédia inglesa assinada por Christopher Morahan, que nos fala do último descendente dos czares e de um roubo de jóias imperiais por ele perpetrado. Rodado em Londres, o filme parte de uma visita a uma exposição dos tesouros dos czares, sobre a qual se vai engendrar mais um *hold up* «sensacional», desta vez servido de forma apimentada por um harem de especialistas femininas, conduzidas pelo maestro seguro na arte da sedução que é Marcello Mastroiani (aqui russo branco emigrado, descendente directo da família imperial). Esta base justifica uma sátira com bons momentos e alguma imaginação que, no entanto, se ressente de um certo caos interno. Na verdade, determinadas cenas e sequências nunca se chegam a interpretar com a mobilidade requerida, deixando no espectador uma sensação de estranha desorganização de processos e de ritmo que, aliás, nunca se chegam a definir completamente.

L. A.

• NO AVIS

TÍTULO — «Os Três Super-Homens em Tóquio.
REALIZADOR — Bitto Albertini, 1968 (Itália).
INTÉRPRETES — George Martin, Dick Gordon, Willy Newcomb, Gloria Paul, etc.

Em versão inglesa, estreou-se ontem no Cinema Avis mais um filme da série dos «*Três Super-Homens*», uma produção italiana, assinada por Bitto Albertini e interpretada por George Martin, Dick Gordon e Willy Newcomb que se encarregam da *jonglerie* que lhes era exigida *Os Três Super-Homens em Tóquio* repetem a mediocridade e a total ausência de invenção que o primeiro filme desta jornada já documentava com inegável prodigalidade. Retirando muitos dos efeitos especiais destes «*Três Super-Homens*» de alguns dos achados das histórias em quadradinhos e da sua linguagem elíptica e vertiginosa, a verdade é que Albertini nunca consegue impor o seu filme para além dos limites da banalidade. Banalidade e postais ilustrados com Tóquio por pano de fundo. O resto...

C.

Octávio de Matos triunfa na revista «RI-TE, RI-TE»

Octávio de Matos é acontecimento na revista da moda «Ri-te, Ri-te». Original de Ruy Andrade, José Andrade e Manuel Puga com música de Carlos Dias e José Mesquita é um espectáculo de nível internacional para servir o grande público e o turismo, apresentado por Vasco Morgado na sala fresquinha do Teatro Monumental. Octávio de Matos, artista ainda jovem e de grande talento, é já um nome bem querido do público. Galardoado com um prémio do Cinema Nacional em 1968. Octávio de Matos tem nesta revista diversas interpretações, recebendo todas as noites intermináveis aplausos do público, juntando assim mais um triunfo aos anteriormente conquistados. «Ri-te, Ri-te» tem no seu elenco, os nomes de Camilo de Oliveira e Florbela Queirós; do cançonetista de grande mérito: Paula Ribas e Rui de Mascarenhas, com o conjunto privativo dos Parodiantes de Lisboa «Hy-Kdoy»; e ainda Delfina Cruz, Orlando Fernandes, Alice Carla, Marília Gama, Luís de Mascarenhas, Carlos Miguel, Carmizé, Odete, Nela Duarte, Fátima, Irene, Tony Barra e muitos outros nomes, assim como um extraordinário corpo de baile, dirigido por Paulo José, com cerca de vinte e cinco figuras. Todas as noites há duas sessões ás 20 e 45 e ás 23 horas. Ao domingo á tarde há também espectáculo ás 16 horas, verificando-se á segunda-feira o descanso da Companhia

TAUROMAQUIA

Na Frente de Vila Franca

«Poderá um jornalista, ao cabo de certo tempo, continuar vendo do mesmo modo o espectáculo e, portanto, continuar fazendo as suas crónicas desde o mesmo ponto de vista? É possível que sim; é possível que não. É mais possível que não possa». Isto escreveu Azorin.

Assim, tentemos resumir o que ontem aconteceu na frente de Vila Franca em parte de guerra, que ninguém ignora que lavra guerra tauromáquica, cá entre empresários, e aqui ao lado entre guerrilheiros e empresários. Guerra, José Guerra, preparou para ontem batalha custosa, de grande dispositivo, e, se não faltaram efectivos no Sol, foram inferiores na Sombra, mas, enfim, sem saldo negativo. Na cavalaria, o quartel-mestre José Mestre Batista e o príncipe Luís Miguel, e na infantaria o espanhol Manuel Cortes e o português José Falcão. Munições da engenharia Góes, do Tejo, e de Pinto Barreiros, estes substituídos por outros da Agrícola-Pecuária do Vale do Sado, que o toureiro de Vila Franca queria bem apresentar-se na sua terra. Brava foi a primeira bala do Tejo, e bem disparou Mestre Batista e bem soaram ovações do conclave, mas de pólvora seca a de Luís Miguel, que bem se tapou. E não teve melhor sorte o espanhol Cortes, mas sim o português Falcão, toureiro de bom corte, com ovações na capa, bandarilhas e muleta, com música e volta ao campo de batalha.

Após a trégua do intervalo, disparou pela culatra para Mestre Batista, mas acertou no alvo Luís Miguel, ao som da música e com ovações e voltas após uma curta admirável. Manolo Cortes pôde, então, recordar-nos o seu êxito na Feira de Sevilha deste ano, porque a bala lhe permitiu parar-se bem, e ouviu música e ovações, e bem voltou a estar o nosso José Falcão, também com ovações e volta.

E voltas deram os pegadores de Lisboa nos quatro da noite, no final total, todos com Salvação aguentando-se bem, e que todos, bem unidos, bem se portaram. Bem o delegado António Dias na direcção.

Enfim nada de novo na frente Norte, mas, na de Lisboa, já se anuncia para hoje, no Campo Pequeno, a noite dos toureiros com Manuel Conde, David Teles, Fernando Salgueiro e o mexicano Gaston Santos na cavalaria e Amadeu e José Simões na infantaria.

«EL T. PÉREZ»

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

- **O mito de Édipo continua a interessar o cinema. Realizador Lorenzo Artale está a rodar uma película intitulada «Édipo», com argumento da antiga bailarina Aiche Nana, em colaboração com o comediógrafo Diego Fabri. Principais intérpretes: Christian Hay, Aiche Nana, Roberto Lande, Magali Noel e Massimo Serato.**
- **Depois de ter dirigido um dos episódios do filme «O Alibi», realizado de colaboração com Adolfo Celi e Luciano Luciganni, Vittorio Gassman vai agora rodar um filme de que também será o protagonista é que se intitulará «Gulliver».**
- **«If...», do realizador Lindsay Anderson, «Yellow Submarine», de George Lunnings, são as películas com que a Inglaterra vai concorrer à Semana Internacional de Cinema a Cores», que se realiza em Barcelona, de 11 a 19 de Outubro.**

AMANHÃ ÀS 21.30 VOLTA

AO TIVOLI PARA

4.ª SEMANA DE EXIBIÇÃO

"Chitty Chitty Bang Bang"

70 m/m

A MAIS ALUCINANTE FANTASIA NA HISTÓRIA DO ESPECTÁCULO!!!

UNITED ARTISTS

com Dick Van Dyke
Sally Ann Howes Lionel Jeffries
Baseado na prodigiosa novela de
IAN FLEMING
"Chitty Chitty Bang Bang"

com Gert Frobe · Anna Quayle · Benny Hill
e James Robertson Justice · Robert Helpmann
Prod de Albert R. Broccoli · Screenplay by Roald Dahl and Ken Hughes · Analiz.: Ken Hughes
Música e versos Richard M. Sherman e Robert B. Sherman · Coreografia de Marc Breaux Dee Dee Wood
Música supervisada e cond.: Irwin Kostal · Produto Design. Ken Adam
Filmado em SUPER-PANAVISION TECHNICOLOR

TECHNICOLOR Maiores de 12 anos

XIII FESTIVAL DE SINTRA

HOJE, 28 DE AGOSTO 21,30 HORAS

CONCERTO DE MÚSICA DE CÂMARA

PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ

SOLISTAS DE CÂMARA DE PRAGA

(14 SOLISTAS DA **ORQUESTRA FILARMÓNICA CHECA**)

Maestro director: **EDUARD FISCHER**

PROGRAMA

1.ª PARTE

Música de Câmara para cordas (1.ª audição) V. KALABIS

Therzo d'un Tombeau de Schumann (1.ª audição) J. REZAC

2.ª PARTE

Concerto em ré menor VIVALDI
(4 violinos, violoncelo, arcos e cravo)
Concerto Grosso, em ré maior, op. 6 n.º 5 HAENDEL

29 de Agosto 18,30 horas

CONCERTO DE MÚSICA DE CÂMARA

QUINTA DA PIEDADE

(Estrada velha de Colares) pelo mesmo conjunto

SOLISTAS DE CÂMARA DE PRAGA

Solista: IMOGÈNE COOPER (piano)

— à gentileza da SENHORA MARQUESA DO CADAVAL fica a dever-se a cedência da sua magnífica Quinta —

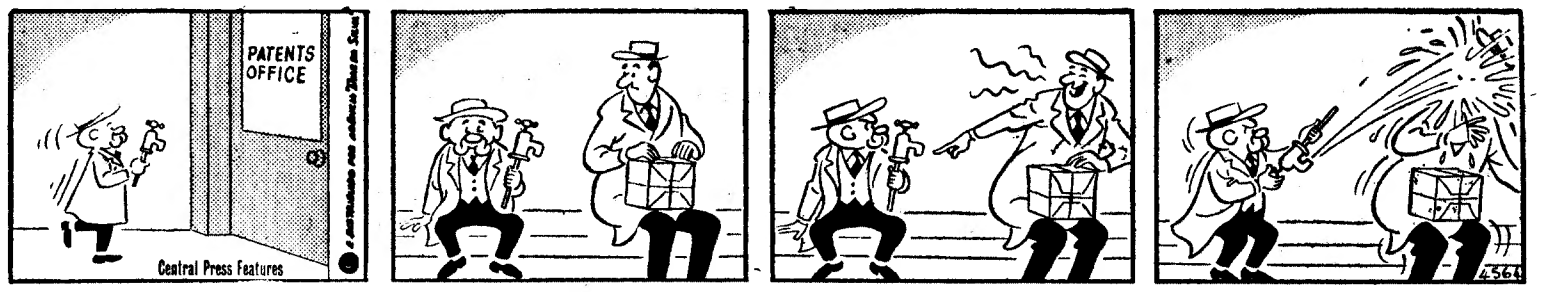
Os bilhetes para os espectáculos estão à venda: Agência do S.E.I.T., Praça dos Restauradores, Lisboa; Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril; e no Turismo de Sintra. No próprio dia poderão ser adquiridos desde as 20 horas, no local onde se realiza o espectáculo. Estão assegurados os transportes, de ida e volta, entre Lisboa-Sintra ou Queluz.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

Há 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 28 de Agosto de 1939 publicava:

«LONDRES, 28 — Anuncia-se, oficialmente, que todos os navios ingleses que se encontrarem nos portos do Báltico saiam dali o mais rapidamente possível e recolham a portos britânicos.

«O Almirantado deu, também, esta madrugada, instruções a toda a navegação inglesa para que evite entrar no Mediterrâneo, tanto pelo estreito de Gibraltar como pelo Canal de Suez.»

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto
ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada 64
LISBOA

Palavras cruzadas

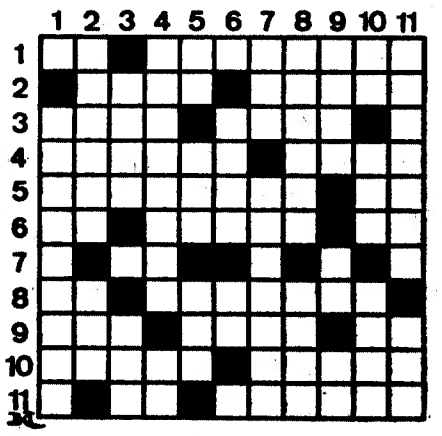
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5281

HORIZONTAIS: 1 — Existe. Jornais difamadores. 2 — Invulgar. Rugiu. 3 — Porção de curva. Comer á noite. 4 — A mais importante região da Checoslováquia, grande centro industrial e mineiro. Flutua. 5 — Aligeirei. Aspecto. 6 — A ti. Parte do pé vulgarmente chamada «peito do pé». Zomba. 7 — Enxerga. 8 — Reis (abrev.) Retrogradara. 9 — Seguios. Além disso. Preposição. 10 — Asa do nariz. Simples. 11 — Nota de musica. Apreciara.

VERTICAIS: 1 — Diminuiriam. 2 — Doce feito com o mosto de uvas. Malícia. 3 — Nome de uma árvore também chamada «bordo» Preposição. 4 — Dar esperanças. Pronome pessoal. 5 — Preposição e artigo. Planta labiada. Ave semelhante á avestruz. 6 — Pender. Entre nós. 7 — O qual. Espécie de caixão. 8 — Metal branco, combustível, cujo átomo pode cindir-se. Angolas. 9 — Apre! Partir. Aqui. 10 — Laço. Presentear. Acrescentar. 11 — Chuparia. Pronome pessoal.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5280

HORIZONTAIS: 1 — Eco. Empasta. 2 — Caeo. Ri. 3 — Abanca. Dr. 4 — Má. Ou. Dália. 5 — Custeei. Si. 6 — Ao. Al. PS. 7 — Pi. Mal. As. 8 — Aprazar. Ore. 9 — QUEM. Negue. 10 — Uis. Nó. IV. 11 — Erebo. Ameno.

VERTICAIS: 1 — Eram. Ataque. 2 — Baco. Puir. 3 — Oca. Prese. 4 — Anos. Iam. 5 — ESCUTA. Nó. 6 — Moa. Elmano. 7 — DE. Are. 8 — Arraial. Gim. 9 — SI. OUVE. 10 — Dispare. 11 — Atraisse. Dó.

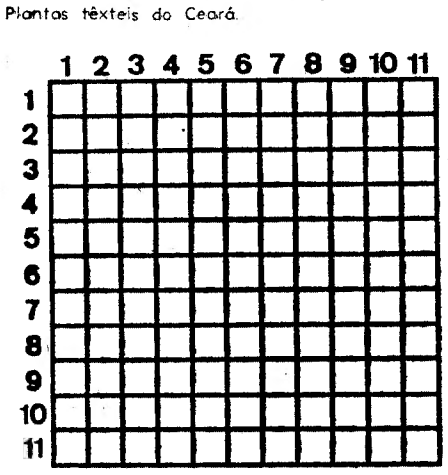
(Provérbio: QUEM ESCUTA DE SI OUVE).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9124

HORIZONTAIS: 1 — Cobrir. Ronha. 2 — Do feitio do ovo. Maneira. 3 — Suspiros. Pronome possessivo. Grande. 4 — Fizeram perder a pista. 5 — Estimais. Velho. 6 — Senhora. Em as. 7 — Nota musical. Prefixo de privação. Preposição e artigo definido. Duzentos em romano. 8 — Eia! Prefixo que designa ar. Igua. 9 — Cremes. Apoio. 10 — Apelido. Leva á sirga. 11 — Tostem. Fazes estrondo.

VERTICAIS: 1 — Estilo. Conto. 2 — Despachem. Publicação periódica. 3 — Fruta seca especialmente de uva (pl.) Prendes. 4 — O mais. Crisol. Guarneça de asas. 5 — Medicamentos líquidos, pouco activos, e que servem de bebida aos doentes. 6 — Eia! 7 — Acertara. 8 — Átomo (abrev.) Nome de homem. Botequim. 9 — Pretos. Ave palmípede. 10 — Livro de orações. Pequena embarcação. 11 — Guarneça de arames. Plantas têxteis do Ceará.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9123

HORIZONTAIS: 1 — Domar. Catar. 2 — Isara. Anulo. 3 — És. Astro. Vê. 4 — Tom. Oro. Dor. 5 — Asas. Pisa. 6 — Sul. Sol. 7 — Poça. Ruma. 8 — Aca. Mal.. Iam. 9 — Lá. Damas. Ra. 10 — Armar. Visar. 11 — Saíra. Emita.

VERTICAIS: 1 — Dieta. Palas. 2 — Oseos. Ocara. 3 — Má. Masca. Mi. 4 — Ara. Sua. Dar. 5 — Raso. Maná. 6 — Trá. Sam. 7 — Caro. Lave. 8 — Ano. Pôr. Sim. 9 — Tu. Dilui. Si. 10 — Alvos. Marat. 11 — Roera. Amara.

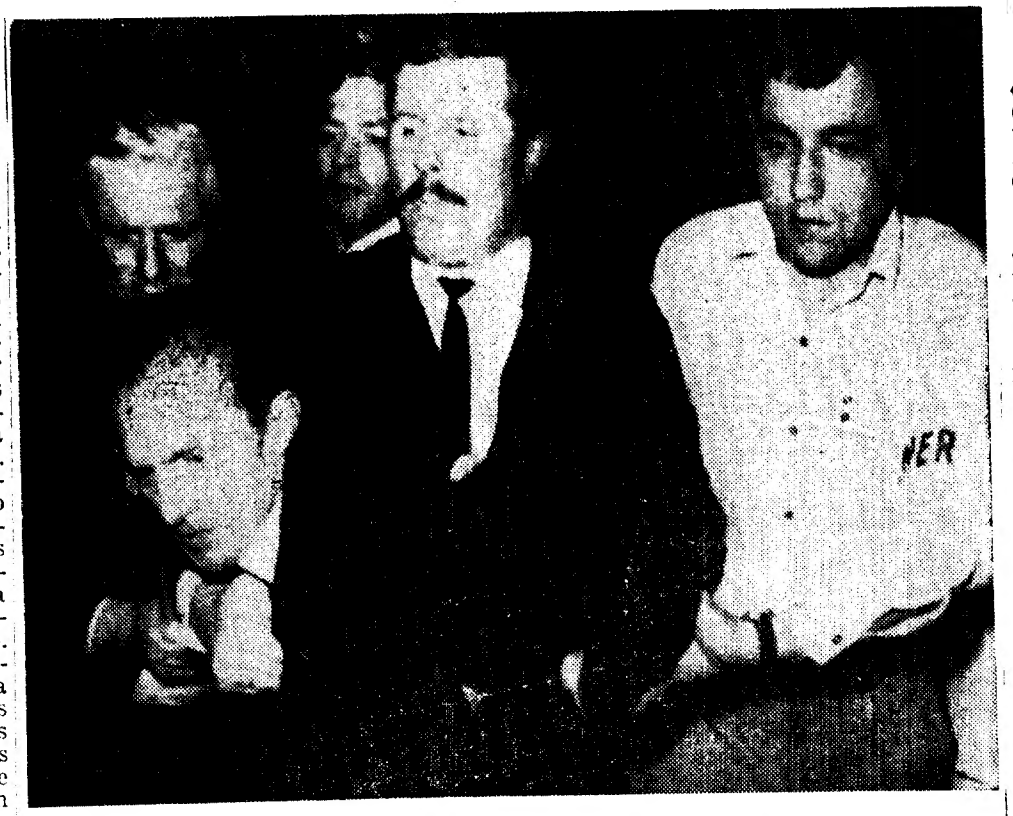
Actualidade internacional

«Enérgico protesto verbal» checoslovaco

PRAGA, 28. — (A. N. I.) — O Ministério checoslovaco dos Negócios Estrangeiros convocou os embaixadores norte-americano e inglês, bem como o encarregado de Negócios austríaco, para os informar de um «enérgico protesto verbal» pela publicidade dada por jornalistas dos três países aos acontecimentos da semana passada — anuncia a agência noticiosa Ceteka.

Os funcionários do Ministério queixaram-se «do conteudo e da forma» dessas noticias, de «insultos aos dirigentes checoslovacos» e de «tentativas para influenciar os acontecimentos politicos internos».

Ao embaixador norte-americano, que representa os interesses diplomáticos da Alemanha Ocidental, os funcionários checoslovacos solicitaram que informasse o Governo de Bonn de um «enérgico protesto» contra «a campanha antichecoslovaca» desenvolvida pelos jornais alemães.



CAMPANHA ELEITORAL NA ALEMANHA — Elementos do serviço de ordem do NPD expulsam um manifestante, durante um comício eleitoral daquele partido alemão da extrema direita, em Recklinghausen

A TEORIA DO ESCRITOR TRUMAN CAPOTE

(Continuação da 1.ª página)

os traficantes de droga, chegou diante da porta da vivenda Polanski em Bel Air, na noite de 8 para 9 de Agosto, pouco depois da meia-noite.

Levado por uma força obscura, bateu á porta, tendo préviamente cortado os fios telefónicos. Havia dois homens sentados na sala-de-estar, Frykowski e Sebring, e copos na mesa. Um dos dois homens levantou-se e abriu a porta.

O assassino entrou na sala, de pistola em punho e com uma faca no bolso. Obrigou os dois homens a chamar as outras duas pessoas da casa: Sharon Tate e Abigail Folger, que já dormiam.

Os criminosos paranoicos são frequentemente seres sexualmente «indefinidos», que se libertam da sua fraqueza com um banho de sangue. O desconhecido imaginou ligar as vitimas duas a duas. Sob a ameaça da pistola, Sharon Tate e Jay Sebring fizeram passar uma corda por uma viga do tecto e ligaram uma ponta da corda á roda do pescoço.

Estavam ligados de tal modo que não podiam mexer-se sem se arriscarem a estrangular-se mutuamente. Nesse momento, Frykowski e a sua amiga Abigail Folger, testemunhas impotentes da cena, tentaram fugir. Escaparam-se pela porta entreaberta e correram pela relva. O assassino alcançou-os e matou-os. Depois avistou os faróis de um automóvel, ao volante do qual se encontrava Steven Parent, a quinta vitima. O assassino tomou-o pelo guarda da casa e matou-o também.

Voltou então á sala e matou o casal que lá se encontrava. Cedendo, então, a um impulso caracteristico dos paranoicos, mergulhou a mão em sangue e, á guisa de assinatura, escreveu a palavra «pig» (porco) na porta da casa.

DUBCEK E SMRKOVSKY PODERÃO SER JULGADOS

LONDRES, 28 — (A. N. I.) — Nos circulos diplomáticos de Londres afirma-se que os comunistas que apoiam Moscovo procuram levar perante os tribunais comunistas Alexandre Dubcek e outros dirigentes checoslovacos que, durante um breve periodo, tentaram liberalizar o Partido Comunista na Checoslováquia.

É de prever uma depuração ao nivel nacional — diz-se nos mesmos circulos. Essa depuração tem por fim acusar Dubcek e os seus partidários de «sabotarem o comunismo na Checoslováquia».

Pretende-se «provar» a existência de uma conspiração anticomunista naquele país, para assim justificar a invasão russa do ano passado. Entre as pessoas a atingir, além de Dubcek, conta-se Josef Smrkovsky.

Dubcek dirigiu a revolta do Partido contra a ditadura estalinista de Antonin Novotny e foi secretário-geral do Partido até á invasão russa. Os russos também demitiram Smrkosky dos lugares cimeiros do Partido. Ambos passaram a simples deputados e embora desempenhem cargos oficiais, a verdade é que não disfrutam do menor poder.

O endurecimento da política de Praga, publicamente louvado por Moscovo, nos ultimos dias, com as violentas medidas contra a liberalização — medidas idênticas ás empregadas por Nonotny — conduzirá a depurações que poderão atingir o próprio chefe do Partido. Gustav Husak — afirma-se ainda nos circulos diplomáticos.

Muito dependerá da firmeza com que forem aplicadas as novas leis repressivas e da rapidez com que desaparecerem os ultimos vestigios da oposição em todo o país.

PRESSÃO SOVIÉTICA

O Kremlin, decidido a extirpar os ultimos focos de resistência, mantém sob estrita vigilância os dirigentes de Praga.

Algumas das suas decisões, as mais duras, estão abertamente ligadas de forma muito intima a Moscovo, no que se refere á orientação e direcção da situação. Moscovo tem insistido, até agora sem êxito, pelo reconhecimento oficial das suas afirmações de que a invasão da Checoslováquia, no ano passado, era justificada e fora aprovada por órgãos responsáveis do Partido e do Governo. O Kremlin continua a exercer forte pressão para que esta tese seja apoiada pelo Governo de Praga.

Aeroporto flutuante

NOVA YORK, 28 — (R.) — Um negociante do Texas projecta começar a construir no próximo ano uma combinação de aeroporto internacional e de porto flutuantes no Oceano Atlantico.

O complexo da era do espaço — a 48 quilómetros ao largo de Nova York — terá 14 pistas de aterragem, espaço para o atracamento de 480 navios, armazéns, blocos de escritórios e um hotel.

GOLPE SOVIÉTICO CONTRA O COMPLEXO NUCLEAR CHINÊS

— UMA DE TRÊS POSSÍVEIS INICIATIVAS DE MOSCOVO

WASHINGTON, 28 — (R.) — O alarme do Governo dos Estados Unidos perante as possibilidades de uma guerra entre a China e a U.R.S.S. tem aumentado após as notícias chegadas a Washington de um provável golpe soviético contra o complexo nuclear chinês, no Sinkiang — escreve hoje o «Washington Post».

Diz o jornal que, segundo as notícias, os russos têm estado a fazer inquéritos discretos entre dirigentes comunistas da Europa Oriental e Ocidental sobre as reacções que um tal ataque poderia provocar.

Por enquanto, desconhecem-se as respostas a esse inquérito.

«As notícias são consideradas autênticas, mas concede-se que pode haver certa especulação como parte da guerra psicológica do Kremlin contra o regime de Mao Tsé Tung» diz o «Washington Post».

No seu editorial, o jornal de Washington diz que é opinião do Governo norte-americano «haver pelo menos três possiveis táctica soviéticas de maior envergadura».

ATAQUE PREVENTIVO?

Segundo o jornal, essas possibilidades seriam:

— Um extenso recontro fronteiriço iniciado por Moscovo, durante o qual uma ampla força chinesa seria destruída.

— Uma tentativa para submeter os grupos raciais minoritários na provincia do Sinkiang.

— Um ataque preventivo terrestre ou por meio da aviação, em grande demonstração de força.

«A ultima possibilidade seria de longe a mais grave e pensa-se que conduziria a um grande conflito, senão a uma guerra total, incluindo na destruição do complexo nuclear chinês sobre o qual se focam as notícias em causa. Supõe-se, porém, que o ataque a desenvolver pelos russos seria feito com bombas convencionais» — acrescenta o jornal.

PRESOS NO CHILE DIRIGENTES CASTRISTAS

SANTIAGO DO CHILE, 28 — (R.) — O Governo chileno ordenou hoje a prisão de todos os dirigentes do Movimento Revolucionário da Esquerda (MIR), após uma alegada revelação de que o grupo castrista recebera ordens de Cuba para formar um exército clandestino.

A Polícia desta cidade disse que Sérgio Perez Molina, de 25 anos, preso com dois outros homens acusados de assaltarem na segunda-feira um banco nesta capital, lhe declarara que regressara de uma visita de seis meses a Cuba em Janeiro, com ordens especiais para o MIR.

Molina revelou, também, que o MIR realizara uma série de assaltos a bancos, roubos de automóveis e outros ataques para financiar um exército secreto.

AVIÕES CATALINA E HELICÓPTEROS CONTRA INCÊNDIOS

DRAGUIGNAN (Var), 28. — (F. P.) — Os serviços de incêndios do departamento do Var tiveram de lutar, ontem, contra 21 incêndios. Dois foram particularmente importantes, parecendo que um deles foi fogo posto, por ter tido origem em sete locais diferentes.

Além de várias dezenas de corporações de bombeiros e de uma centena de militares, foram usados na luta contra os fogos helicópteros e aviões-cisterna do tipo «Catalina». A maioria dos fogos pôde ser dominada ao cair da noite.

Vinte e quatro bombardeamentos no Vietnam

SAIGÃO, 28 — (F. P.) — O Vietcong efectuou 24 bombardeamentos durante a noite de ontem para hoje, segundo anunciou um informador norte-americanno.

Oito destes bombardeamentos são considerados importantes, tendo havido mortos e feridos no distrito de Cai-Lay, perto de My Tho.

No delta (sector de Bac Lieu), as forças sul-vietnamianas sofreram pesadas baixas, por se ter registado um recontro com uma unidade contrária, que por sua vez, abandonou 44 corpos no campo de batalha.

MIL BRANCOS ARMADOS À SOLTA NUMA CIDADE

FOREST HILLS (Arkansas), 28 — (R.) — Tropas e Polícia patrulhavam hoje esta cidade, no Leste do Arkansas, após cerca de mil brancos, armados, percorrerem ontem, furiosos, as ruas exigindo a manutenção da lei e da ordem.

Foram voltados automóveis e transeuntes atacados por uma multidão que protestava contra alegada moderação da Polícia para com criminosos.

As autoridades impuseram um recolher obrigatório desde o anoitecer até ao alvorecer e dispersaram uma multidão de cerca de 50 brancos e 25 negros, que se insultavam uns aos outros numa rua.

Noutra parte da cidade, foram presos oito brancos, por estarem armados de pistolas e carabinas.

A manifestação de ontem registou-se defronte do posto da Polícia da cidade, onde um dirigente militante negro e três jornalistas foram espancados pela multidão.

Dois casos de estupro nos ultimos cinco dias aumentaram a tensão racial em Forest Hills, após cinco meses de boicotagens e manifestações de protesto dos negros.

✝

MARIA DE JESUS MARREIROS

FALECEU

Seus filhos, noras, irmã e sobrinhos cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida mãe, sogra, irmã e tia e que o funeral se realiza amanhã, ás 10 horas, da Capela da Rua Josefa Maria — n.º 13, para o cemitério do Alto São João.

P. N. A. M.

AGÊNCIA SALGADO

MRS RACHEL NELSON

We Regret To Announce The Death Of Mrs. Rachel Nelson, Mother Of Mrs. Renée Tyson, Who Died At The British Hospital on 27 August.

Service in St. Andrews Church, Rua d'Arriaga, Friday 29 August at 11 a. m. Burial in British Cemetery At 11.30 Am.

AGÊNCIA BARATA

As estrelas do mar ameaçam ilhas do Pacífico Sul

WASHINGTON, 28 — (F. P.) — O aumento da proliferação das estrelas do mar ameaça as ilhas do Pacífico Sul — revelaram cientistas norte-americanos, que acabam de efectuar uma expedição oceanográfica na ilha de Guam.

«O que se passa é totalmente novo, pois não há provas de nada semelhante no passado» — declarou Bernard Zahuranec, membro da expedição, que passou cinco semanas na região, para fotografar as destruições causadas pelas estrelas do mar, que matam o coral á cadência de um quilómetro por mês.

«Parecem criaturas dos livros de ficção científica. Se cortamos uma estrela do mar ao meio, vemos os dois bocados tornarem-se seres completos. Se as cortamos em quatro, elas convertem-se em outras tantas estrelas» — comentou, por seu lado, outro membro da expedição, Willard Vary. As estrelas em questão são conhecidas pelo nome científico de «ancasther planci» e pelo nome popular de «coroa de espinhos». Até agora, os oceanográficos não conseguiram descobrir a razão que leva as «coroas de espinhos» a multiplicar-se a um ritmo tão superior ao dos seus inimigos naturais. Esta reprodução incompreensível constitui já um problema para a vida submarina, pois a destruição do coral dos recifes que rodeiam as ilhas do Pacífico Sul pode causar dano á existência dos peixes o principal recurso alimentar das populações locais — e até mesmo á protecção nas ilhas contra as vagas do Pacífico e a erosão dos ventos. Os membros da expedição calculam que as estrelas do mar já destruiram 25 800 hectares da Grande Barreira Australiana.

MALOGROU-SE UM LANÇAMENTO ESPACIAL

CAPE KENNEDY (Florida), 28. — (A. N. I.) — Um foguetão «Delta», que levava para o espaço dois satélites da N. A. S. A., começou ontem a desviar-se da sua rota e foi destruído sobre o Atlantico — anunciou em Cape Kennedy um informador da agência espacial.

Um dos dois satélites que seguiam a bordo do foguetão, o «Pioneer-10», que custou 14 milhões de dólares (406 mil contos), destinava-se a uma missão de 368 dias em volta do Sol, para reforçar a rede de «estações meteorológicas» interplanetárias que fornecem previsões para os voos lunares.

O outro satélite, com 20 quilos de peso, destinava-se a permanecer em órbita terrestre, para servir como alvo de treino ás estações de rastreio do programa Apolo.

ALGÉS

✝

RAUL ANTÓNIO CAVALEIRO

2.º Tenente Reformado da Armada

FALECEU

Francelina Pereira Cavaleiro; Maria Luísa Pereira Cavaleiro Martins Vágueiro seu marido Carlos Hernani Matos Martins Vágueiro, Maria Amélia Cavaleiro Martins Vágueiro Saraiva Sequeira, seu marido António Alberto Saraiva Sequeira e filho e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações que foi Deus servido chamar á sua divina presença a alma do seu querido e chorado, marido, pai, sogro, avô, bisavô e parente cujo funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas da Capela dos Anjos em Algés para o talhão dos Combatentes, no cemitério de Carnaxide.

Trata: AGÊNCIA MACHADO DA COSTA

O HOMEM FAZ O TEMPO ROLA A OBRA CRESCE

No caminho do progresso, participamos de um esforço comum, para construir realidades perduráveis.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS
LISBOA
Rua Braamcamp,5
PORTO
Av. dos Aliados, 58-64
LUANDA
Av. Duarte Pacheco Pereira, 12
LOURENÇO MARQUES
Av. Fernão de Magalhaes, 2

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

S. MIGUEL — UMA ESMERALDA NO ATLÂNTICO (3)

A conquista do Continente

Por ENCARNAÇÃO VIEGAS

Para além das culturas que poderemos apelidar de tradicionais na ilha de S. Miguel, como as já apontadas da beterraba e do tabaco, outras conhecem uma fase de desenvolvimento, mercê do surto de industrialização que se observa no arquipélago.

Embora não tomemos em conta, a importante riqueza inexplorada, que constitui a abundância das mais variadas espécies de mariscos (o preço máximo de venda ao publico da lagosta não vai além de cento e dez escudos cada quilo) cujo volume de exportação se situa a um nível exageradamente baixo se atentarmos na potencialidade exportadora da ilha e de todo o arquipélago açoriano, podemos, no entanto, incluir entre as possíveis fontes de mais seguro rendimento da ilha de S. Miguel, a exportação de citrinos, particularmente de laranjas.

Não se trata evidentemente de uma actividade nova. Bem pelo contrário. A laranja de S. Miguel, mereceu, durante largo tempo, a preferência de alguns mercados, sobretudo do inglês, numa época em que a Grã-Bretanha tinha de nos compensar de algum modo, do elevado numero atingido pelas importações portuguesas dos seus produtos.

A verdade, porém, é que essa condição preferencial perdeu-se: talvez devido a uma desactualização das novas técnicas de cultura as laranjas de S. Miguel foram atacadas por destruidor micróbio e a exportação desse apetitoso fruto quase roçou o zero absoluto.

Actualmente, c'o'n't u do, desenvolvem-se os maiores esforços para a reconquista desses mercados perdidos. Tarefa difícil e ingrata se consderarmos as coligações económicas que perdominam no continente europeu; particularmente no sector agrícola. — «**Sabe, os ingleses agora não nos compram nada. O regime de austeridade em que vivem quanto a importações, não lhes permite a compra, no estrangeiro, de artigos que não serão exactamente de primeira necessidade**». A informação é que de um natural da ilha, que recordou, saudosamente, o periodo áureo da exportação da fruta micaelense que tanta prosperidade trouxe para a ilha.

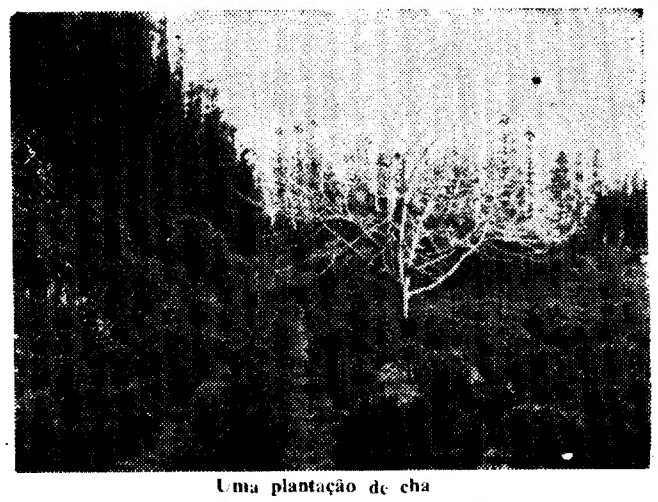
De qualquer modo e embora os ingleses não possam agora constituir a primeira linha de consumidores, fomenta-se, com acentuado entusiasmo, o desenvolvimento dos laranjais, no desejo, de possível concretização, de se reforçar a economia açoriana. «**Outros mercados** — disse-nos o nosso informador — **poderão compensar-nos do abandono dos ingleses**».

O maior orgulho

O açoriano, já o referimos em anterior crónica, tem um alto conceito de nacionalidade. Apesar da vaidadezinha que o leva a utilizar o idioma inglês nas ocasionais vindas á terra-mãe, ele raramente abdica da sua condição lusófila nos países distantes para onde emigra. Considera-se sempre português em todas as circunstâncias, e assenta este seu procedimento em raízes históricas citando com frequência famílias da mais pura linhagem, originàriamente açorianas e micaelenses. Fala, ainda com vaidade da presença nas letras portuguesas de altas figuras do arquipélago que, como Antero de Quental atingiram a mais elevada expressão. Mas para o açoriano o seu maior orgulho situa-se na façanha dos seus antepassados que, em Junho de 1832, acompanharam D. Pedro IV no desembarque do Mindelo, para a conquista do continente e restauração das liberdades constitucionais. — «**Conquistámos o continente**», ouvimo-los dizer com frequência. E afirmam-no com a convicção plena de que o fizeram, apenas pelo valor dos seus 7500 conterraneos.

No fundo, eles apenas querem compartilhar dos destinos da pátria-mãe. Compreensível e lógico se recordármos terem sido aquelas ilhas mandadas povoar por metropolitanos. As suas raizes étnicas situam-se verdaderamente, entre o Minho e o Algarve. O isolamento que através dos séculos lhe tem sido imposto pela sua condição de ilhéus é que lhes terá alterados os hábitos e o ânimo.

Aspecto da costa norte da ilha de S. Miguel



Uma plantação de cha

CONTINUAM EM VÁRIOS P

Continuam a irromper incêndios em vários pontos do País. Causas: o excessivo calor, tiros de pedreira, descuidos e actos criminosos. Abnegados, os bombeiros têm acorrido a todas as chamadas. Mas as chamas são teimosas...

● **UM TIRO DE PEDREIRA ORIGINOU UM INCÊNDIO EM MONTADOS DE CAMINHA**

CAMINHA, 28 — O fogo consumiu montados na freguesia de Azevedo, deste con-

celho, fog
um tiro
Queima
as chama
das pelo
nias da f
Âncora, d
metros d
perani.
Combat
bombeiros
vila, sold
de Viana
populares

● **EUC
NHE
DOS**

Durant
chamas l
de intens
to, eucali
ma exten
tros, na
principal
Sabugo. C
extinto á
presentes
Belas, A
Aguiar
Martins.

● **AME
BE D
TOR**

No pin
fe do E
chamas,
numa ár
tros, bem
denas de
tos. Mais
ros parti
te ao fo
ameaçar
rio Patí
imo.

● **DAN
BRI
EM**

A fáb
máquinas
sa», em
nificada
dio, prov
-circuito
de carpi
Ficaram
mazéns
rios.
Os pre

● **EM
TAL
NAV**

Incênd
porções f
ou na r
de Lisbo
de cinco
pinheiros
Os risc
foram en
ximo ex
que pert
Material
Naval e
vel quan
Tudo,
a esse po
dos Volun
Cacilhas
rência e

● **FOG
MÃ**

ALVIT
mão cr
incêndio
te Conde
Luís Pe
de quan
nha de
quatro
dos de

A DERROCADA DA AVENIDA MIGUEL BOMBARDA

OS SENHORIOS NUNCA CUMPRIRAM AS INTIMAÇÕES PARA FAZER OBRAS

—ESCLARECE O PRESIDENTE DA CÂMARA

Com referência á reportagem publicada na nossa edição de 26 de Agosto acerca das derrocadas de prédios na Av. da República, recebemos do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, general França Borges, o seguinte esclarecimento:

«Por vistoria efectuada em 22 de Junho de 1967 ao prédio em causa, (Av. da República, 35, tornejando para a Av. Miguel Bombarda, 13/19), verificou-se que o mesmo apresentava deficiências que afectavam não só as condições de salubridade mas também as próprias condições de segurança, razão que levou os serviços a intimar as obras de reparação e consolidação necessárias.

Os seus proprietários limitaram-se a solicitar a prorrogação do prazo marcado para a execução das obras, tendo o respectivo requerimento merecido o despacho de indeferido.

Atendendo a que as condições de estabilidade se agravavam progressivamente, foram efectuadas várias vistorias e promovidas as intimações correspondentes não tendo os senhorios dado cumprimento ás referidas intimações.

Verificando-se que as obras já não poderiam ser efectuadas, em face do agravamento das condições de segurança, com a permanência dos inquilinos, foi intimado o despejo das suas instalações, e notificados os mesmos que, nos termos legais, lhes ficava garantido o direito á reocupação do prédio, uma vez feitas as obras de reparação.

Pelo facto de não ter sido por alguns dos inquilinos cumprida a intimação do despejo, foi o Município coagido a solicitar do Bairro Administrativo o seu despejo coercivo, o qual terá lugar no próximo dia 28.

Tem, portanto, esta Camara Municipal actuado com toda a celeridade no sentido de salvaguardar os interesses dos inquilinos e evitar aos mesmos maiores prejuízos.

Não tém, no entanto, quer os proprietários do imóvel, quer os locatários, correspondido ás diligências deste Município.

A actuação desta Camara é firmada no sentido de defender a vida e haveres dos inquilinos, tendo presente o estado imiente de derrocada a que os respectivos proprietários, com a sua atitude, deixaram chegar o seu prédio.

N. R. — A carta do sr. presidente da Camara corrobora inteiramente as afirmações incluídas no relato que fizemos do caso. O mesmo relato foi, também, confirmado pela carta da Associação dos Inquilinos Portugueses que inserimos na nossa edição de ontem.

ÁLVARO CASSUTO VAI REGER NOS E. U. A. UM CONCERTO DE MÚSICA PORTUGUESA

NOVA YORK, 28—(A. N. I.) — O maestro português Álvaro Cassuto vai reger a 11 de Novembro a Orquestra Sinfónica de Peabody, em Baltimore, no Estado de Maryland.

O programa do concerto, será inteiramente dedicado á música portuguesa — o primeiro deste género nos Estados Unidos.

O jovem maestro português, recentemente galardoado com o principal prémio norte-americano para música sinfónica — o «Prémio Koussevitzky» — regerá o concerto em que serão interpretadas obras de Sousa Carvalho, de João Domingos Bom Tempo, de Luís de Freitas Branco e de Joly Braga Santos.

Verifica-se particular interesse nos meios musicais pela Quinta Sinfonia, de Joly Braga Santos, dada a recente decisão da Unesco de o considerar no oitavo lugar entre os principais compositores contemporaneos.

Álvaro Cassuto dará, também em Novembro, concertos em Milão, na Itália, e no mês de Dezembro em Atenas.

O maestro português deve dirigir, no próximo ano, concertos no Canadá.

AS JÓIAS AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES!
FUNDADA EM 1870
RUA D. DUARTE 4-B
(Edificio do Hotel Mundial)

JAPÃO...
...e ainda
TAIPÉ
HONG KONG — Macau
BANGUECOQUE
TEERÃO
BEIRUTE
ATENAS
25 MARAVILHOSOS DIAS NO FASCINANTE ORIENTE
PARTIDA DE LISBOA
— em 19 de Setembro —
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A
SAS
Rua Joaquim António de Aguiar, 41 — LISBOA — Telef. 4 93 74

Pasta Medicinal Cou

AM OS INCÊNDIOS S PONTOS DO PAÍS

elho, fogo ocasionado por m tiro de pedreira.

Queimando mato e árvores, s chamas avançaram, atiçadas pelo vento, até ás cercanias da freguesia de Riba de ncora, distante cinco quilómeros do local onde irromperam.

Combateram o incêndio ombeiros voluntários desta la, soldados da guarnição Viana do Castelo e muitos populares

EUCALIPTOS E PINHEIROS DESTRUÍDOS EM SINTRA

Durante a madrugada, as hamas lamberam, com grande intensidade, restolho, mato, eucaliptos e pinhais, numa extensão de dez quilómetros, na região de Sintra, principalmente em Albogas e abugo. O fogo foi dado como xtinto ás 6 e 30. Estiveram presentes as corporações de Belas, Amadora, Queluz, gualva e Algueirão-Mem Martins.

AMEAÇADO O CLUBE DE GOLFE DO ESTORIL

No pinhal do Clube de Golfe do Estoril irromperam hamas, que destruíram mato uma área de dez mil metros, bem como algumas centenas de pinheiros e eucaliptos. Mais de setenta bombeiros participaram no combate ao fogo, que chegou a meaçar a quinta do milionário Patiño, situada ali próximo.

DANIFICADA A FÁBRICA MESSA EM EM MEM-MARTINS

A fábrica portuguesa de máquinas de escrever «Messa», em Mem-Martins, foi danificada por violento incêndio, provocado por um curto-circuito ocorrido na oficina de carpintaria.

Ficaram destruídos os armazéns de material e acessórios.

Os prejuízos são avultados.

EM PERIGO AS INSTALAÇÕES DA BASE NAVAL DE LISBOA

Incêndio de grandes proporções foi o que se manifestou na mata da Base Naval de Lisboa: calcinados cerca de cinco hectares de mato e pinheiros.

Os riscos que se correram foram enormes, dado que próximo existe um laboratório que pertence á Direcção de Material de Guerra e Tiro Naval e nele havia apreciável quantidade de explosivos.

Tudo, no entanto, quanto a esse pormenor correu bem: os Voluntários de Almada e Sacoilhas actuaram com inteligência e sangue frio.

FOGO ATEADO POR MÃO CRIMINOSA

ALVITO, 28. — Ateado por mão criminosa, declarou-se incêndio na herdade do Monte Conde, propriedade do sr. Luís Pereira, ardendo grande quantidade de toros e lenha de eucalipto, e mais de quatro quilómetros quadrados de pastagens dentro de um olival, que também ficou bastante danificado.

VEIO DO BRASIL PARA SE QUEIMAR EM VISEU...

VISEU, 28 — Num incêndio ocorrido no perímetro florestal de S. Lourenço, originado provàvelmente por uma queimada, foi atingido pelas chamas, tendo de ser internado no hospital desta cidade, o sr. Benjamim Martins, de 52 anos, viuvo, residente no Brasil, e presentemente em férias na sua terra natal.

ONZE PESSOAS SEM LAR

CACIA, 28 — O fogo destruiu a habitação do sr. António Joaquim Rebelo dos Anjos, casado, pai de 9 filhos.

Causa do incêndio: um fósforo lançado sobre palhas armazenadas por uma sua filha, Adelaide, de 5 anos.

FOGO NUM PALACETE ASSALTADO MOMENTOS ANTES

Talvez provocado criminosamente, um incêndio destruiu uma vivenda na Alameda das Linhas de Torres, pertencente ao sr. João Baptista Condeira, que se encontra fora de Lisboa há cerca de dois anos.

Pensa-se que o prédio, antes de o fogo irromper, foi assaltado, uma vez que os bombeiros encontraram várias salas completamente remexidas: gavetas abertas, objectos no chão, etc.

Acudiu ao sinistro o Batalhão de Sapadores Bombeiros.

AUTOMÓVEL PASTO DAS CHAMAS

Próximo da praia do Tamariz, no Estoril, devido a curto-circuito, incendiou-se um automóvel do sr. José Mendes Grilo Junior, residente na Graça. O veículo ficou completamente destruído.

O Chefe do Estado segue hoje para a Madeira

PONTA DELGADA, 28. — (L.) — O Chefe do Estado, no ultimo dia do curto período de repouso passado nesta ilha de S. Miguel, deslocou-se a um dos pontos mais belos, a Ribeira da Povoação, onde lhe foi proporcionada uma pescaria ás trutas.

Ontem participou de uma caçada aos pombos, na qual o sr. almirante Américo Thomaz foi, mais uma vez, o primeiro, abatendo 44 pombos bravos.

Ao fim da tarde de hoje, após um jantar íntimo, no Palácio da Conceição, o sr. almirante Américo Thomaz, acompanhado de sua esposa e da comitiva, embarca no paquete «Funchal», com destino á Madeira, onde o espera um pesado programa, no dia 30.

A sua chegada a Lisboa está prevista para segunda-feira, 1 de Setembro.

Alheio á trepidação da cidade, este homem entregou o corpo ao sol e dormiu o sono dos justos, em pleno coração lisboeta. As mini-saias que nos visitam e os gritos de crianças não conseguiram despertá-lo para esta vida soalheira mas nem por isso mais fácil. Talvez que só tenham conseguido povoar de coisas boas os sonhos de um homem cansado na cidade indiferente

AS PARTICIPANTES NO CONCURSO INTERNACIONAL DE BELEZA (MARIA ISABEL ENTRE ELAS) JÁ ESTÃO TODAS EM TÓQUIO

TÓQUIO, 28 — (A. N. I.) — Milhares de pessoas aguardavam a chegada das quarenta e oito representantes de outros tantos países da Europa, do Próximo Oriente e do Sudoeste Asiático, as quais vão participar no Concurso Internacional de Beleza, que há dez anos se realiza, • (segunda vez no Japão), para selecção da Rainha Internacional de Beleza de 1969. As jovens viajaram em dois aviões da Japan Air Lines e desfilaram no aeroporto desta cidade envergando os trajos nacionais dos seus países. No grupo de beldades internacionais, Maria Isabel Rosa Pinho, vencedora do concurso promovido pelo «Diário de Lisboa» e, por isso, representante de Portugal no grande certame de beleza, vestia o trajo de Paços de Brandão (Douro Litoral).

A eleição da Rainha Internacional de Beleza, que se realiza em 12 e 13 de Setembro, decorrerá no Grande Salão de Budokann, o Palácio da Arte Marcial, construído para as Olimpíadas de Tóquio, em 1964. Antes, porém, as jovens visitarão as cidades de Kioto, Osaka e Nakoya, e surgirão nos programas TV de maior audiência.

O desfile automóvel em Tóquio está marcado para 7 de Setembro, iniciando-se no Palácio dos Desportos de Hibiya, num parque do centro da cidade, dirigindo-se até á estação nacional dos caminhos-de-ferro. No dia seguinte, as jovens representantes de dezenas de países visitam o primeiro ministro do Japão, Eisaku Sato e o ministro dos Negócios Estrangeiros Kilchi e Aichi e terão ainda oportunidade de conhecer Tóquio, hoje a maior cidade do Mundo, pois a sua população cifra-se presentemente em onze milhões de habitantes.

A sua chegada a Tóquio, a nossa representante foi entrevistada e afirmou:

«É ainda muito cedo para dizer qual de nós vai ganhar. Não concordo que se apontem desde já favoritas, pois nem o publico nem o juri tiveram ainda oportunidade de apreciar os dotes das diversas candidatas.»

As representantes do Brasil, do Canadá, das Filipinas e da Tailandia são apontadas pela imprensa japonesa como favoritas para a conquista do título.

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

TSAI SISTERS
Vedetas chinesas do "music-hall" internacional

FREDIANI BROTHERS
originais acrobatas e fantasistas

NORBERTO MARTINHO

BLUEBELL GIRLS' SHOW

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wonder bar à 1.30h m/21anos
STORMY SUMMERS
só no wonder bar

No CINEMA às 17 e às 21.30 h.
A PISCINA
(M. 17 anos)

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preços compramos: Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 57

outo Evita e trata doenças da boca... PORQUE É MEDICINAL

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Realiza-se em Évora o VIII Encontro Liamista

ÉVORA, 28 — É nesta cidade de tão antiga tradição universitária que se efectua o Encontro Liamista deste ano, o oitavo da série. Decorrerá de 1 a 8 do próximo mês.

Incluída no seu programa, está, também, a excursão ás maravilhosas Grutas de Aracena e a Sevilha, nos dias 5 e 6.

As numerosas inscrições, perto de 400, demonstram o interesse e o alcance pedagógico-missionário e nacional destes «encontros». Estão representadas todas as escolas do Magistério do País. Os temas de estudo e análise, as sessões práticas em diálogo vivo, os momentos de amena e culta diversão, o ambiente de alegria e camaradagem, tudo tem concorrido para que estes encontros, além de muito proveitosos para a complementar valorização dos mestres, hajam conseguido impor-se á simpatia dos participantes e do publico, sempre numeroso, que os acompanha.

Este ano, o tema geral dos estudos é o seguinte: «A vocação missionária na dinâmica da pedagogia escolar» ou «Sinais dos tempos e vocação missionária» Este tema será dividido em seis conferências de especialistas. Na sessão de encerramento usará da palavra o dr. Luís Filipe Oliveira e Castro, do Ministério do Ultramar, sobre o tema: «O missionário no desenvolvimento global da Comunidade Portuguesa».

Entre os que estarão presentes no encontro contam-se os srs. arcebispo de Évora, o governador civil e presidente da Camara, autoridades escolares, etc. Em Sevilha, á manifestação colectiva no alto do Monumento de S. Juan de Aznalfarache presidirá o cardeal Monreal, da capital andaluza.

É a Liga Intensificadora da Acção Missionária (L. I. A. M.), dos Missionários do Espírito Santo, que através dos seus nucleos, organiza estes encontros.

Associação de Patinagem de Aveiro

Tomou posse a primeira Comissão Administrativa da Associação de Patinagem de Aveiro, que fica sendo presidida pelo eng.º Manuel Góia.

J.J.GONÇALVES SUCRS.S.A.R.L.
ao serviço da lavoura

fertilizar em profundidade resulta...

Vicon

...O ÁCIDO FOSFÓRICO E A POTASSA DEVEM SER LEVADOS AO NÍVEL DAS RAÍZES.

O LOCALIZADOR DE SUBSOLO VICON, CHEGA A UMA PROFUNDIDADE DE 20 A 40 CM. FIXA-SE FACILMENTE AO TRACTOR E ESTA EQUIPADO COM RELHA INTERMUTAVEL DE PONTA REVERSIVEL.

PARA ESPALHAR O ADUBO EM LINHA E AO PÉ DAS ARVORES, UTILIZEM OS TUBOS VICON DE DESENHO ESPECIAL.

Vicon
SOLICITE INFORMAÇÃO COMPLETA
Nome _____
Direcção _____

AZINHAGA DOS LAMEIROS - ESTRADA DO PAÇO DO LUMIAR - LISBOA-4
TELEF. 79 40 95 - 79 40 96 - 79 40 97 - 79 40 98

S. R.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Matrículas para admissão aos cursos de Preparadores de análises, técnicos de fisioterapia, técnicos de radiologia e técnicos de cardiologia

Para conhecimento geral se publica que de 1 a 20 de Setembro corrente estão abertas no Centro de Preparação de Técnicos e Auxiliares dos Serviços Clínicos que funciona junto dos Hospitais Civis de Lisboa, as matrículas para admissão aos cursos de Preparadores de Análises, técnicos de fisioterapia, técnicos de radiologia e técnicos de cardiologia, levados a efeito ao abrigo da Portaria n.º 18 523, de 12 de Junho de 1961.

As condições de admissão aos referidos cursos são as seguintes:

a) Habilitação do 2.º ciclo dos liceus ou exame de admissão aos institutos industrial e comercial ou ainda o exame da 4.ª classe, da admissão aos liceus ou ás escolas técnicas e cinco anos de exercício da profissão de um curso auxiliar correspondente ao curso técnico que se deseje adquirir.
b) Robustez física necessária.
c) Idade mínima de 17 anos.
d) Bom comportamento moral.

Os candidatos deverão apresentar, para efeitos de matrícula os seguintes documentos:

1. Requerimento feito em papel selado dirigido ao Director do Centro de Preparação de Técnicos e Auxiliares dos Serviços Clínicos dos Hospitais Civis de Lisboa, solicitando a admissão ao curso.
2. Bilhete de Identidade.
3. Certidão narrativa simples de registo de nascimento.
4. Documento comprovativo da habilitação exigida.
5. Atestado de bom comportamento moral e civil passado pela respectiva Junta de Freguesia, ou pelo pároco da residência habitual do candidato
6. Certificado do B. C. G.

Os candidatos á matrícula serão sujeitos a um exame médico no Centro, para se averiguar se possuem as condições físicas necessárias sendo igualmente submetidos a um exame de admissão, cuja data oportunamente se indicará.

Toda a documentação exigida deverá ser entregue na Secretaria do Centro — Serviço de Pessoal do Hospital de S. José —, onde serão prestadas as necessárias informações.

Os candidatos que vierem a frequentar os cursos terão direito a bolsas de estudo, cujo numero e forma de distribuição será oportunamente fixado.

Esclarece-se, porém, que a Direcção do Centro poderá não dar início aos cursos se julgar insuficiente o numero de candidatos.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA, 26 de Agosto de 1969.
O DIRECTOR DO CENTRO,
Dr. João António Lima das Neves

S. R.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Matrículas para admissão aos cursos de encarregados de câmara escura e auxiliares de laboratório de análises

Para conhecimento geral se publica que de 1 até 20 de Setembro corrente, estão abertas no Centro de Preparação de Técnicos e Auxiliares dos Serviços Clínicos que funciona junto dos Hospitais Civis de Lisboa, as matrículas para admissão aos cursos de encarregados de câmara escura e auxiliares de laboratório de análises, previstos no n.º 1 da Portaria n.º 18 523, de 12 de Junho de 1961.

As condições de admissão aos referidos cursos são as seguintes:

a) Habilitação mínima do 2.º grau de instrução primária ou de admissão aos liceus ou escolas técnicas.
b) Robustez física necessária.
c) Idade mínima de 17 anos.
d) Bom comportamento moral.

Os candidatos deverão apresentar, para efeitos de matrículas, os seguintes documentos:

1. Requerimento feito em papel selado dirigido ao Director do Centro de Preparação de Técnicos e Auxiliares dos Serviços Clínicos dos Hospitais Civis de Lisboa, solicitando a admissão ao curso.
2. Bilhete de Identidade.
3. Certidão narrativa simples de registo de nascimento.
4. Documento comprovativo da habilitação exigida.
5. Atestado de bom comportamento moral e civil, passado pela respectiva Junta de Freguesia ou pelo pároco da residência habitual do candidato.
6. Certificado do B. C. G.

Os candidatos á matrícula serão sujeitos a um exame médico no Centro, para se averiguar se possuem as condições físicas indispensáveis, sendo igualmente submetidos a exame de admissão, cuja data oportunamente se indicará.

Toda a documentação exigida deverá ser entregue na Secretaria do Centro — Serviço de Pessoal do Hospital de S. José, onde serão prestadas as informações necessárias.

Esclarece-se porém, que a Direcção do Centro poderá não dar início aos cursos se julgar insuficiente o numero de candidatos.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA, 26 de Agosto de 1969.
O DIRECTOR DO CENTRO,
Dr. João António Lima das Neves

MÁQUINAS DE SOMAR ELÉCTRICAS

«RICOMAC modelo 211», fabrico japonês apresentadas com as seguintes características: soma, subtrair e multiplicar —, saldos negativos — capacidade 10-11 e de 0-00-000.
Máquinas de escrever «BROTHER», portáteis, representante em Portugal:
A PRESTAMISTA MERCANTIL, LDA.
Av. Almirante Reis 10-C — L I S B O A

Diário do Porto

Estudante francês recolhido no albergue de mendicidade

O estudante francês Jean-Pierre Tatou, de 18 anos, solteiro, residente em Saint Albain (França), que veio passar férias a Portugal, viu-se sem dinheiro e, como não tivesse onde pernoitar, sentou-se na berma de um passeio da Rua de Costa Cabral.

Abordado pelo sr. Emílio Duarte Costa, residente na Avenida da Boavista, 299, pô-lo ao corrente da sua insuficiência financeira. Aquele acompanhou-o então a uma esquadra da P. S. P. Comunicado o caso ao comando da corporação, foi resolvido que o estudante recolhesse a um anexo do Albergue Distrital de Mendicidade, até que o cônsul francês resolva a situação do seu compatriota.

Falecimento

John Cassels

Na sua residência, á Rua da Cerca, 381, faleceu, esta manhã, o sr. John Cassels, de 81 anos, casado, industrial.

O funeral, a cargo da Casa Alberto Xavier, realiza-se amanhã, ás 17 horas na capela do Cemitério Britânico.

Romagem de saudade

No domingo, a exemplo dos anos anteriores, a União dos Tarcísios do Porto promove uma romagem de saudade á campa do saudoso bispo D. António Barroso, na passagem do 51.º aniversário do seu falecimento.

Espectáculos

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Helga, o segredo da maternidade» (21 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «O escroque elegante» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Poucos dólares para Django» (12 anos).
ESTUDIO — Às 21 e 30: «A escola de bem gozar a vida» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «O pirata do rei» (12 anos).
SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Helga
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «F. B. I. contra a Mafia» (12 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «Mata-me depressa, que tenho frio!». (17 anos)
CARLOS ALBERTO—Às 21: «Johnny Guitar» e «A cidade dos pistoleiros» (17 anos).
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Ladrões de bicicletas» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «A terra dos mil aventuras» (17 anos)
CINEMA DO TERÇO—Às 21 e 30: «Adeus Gringo» (12 anos).

Amanhã à tarde

— O segredo de maternidade» (2' anos!
COLISEU — Às 15 e 30: «Musica no coração» (12 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Poucos dólares por Django!» (12 anos).
ESTUDIO — Às 15 e 30: «A escola de bem gozar a vida» (17 anos)
BATALHA — Às 15 e 30: «Mata-me depressa, que tenho frio!» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15: «Django atira primeiro» e «Tonio Kruger» (12 anos)
OLIMPIA — Às 15 e 30: «O pirata do rei» (12 anos)
ÁGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «F. B. I contra a Mafia» (12 anos)
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «Um desconhecido na cidade» (12 anos).
JULIO DINIS—Às 15 e 30: «Mulheres perigosas» (17 anos)
TRINDADE—Às 15 e 30: «As sandálias do pescador» (12 anos).

ESTACIONAMENTO À ESQUERDA NA RUA DE SANTO ANTÓNIO

Voltou-se a falar de transito na ultima sessão da Camara Municipal do Porto, mas falou-se muito pouco para o interesse que o problema suscita. Apenas se disse que o estacionamento na Rua de Santo António passa para o lado contrário do permitido até agora, isto é, passa para o lado esquerdo de quem sobe a rua.

A explicação para o facto é curiosa e vale a pena apontá-la. É baseada na defesa da pureza do ar, pois que se diz que os carros em manobra para estacionarem ou sairem do estacionamento atiram com os fumos para os transeuntes que circulam no passeio, enquanto que do lado contrário passam a atirar os gases para a rua, diminuindo, assim, o perigo da poluição.

Quanto aos restantes casos, foi anunciado que só a partir de Outubro próximo se tomariam novas medidas, pois agora a cidade tem muitos veículos com forasteiros e isso iria complicar a aplicação de novas medidas.

A solução do problema terá de ser encontrada não por habilidosos, mas sim por técnicos competentes e credenciados. Por outro lado, a solução não pode ter excepções, pois o que interessa acima de tudo é a circulação

A participação de muita gente nas comissões criadas para a resolução do problema, trará mais dificuldades pois todos puxam «a brasa para a sua sardinha», sem olharem aos interesses primordiais da cidade. A Camara tem de pensar de forma diferente, procurando resolver o caso com técnicos apenas e fazer depois valer os seus direitos sobre o determinado.

Mas, repetimos, só se o Município tiver uma onda de coragem para cortar a direito, o transito rolará melhor, pelo menos nos tempos mais chegados

António José Saraiva preside a um colóquio

O dr. António José Saraiva estará amanhã, á tarde, na «Inova» para uma sessão de autógrafos. Aquele historiador dirigirá, á noite, na Cooperativa do Povo Portuense, um colóquio subordinado ao tema «A cultura portuguesa como problema».

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	525$
Consolidado 3%	—	—	540$
Consolidado 3 1/2%	—	640$	630$
Centenários 4%	1.490$	1.490$	1.495$
Obrigs Tesouro 5%	1.003$	1.002$	1.004$
Externo 1.ª Série	—	—	770$
Externo 1.ª Série c.	—	—	—
Externo 3.ª Série	—	720$	—
Externo 3.ª Série c.	—	—	900$
Cautelas 3.ª Série	—	175$	190$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	490$
A. P. T. 5% 56	—	925$	—
A. P. T. 5% 58	—	925$	—
C. P. 4 1/2 65	—	—	—
C. P. 5 1/2% 67	—	1.005$	—
C. U. F. 6%	1.010$	—	1.012$
C. U. F. 6% 68	1.000$	995$	1.000$
Gás Elect 4% 48	—	800$	840$
Gás Elect 4 1/2 % 51	—	870$	880$
Gás Elect. 5% 52	—	—	915$
Gás Elect 5% 58	—	—	915$
Gás Elect. 5% 59	—	—	915$
Gás Elect. 5% 62	—	930$	—
Gás Elect. 5% 63	—	920$	926$
Gás Elect 5% 65	—	—	920$
Gás Elect 5% 67	—	1.020$	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	815$	820$
H. E. Cávado 5%	—	820$	830$
H. E. Cávado 6%	1.004$	1.003$	1.004$
H. E. Douro 5%	—	—	820$
H. E. Douro 6%	996$	995$	996$
H. E. Norte Port. 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	—	995$	999$
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	860$
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	860$
Lisnave 6%	—	1.000$	1.004$
Metropolitano 4%	900$	898$	900$
Metropolitano 5 3/4%	1.010$	1.005$	1.020$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac. Electr. 5%	—	850$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	—	870$
Port. Celul. 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	920$	—
Sacor 5% 60	875$	870$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	820$	830$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	830$	870$
T. A. P. 4%	—	—	960$
Termoelect. Port. 5%	815$	—	820$
U. E. P. 3 3/4%	—	84$	—
U. E. P. 4%	—	84$	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	—	84$
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	860$	870$
AÇÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.620$	1.615$	1.630$
Alentejo	926$	925$	928$
Angola	3.410$	—	3.420$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	3.550$	3.500$	3.600$
E. Santo	—	—	—
E. Santo n.	21.000$	20.000$	21.000$
Fonsecas S. p.	—	20.000$	25.000$
L. & Açores p.	6.850$	6.800$	—
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	7.200$	7.150$	7.250$
Portugal n.	—	3.000$	3.100$
Portugal p.	—	3.700$	—
Totta Aliança	6.200$	6.200$	6.250$
Ultramarino n.	3.000$	3.000$	3.010$
Ultramarino p.	3.260$	3.250$	3.270$
Seguros			
Alentejo	76$	74$	78$
Douro	—	1.200$	—
Mundial	600$	—	610$
Sagres	—	1.450$	1.750$
Tranquilidade	—	45.000$	—
Ultramarina	—	15.000$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	840$	835$	850$
Ag. Cassequel	735$	735$	739$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	275$	325$
Boror	180$	—	—
Buzi	76$	79$5	77$
Cabinda	220$	218$	220$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.865$	1.865$	1.880$
H. E. Revué	610$	610$	620$
Ilha do Príncipe	—	850$	1.050$
Moçambique	122$	121$	123$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	372$	370$	374$
Zambézia	75$5	75$	76$
Angolana	—	—	—
C.as Diversas			
Cidla	—	—	—
Cim. Leiria	—	—	—
Cim. Telo	—	—	—
Col. Navegação	1.490$	1.480$	1.495$
C. U. F.	—	1.500$	1.540$
Ind. Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	—	3.700$	3.850$
Petroquímica	—	2.350$	2.370$
Port. e Colónias	—	1.540$	1.570$
Port. Celulose	—	—	4.600$
Port. Pesca	—	1.100$	1.170$
Port. Tabacos	785$	780$	787$
Sacor	4.720$	4.700$	4.740$
Siderurgia Nac.	1.700$	1.700$	—
Socel	2.990$	2.950$	2.990$
Tabacos de Portugal	—	—	1.500$
Tabaqueira	—	—	—
U. F. Azoto	842$	840$	845$
Águas, Electr. e Gás			
Águas Lisboa p.	—	405$	—
Águas Lisboa 84	—	412$	—
Águas Lisboa 36	—	—	—
Eléct. Beiras	—	—	1.780$
Gás Electr.	—	425$	—
H. E. Alto Alentejo	157$5	187$	158$
H. E. Cávado	1.299$	1.295$	1.299$
H. E. Douro	1.270$	1.276$	1.280$
H. E. Norte Portugal	305$	305$	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	—	1.280$	1.300$
Nac. Electricidade	1.300$	1.295$	1.300$
Termoeléctr. Port.	1.280$	—	1.285$
U. E. P.	—	198$	199$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	194$6	200$4
F. I. D. E. S.	—	121$	124$80

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 - 100)

	20/8	26/8	27/8
GERAL	142,8	142,4	142,0
METRÓPOL	139,4	139,1	138,8
ULTRAM.	167,8	166,8	165$1

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul:		
— Rands de 1 e 2	34$00	36$50
— Rands de 5 a 20	35$00	37$50
América:		
— Dollars de 1 e 2	28$15	28$55
— Dollars de 5 a 1000	28$35	28$75
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$40	$4[illegible]
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$00	69$00
Itália — Lira	$04,42	$04,62
Bélgica — Franco	$50	$54
França — Franco	4$80	5$30
Suíça — Franco	6$55	6$75
Marrocos — Dirham		5$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	312$00	327$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$50	39$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

DE COIMBRA

Focada na reunião da Câmara a criação do novo hospital

Nos Paços do Concelho, efectuou-se a reunião ordinária da Camara Municipal, presidida pelo vice presidente, prof. Neto Murta, em substituição do presidente, ausente em férias.

O vereador sr. António Neves da Costa apresentou a seguinte proposta:

«Conforme foi recentemente noticiado, Coimbra vai ter um novo hospital, o Hospital Central Geral, a instalar nos edifícios do Hospital Sanatório da Colónia Portuguesa do Brasil. Haverá desde já de deixar registado sentido reconhecimento pela obra a bem dos tuberculosos, realizada por esta instituição, que tão alto elevou o nível da assistência em Coimbra e em Portugal.

Vai acabar o sanatório, mas porque, depois da missão cumprida e bem cumprida, outra missão lhe foi confiada.

Razões mais do que suficientes para o nosso júbilo, já que ao dotar-se Coimbra com um novo Hospital Geral abrem-se perspectivas de melhores dias para todos os que, por seus males, tem de acolher-se a estas instituições de bem fazer.

As populações aumentaram, as necessidades assistenciais também. Ninguém duvida da urgência que há em dispor de mais camas e mais serviços hospitalares.

A nossa Câmara tem de estar jubilosa e agradecida. E a Câmara que subscreveu o pedido que conduziu a esta notável realidade, tem de ser intérprete desse júbilo e desse agradecimento. Nestes termos, tenho a honra de propor que: 1. — Se registe em acta, a satisfação da Câmara pela decisão do ministro da Saúde e Assistência; 2.º — Que se lhe telegrafe no mesmo sentido; 3.º — Que a Câmara se desloque ao gabinete do prof. Bissaia Barreto, o grande obreiro da extraordinária organização hospitalar e assistencial com que dotou Coimbra e a Zona Centro do País, manifestando-lhe o seu agradecimento por mais esta iniciativa tão humana como desinteressada, apenas feita em favor do homem da rua, carecido do saber e do carinho dos que podem aliviar-lhe as dores».

Prosseguindo, o sr. António Neves da Costa descreveu o que tem sido a obra do prof. Bissaia Barreto, inumerando as diversas instituições criadas e em funcionamento por sua iniciativa.

A Câmara aprovou por aclamação a proposta apresentada por aquele vereador.

Foi deliberado depois, intimar os proprietários do sítio da Marmeleira a realizarem, independentemente de licenças, obras de caiação das fachadas, pintura de portas e janelas; e reparação de beirados durante o prazo de três meses, e avisar os munícipes de Coimbra de que devem proceder á limpeza de muros em edificações que confinem com a via pública ou dela sejam vistos. Em seguida foi autorizado o pagamento de autos de medição de trabalhos e concederam-se subsídios a freguesias.

Farmácias de serviço

LUCIANO & MATOS — Rua da Sofia (Tel. 2 21 47 e 2 21 48).
HIGIENE — Rua Fernando Tomás (Tel. 2 26 34).
MACHADO — Rua Berdo de Albuquerque (Tel. 2 37 67).
M. NAZARÉ — Avenida João das Regras (Tel. 2 30 33).

Visitados pelo ministro da Justiça os reclusos feridos no acidente de Cernache

O ministro da Justiça, prof. Mário Júlio de Almeida e Costa, esteve nos Hospitais da Universidade onde visitou os reclusos ali internados por ferimentos recebidos no acidente de viação ocorrido em Vila Nova de Cernache. Aquele membro do Governo inquiriu do seu estado, recomendando os ao enfermeiro-chefe, sr. Abílio Ventura Cardoso.

O prof. Almeida e Costa dirigiu-se, em seguida, á Cadeia Penitenciária de Coimbra, onde foi recebido pelo respectivo secretário dr. Raul de Carvalho, visitando, também, os reclusos internados na enfermaria daquele estabelecimento prisional e informando-se do seu estado.

Curso de formação rural

A cerimónia de encerramento de mais um curso de formação rural, do Centro de Extensão Agrícola Familiar da Brigada Técnica da XVIII Região Agrícola, que tem estado a decorrer no lugar de Santana, freguesia de Vil de Matos, foi marcada para o próximo domingo

Este curso foi frequentado, com aproveitamento, por quarenta raparigas

Espectáculos para hoje

CINEMAS

TIVOLI — Às 21 e 30: «Caminho perigoso» (17 anos).
ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Às 21 e 45: «Assalto ao carro blindado» (12 anos).

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

VIANA E O SEU TERMO

CERCA das 21 e 35, é exibido um documentário realizado por Augusto Cabrita sobre as tradicionais Festas da Senhora da Agonia.

«UM FILME É UM TRABALHO DE EQUIPA» — DIZ-NOS AUGUSTO CABRITA

Muitos dos melhores documentários nacionais que a R. T. P. tem exibido, foram assinados por Augusto Cabrita, um excepcional operador-realizador.

Hoje é apresentado o seu filme «Viana e o seu termo».

Procurámos assim Augusto Cabrita, que ao fim de 17 horas de trabalho de montagem, sem interrupção, nos atendeu bem disposto.

— O que é este documentário?

— É uma visão pessoal de um acontecimento festivo, trazido ao público da TV segundo uma óptica que não será (não é, com certeza) o que muitos poderiam esperar. Não é o relato das festas. É antes uma tentativa de análise e testemunho de Viana e seu termo, da sua gente, do seu povo...

— Quando foi a Viana tinha já uma planificação deste documentário?

— Não tinha, muito embora, durante a viagem, pensasse sempre nela.

— Qual o aspecto que mais o impressionou neste seu trabalho?

— O aspecto humano. O povo as suas atitudes, as suas reacções que procurei radiografar, digamos. Mas não se pense com isto que «Viana e seu Termo» implica ou significa um estudo etnográfico. Nada disso. É a captação de um momento, de um estado emocional, de uma explosão que se repete uma vez por ano.

— Então...

— ...Preocupei-me em entrevistar as pessoas que se divertem e que trabalham.

Sentimentos naturais repetidamente simples, de gente simples

Houve também a intenção de não seguir cronològicamente o desenrolar das festas, uma vez que, na montagem, se misturou a Festa do Traje com o Cortejo Etnográfico (o povo diz: «A Parada»), que, como se sabe, decorrem em dias diferentes.

— Para si qual a maior virtude do filme?

— A sua espontaneidade trazida em grande parte pelo som directo. Com a concepção que presidiu à reportagem, esta terá, talvez, como principal ponto de interesse, a procurada autenticidade, reflectindo, captando, sensações e sentimentos naturais repetidamente simples de gente simples

— Depois de pronto a ser exibido qual foi a sua reacção?

— Agradou-me de certo modo. Quero assinalar, ainda, e com toda a sinceridade e inteiro justiça, o trabalho brilhante de montagem de Maria Beatriz, a captação de som local de João Lourenço e o registo sonoro de Margelino Alexandre.

Todos justificaram, uma vez mais, que um filme é um trabalho de equipa.

canal da crítica

POIS SIM, FALEMOS DE LIVROS

Está certo. A dr.ª Maria Alzira Barahona veio para a rua. Queria saber o que liam algumas mulheres. Andou por esplanadas, cabeleireiros e escolas. O telespectador viu. Ouviu. Oxalá tenha compreendido alguma coisa.

Ouvimos da preferência pelas fotonovelas. Ouvimos apontados como escritores preferidos Camilo de Oliveira e Fernando Tordo. Ouvimos de uma jovem que em solteira lia Camilo Castelo Branco e depois de casada passou a ler romances policiais e histórias aos quadradinhos, ocupação favorita do marido.. Ouvimos uma jovem universitária confessar que nada conhecia da literatura moderna, pois todo o tempo era pouco para cumprir as exigências do curso. Tirando a «Alegria Breve», de Virgílio Ferreira, nada conhece da nossa actividade literária. Que livros levava? Corneille e Racine...

Guardo para o fim a entrevista de maior interesse e que merecia transcrição integral. Lamento não me ser possível fazê-lo agora. Veremos se num dia destes.

(Continua na página seguinte)

2. PROGRAMA

«TV MUNDO», «IMAGENS DA POESIA EUROPEIA» E «DANGER MAN»

A programação de hoje inclui, em repetição, as rubricas «TV Mundo» e «Imagens da Poesia Europeia, apresentadas no dia 24 e 25 do corrente na rede nacional, e ainda um episódio filmado com Patrick McGoohan, em mais um caso de contra-espionagem da série «Danger Man».

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19: Abertura e Juventude no Mundo; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Vida Sã em Corpo São; 20: Cartaz TV; 20 e 30: Conheça um Portugal desconhecido; 21: Telejornal; 21 e 30: Convergência; 22 e 15: Noite de Cinema — «Ver Gostar e Amar»; 23 e 40: Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 55: Marcha do Mundo; 0 e 15: Fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: Folhetim — Bela e Sebastião; 21 e 55: Zip-Zip; 23 e 50: Fecho.

Chefes a mais...

Intitula-se «Chefes a mais» o episódio filmado da série cómico-policial «Get Smart», com Don Adams no papel do agente secreto «Olho Vivo», que é exibido cerca das 22 e 45.

VARIEDADES: AMÁLIA CANTA

Realizado por Luís Andrade o programa a apresentar cerca das 22 e 05, é inteiramente preenchido pela actuação de Amália Rodrigues, acompanhada por Fontes Rocha, Carlos Gonçalves, Joel Pina e Júlio Gomes, guitarristas e violistas respectivamente.

Amália canta composição de Pedro Homem de Melo, Armando Góis, Ary dos Santos, Alan Ulman, Alexande O'Neil, Cecília Meireles e Alberto Janes.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde — Canções do Nosso Tempo; 17 e 25: A Orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e Sonho; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 10: Reportagem da 22.ª Etapa da Volta a Portugal em Bicicleta; 19 e 15: Conjuntos modernos; 19 e 45: Rádio Rural — Musica só musica; 20: Diário da Volta — Solistas ligeiros; 20 e 40: 13.º Episódio do Folhetim «Amor Supremo»; 21: Jornal de actualidades 21 e 30: A Orquestra de Franck Pourcell; 21 e 40: Tom maior; 22 e 30: Musica ligeira; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 30: 1.º acto da ópera «Cosi fan Tutte» (Mozart) — Solistas, Coro de Câmara da RIAS de Berlim e Orquestra Filarmónica de Berlim dirigida por Eugen Jochum, 18 e 05: Musica do Século XX — Obras de Edmund Rubbra — pelo Quarteto Griller e Orquestra Hallé dirigida por John Barbirolli; 19: Crítica Literária, pelo dr. João Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore Português — Musica regional do Alentejo, recolhida e seleccionada por Michel Giacometti e Lopes Graça; 19 e 25: Musica de teclo; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: Musica Sacra de Bruckner; 21: Parte de um concerto pela Academia de Instrumentistas da Emissora Nacional dirigida por Franco Mannino, realizado no Cinema Tivoli em Lisboa — Obras de Mozart e Mannino, 21 e 20: Preludio e Fuga n.º 4 em dó sustenido menor (Bach)—piano. Svyatos Iavy Richter; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Sonata n.º 8 para violoncelo (Kodaly) — André Navarro; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

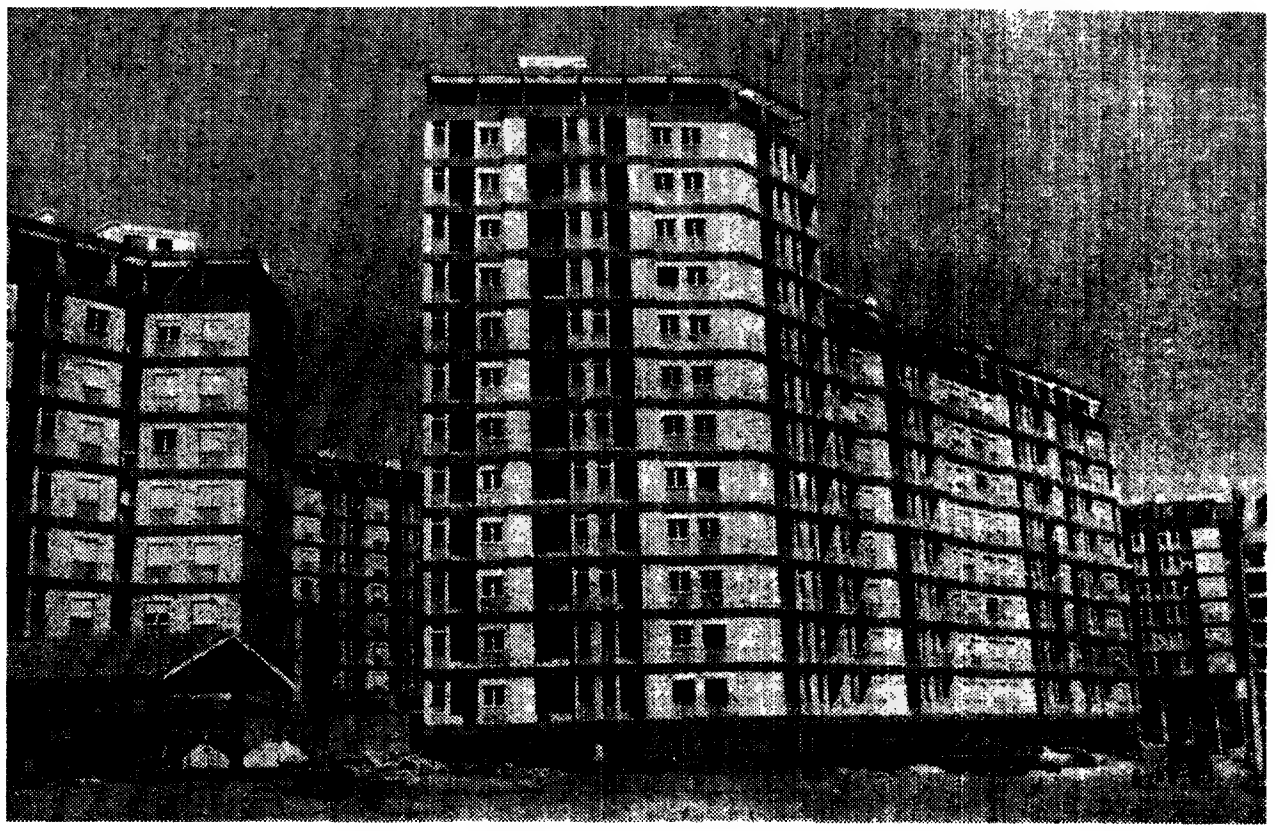
RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio Jornal; Entre as 20: e as 21: Hoje convidámos... 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: «Diário rural; 7 e 03: Talismã

Emissor de Miramar — 383,6 m 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» Teatral; 19: Noticiário; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 2: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 3: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 4: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioroma; 18: Estrelas e canções; 18 e 20: Nota do dia, noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S C R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: A nossa musica e os nossos artistas; 21 e 45: Trios vocais; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radioroma; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 0: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Carrilhão Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Os nossos clientes merecem o melhor



Vista parcial da Reboleira

por isso ao entrar na 3.ª Fase da Reboleira, multiplicámos os diversos tipos de andares e apartamentos, para poder oferecer aquele que corresponde aos seus desejos e necessidades

J. PIMENTA,
S. A. R. L.

continua a assegurar-lhe um rendimento de 6 a 10 % garantido de 6 a 18 anos, à escolha do cliente, por escritura pública.

180 Contos rendem-lhe 1.125$ Mensais

200 Contos rendem-lhe 1.250$ Mensais

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Apartamentos em exposição: Reboleira, Amadora, Paço de Arcos (Espargal), Cascais (por detrás do Hotel Baía)

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais, Lisboa e brevemente Queluz

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53-4.º, Esq. — Telefones 4 58 43/4 78 43 **REBOLEIRA: Amadora — Serviço permanente — Telefone 93 36 70**

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22

ASSEMBLEIA GERAL DO MIRANTENSE

Está marcada para amanhã, ás 20 e 30 horas, a reunião da assembleia geral ordinária do Mirantense Futebol Clube, com a seguinte ordem de trabalhos:

Discussão, votação e aprovação do Relatório e Contas da Gerência de 1968-69 e do respectivo Parecer do Conselho Fiscal;

Eleição dos Corpos Gerentes e Delegados á F. P. C. C. R., para 1969-70.

S. R.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS SECÇÃO DE PESSOAL

CONCURSO DE PROVAS PRÁTICAS PARA OFICIAIS DE 2.ª CLASSE (ESPECIALIDADE DE FOGUEIRO)

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Secção de Pessoal no Hospital de S. José — aceitam-se inscrições até ao dia 2 de Setembro p. f. para o concurso de provas práticas para fogueiro.

Os candidatos deverão obedecer ás seguintes condições:

a) Idade: mais de 18 e menos de 35 anos.
b) Habilitações literárias: 2.º grau de instrução primária,

canal da crítica

(Continuação da pag anterior)

Foi entrevistada uma outra jovem universitária («olha a Zé!», exclamam aqui perto) que se referiu ás condições que possibilitam tão baixo índice de leitura por parte das universitárias. O mal declarou, vem de mais fundo, do liceu, onde não se procede ao menor estímulo. Reporta-se á sua própria experiência: em 7 anos de liceu, apenas uma professora, no 1. ano, lhe aconselhou a leitura de um livro. Depois, até ao fim do curso, foi o deserto.

Outra causa é a ausência total da promoção de leitura na vida quotidiana dos jovens. Curiosamente, lembrou que uma moça de 12 ou 13 anos conhece já o tipo de «baton» que melhor a serve, enquanto ignora tudo o que diga respeito a literaturas e desconhece, até, as suas preferências nesse campo. Tudo porque a indústria de cosméticos conta com uma promoção muito mais activa e eficaz do que a dos livros.

Maria José referiu-se ainda a outros factores anciosantes: o fosso professor-aluno, as turmas numerosas, os programas carregados em excesso, a falta de livros na biblioteca da Faculdade, etc. Compreensívelmente, Maria José passou por cima de alguns outros dados fundamentais para a compreensão do desamor, do desapego aos livros na sociedade portuguesa. Mas a análise que fez das condições particulares do meio que melhor conhece foi das coisas mais vivas que nos foi dado encontrar na Televisão portuguesa nos últimos tempos. Se aquilo fosse no «Zip-Zip» ninguém falava hoje noutra coisa...

Recorde-se, também, como modelar, o resumo de Maria Alzira Seixo Barahona relativo ás entrevistas feitas e que concluiu pelo baixo, quase nulo, interesse pelos livros, hoje e aqui. As suas palavras severas ecoaram como um aviso, um sinal de alarme.

ALFABETO PARA UM SERÃO

a) A Comissão de Turismo de Portimão, com a ajuda da Emissora Nacional e da Televisão portuguesa, organizou um «Festival de Musica Portuguesa» e ofereceu-o aos turistas presentes no Algarve e dispersos por todo o País.

b) Ditosa pátria a nossa! Deve ser Portugal o unico país no mundo que oferece coisas aos turistas. Lá fora, paga-se tudo. E bem. Nós, oferecemos. Não perdemos nunca este jeito fidalgo que sabe descobrir indias mas não tem pendor nenhum para o negócio.

c) Ora bem. A fim de apresentar o programa chamaram Artur Agostinho e a actriz Glória de Matos. Artur Agostinho fez a pior apresentação da sua longa carreira quando deixou despertar os vícios radiofónicos ali onde devia abandoná-los; Glória de Matos pretendeu improvisar em inglês.

Por isso, caiu em situações falsas como a da «guitar and valola». As nossas ilhas de Cabo Verde ficaram transformadas em «Green Cape Islands» (Acaso a Madeira será «Wood Island?». E outras de que me não lembro porque vejo quanto foi boa a intenção de Glória de Matos.

d) Ora, distinta actriz e apresentadora recorde-se que Frank Sinatra não fala senão o que leva escrito... na memória. Executa com naturalidade — e é precisamente a isso que se chama *improvisar*...

e) O resto é meter-se por atalhos onde nunca se livra de trabalhos.

f) Não dou novidade a ninguém dizendo que o som e a imagem deixaram muito a desejar.

g) Helder Mendes, para não destoar, fez também a pior realização que lhe vimos este ano.

Apenas na actuação de Lilly Tchiumba houve um assomozito de televisão. No resto, foi meia-bola e força: ás cegas.

h) Quanto aos numeros apresentados aos turistas, acho que se foi longe de mais no campo da mediocridade.

j) Nós, os portugueses, somos todos primos e primas e certas coisas entre nós desculpam-se. Ora os turistas são hóspedes, não têm necessidade nenhuma de saber das nossas vidas.

l) Os únicos artistas que vincaram qualidade e autenticidade foram os trabalhadores de Ferreira do Alentejo. Mais uma vez, foi o Alentejo quem salvou a honra do convento.

m) Lilly Tchiumba cantou incluída num conjunto de instrumentos angolanos, onde sobressaía uma guitarra eléctrica. Como se vê, um conjunto muito típico...

o) O fado teve a representá-lo, para testemunho de seus maus fados, Ada de Castro e Helena Tavares. Artur Agostinho: «o fado não é só tristeza, o fado também pode ser alegria, como se vê pelo «Ai Chico, Chico, do cachiné, quem te viu hoje e quem te vê...»

p) Madalena Iglésias perguntou se no «Céu também haveria caridade». Ena, que luxo, a Madalena lançada a todo o gás no caminho das polémicas teológicas!

q) A certa altura, anunciou-se para cantar fados e baladas de Coimbra o «Conjunto de Manuel Branquinho». Artur esqueceu-se de informar o público do grau académico do hilariante canta dor do Hilário. Seria contínuo?

r) O dito conjunto era constituído de dois elementos, incluindo o cantoralador. Era, enfim, o conjunto mínimo. As canções de Coimbra, claro, ficaram mal servidas. Seria por vergonha (compreensível, aliás) que os componentes do conjunto esconderam a cara?

s) A interpretação do conjunto foi tão desconjuntada que até a Lua minguou Ou seria por pudor?

t) Foi igualmente de actuação desastrosa a presença do conjunto cabo-verdiano.

u) Na exibição do fandango pelos moços de Almeirim, a câmara preocupou-se em nos dar os bailadores dos joelhos para cima. Senhores, que extraordinário movimento, o das mãos de polegar nos coletes!

v) A Emissora Nacional, tão esforçada noutros campos de actividade, bem pode pensar a sério na remodelação da sua orquestra ligeira. Nos tempos que vão correndo, o provincianismo já não se compreende.

x) Aquele final teve qualquer coisa de pesadelo, de grotesco, de história tirada de Kafka.

z) Em resumo: muito custa ser turista...

MÁRIO CASTRIM

TERRENO

ÀS GRANDES EMPRESAS OU SOCIEDADES

Vende-se óptimo terreno, no todo ou em parte, com cerca de 60 000 m2, já terraplenado e pronto a construir para qualquer ramo comercial ou industrial. Serve para grandes instalações e fica situado junto a Sacavém, a 10 minutos de Lisboa, com linda vista principalmente para a Auto-Estrada do Norte.

Para mostrar e tratar: Avenida João XXI, 9-A, Lisboa.

Ritmo intenso na construção do aeródromo da Horta

HORTA, 28. — (A. N. I.) — O ministro das Comunicações, brigadeiro Fernando de Oliveira, sobrevoou as obras do novo aeroporto da Horta, tendo enviado então um telegrama ao governador do distrito, dr. Freitas Pimentel, saudando a população com a promessa de que a continuação dos trabalhos do futuro aeródromo prosseguirá a um ritmo intenso.

O governador da Horta agradeceu a mensagem, congratulando-se pelas afirma-

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

32.ª Volta a Portugal em bicicleta

DE MONTE GORDO PARA ÉVORA

A FRIEZA DOS ENCALORADOS

• LEONEL MIRANDA COLECCIONA ETAPAS, FERNANDO MENDES COLECCIONA SEGUNDOS

ÉVORA, 28 — Ao cabo de 211 quilómetros, percorridos em quase seis horas e meia e quase sempre sob um calor escaldante, os quarenta e dois, que saíram de Monte Gordo, chegaram exactamente como partiram. Juntos. No «sprint» final, Leonel Miranda conquistou a sua quinta vitória, completando a corrida com menos um segundozinho dos outros quarenta e um. Quer isto dizer que a longa caminhada foi, no plano competitivo, um rotundo vazio. Salvou-se o final com a guerrilha das bonificações, na qual o facto mais saliente foi o de Fernando Mendes ter somado mais dez segundos à sua vantagem sobre Agostinho, Andrade e os outros.

Fora, na verdade, seis horas e meia quase sem história, a não ser a luta de todos contra a clemência de um sol furibundo, picado das bexigas. Porque luta de uns contra os outros quase não houve, a não ser á chegada. Mendes e o Benfica á defesa, lógicamente. E os outros, sem verem possibilidades nem condições para lançar, com êxito, um golpe de ataque. Era como se perguntassem: *«Onde é que nós vamos, com um calor destes?»*.

Difícilmente chegariam a porto de salvação quaisquer aventurosos propósitos de ganhar dianteira. Que se viu dos favoritos? Pois viu-se que, em Mértola (onde, escrito na estrada, estava uma simpática saudação ao «Diário de Lisboa»), viu-se em Mértola, dizíamos, Joaquim Agostinho a arrancar, poderosamente, para ser o primeiro na meta-volante. Ainda deu a sensação que iria continuar nesse esforço, mas lá estava Mendes junto dele, amarelo e desencorajador.

A cerca de 24 quilómetros de Beja, como que a querer quebrar a monotonia, um grupo de seis lá conseguiu distanciar-se um pouco. E conseguiu-o porque eram todos segundos planos e um de cada equipa, só faltando o Sangalhos. Deixaram-nos ir na frente, mas sem exageros de avanço, ai uns três quartos de hora. Depois o pelotão acordou. Joaquim Agostinho «puxou» o seu bocado (em para perda pois se esta fuga tem triunfado ele não teria perdido mais dez segundos para o camisola amarela) e quando se passou em Portel (meta sum Portugal desconhecido») já estava outra vez reunida a assembleia dos quarenta e dois. Demais... ah, houve uma tentativa do tavirense José Diogo, ultimo da classificação geral, mas este facto demoveu o pelotão, que deu umas pedaladas mais vigorosas para o alcançar. E alcançou-o, claro.

☆

Esta frieza competitiva não terá agradado, naturalmente, ás muitas pessoas que estavam nas estradas para ver passar os corredores. Assim, o espectáculo foi breve, quase sempre foi de segundos. Mas era a frieza natural dos encalorados. Sair á uma hora da tarde de Monte Gordo (e estava-se lá tão bem...), atacar uma parte do Caldeirão e entrar, depois, na planície em fogo, já é uma proeza.

Poderá dizer-se: *«Mas, então, ai ás seis da tarde, pela fresquinha...»*.

Bem, fresquinho, fresquinho, nunca esteve, mas, na verdade, o calor tornou-se muito mais suportável na ultima hora de corrida. Porque não animou a corrida? Talvez porque já havia perto de 180 quilómetros suadamente pedalados, talvez porque ninguém teve esperanças de o deixarem ir por aí fora, já perto do bom caminho, para ganhar com avanço. Acima de tudo, a Volta não acabava ontem, vai ser duríssima, neste período final, e os principais adversários de Fernando Mendes — principalmente Joaquim Agostinho — já escolheram, certamente, a mesa em que vão jogar a sua cartada.

Todas estas razões, ou qualquer destas razões, tornará compreensível a frieza desta quente ligação Algarve-Alto Alentejo. Na prática, equivaleu a mais um adiamento na questão fulcral da prova, a um continuar-á-espera. Por tudo isto nos parece que a experiência recomenda que não se torne a guardar para o fim as duas etapas de características mais decisivas: a das Penhas da Saúde e o contra-relógio. Porque passando-se a prova a pensar neste período final, corre-se o risco de ser, até aí, uma enfadonha espera...

REPORTAGEM DE
MÁRIO ZAMBUJAL

Enviado especial do
«DIÁRIO DE LISBOA»

A ETAPA DE AMANHÃ

Pode ser decisiva a etapa de amanhã, entre Alcains e Seia. Serão cento e dois quilómetros de quase permanente montanha, pois os estradistas terão de vencer as serras da Guardunha e da Esrela encontrando-se nesta ultima as duríssimas escaladas das Penhas da Saude e da Torre, ambas consideradas de 1. categoria para o «Prémio Caves da Montanha».

Mas para além das dificuldades naturais que as características do percurso oferecem aos estradistas, haverá a acrescentar ainda os problemas resultantes de um troço de estrada em péssimas condições, a cerca de onze quilómetros da linha de chegada, a partir do Salgueiro, o que pode ditar o desfêcho da tirada e quem sabe até se da própria «Volta».

na berma da estrada

A GENTE E O GESTO

De Monte Gordo para Évora, desde o flanco do Algarve, paralelo ao Guadiana, á charneca do Alentejo, a Volta esgalgou-se por regiões das menos povoadas do País. Extensos vazios de gente, como a prova os não encontra quando anda, por exemplo, por terras nortenhas (excepção para Trás-os-Montes), e só á aproximação das espaçadas povoações, o entusiasmo popular, que habitualmente emoldura a corrida. Aqui e além, encontrava-se, no entanto, ás sombras das árvores raras, pequenos grupos de rijos e trigueiros homens da planície — a gente rústica de que nos falava Brito Camacho.

Gente de todas as condições, de todos os níveis sociais, acarinham estes caminheiros das longas jornadas a pedalar. Mas tem qualquer coisa de diferente a presença da gente rude dos campos, o seu gesto de oferecer, sem discriminação de clubes nem de nomes, água fresca, talhadas de melão e um aceno amigo.

DESISTENTES

52 — Albino Alves (Ambra); 70 — Rogério Domingues (Tavira); 79 — Duarte Ribeiro (Porto); 7 — João Fonseca (Sangalhos); 36 — José Vieira (Sporting); 69 — Marcelino Santos (Tavira); 54 — Joaquim Freitas (Ambar); 55 — Sousa Viedra (Ambar); 58 — Henrique Silva (Ambar); e 5 — Lino Santos (Sangalhos).

Avarias DA VOLTA

O comboio esperou

Aconteceu em Évora. A entrada da cidade, a pouco mais de um quilómetro do local, onde estava instalada a meta, há uma passagem de nível. Felizmente, quando os corredores chegaram, a passagem estava aberta.

Mas não foi por acaso. Até havia um comboio pronto a partir. Simplesmente, a C. P., atenciosa, aguardou uns minutos para que a Volta passasse. E nunca um atraso terá agradado tanto aos passageiros (pelo menos, á maioria, que, assim, puderam presenciar um pouco do colorido espectáculo.

Aliás, tudo foi rápido (só o comboio, se calhar, é que não era), pois não havia atrasados (bem, atrasados vinham eles todos...) e a passagem dos 42 foi um instante.

Depois, cada um — comboio e pelotão de ciclistas — foi para a sua meta.

CHEGADA A ÉVORA

		H.	M.	S.
1	L. MIRANDA (Sp.)	6	28	20
2	Fern. Mendes (Bf.)	6	28	26
3	Ped. Moreira (Bf.)	6	28	31
4	J. Agostinho (Sp.)	6	28	36
	Ed. Santos (Bf.)			
	Fir. Bernard. (Sp.)			
	Hubert Niel (Prt.)			
	Ant. Graça (Tav.)			
	M. Castro (Amb.)			
	Vald. Cardoso (Bf.)			
	Aug. Fortes (Bf.)			
	P. Rodrigues (Bf.)			
	Manuel Costa (Bf.)			
	C. Oliveira (Sang.)			
	J. Azevedo (Porto)			
	Joaq. Leão (Porto)			
	J. Coelho (Amb.)			
	Sérg. Páscoa (Sp.)			
	Mário Silva (Prt.)			
	J. Moreira (Coel.)			
	V. Tenazinha (Sp.)			
	Ant. Salazar (Coel.)			
	Joaq. Leite (Porto)			
	A. Pereira (Coel.)			
	Dan. Vitorino (Bf.)			
	J. Andrade (Sang.)			
	L. Pacheco (Porto)			
	Vítor Rocha (Sp.)			
	Amér. Silva (Bf.)			
	João Pinhal (Bf.)			
	H. Oliveira (Sang.)			
	João Roque (Sp.)			
	Manuel Luís (Bf.)			
	F. Martins (Tav.)			
	N. Duarte (Sang.)			
	P. Domingos (Sp.)			
	J. Pereira (Coel.)			
	José Diogo (Tav.)			
	Wilson Sá (Amb.)			
	A. Teixeira (Tav.)			
	Man. Mestre (Tav.)			
	N. Timóteo (Sp.)	m. t.		

EQUIPAS

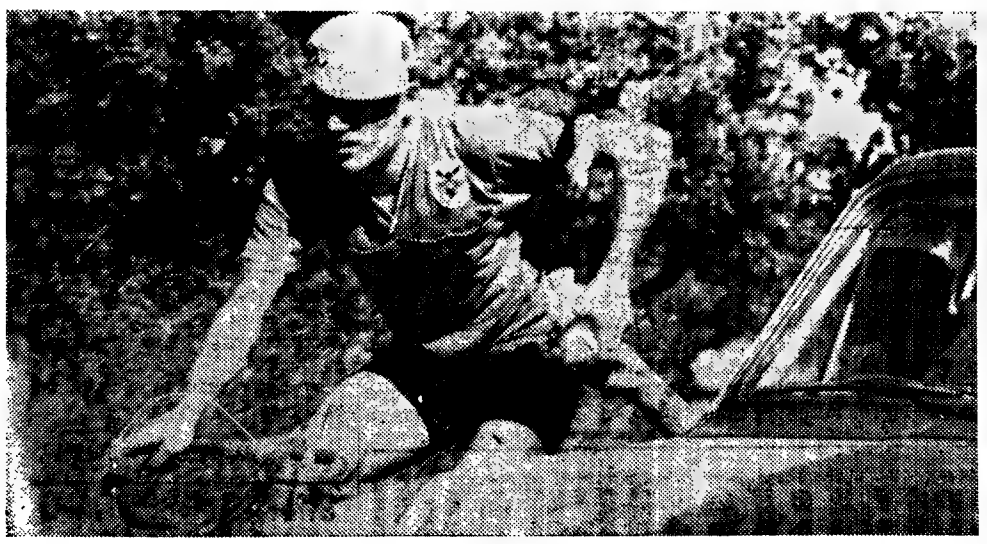
		H.	M.	S.
1	SPORTING	19	25	32
2	Benfica	19	25	33
3	F. C. P.	19	25	48
4	Ambar			
5	Coelima			
6	Sangalhos			
7	Ginásio Tavira	m. t.		

PONTOS

		P.
1	LEON. MIRANDA (Sp.)	20
2	Fernando Mendes (Bf.)	15
3	Pedro Moreira (Bf.)	10
4	Joaq. Agostinho (Sp.)	7
5	Eduardo Santos (Bf.)	5

METAS VOLANTES

1	J. AGOSTINHO (Sp.)	3
2	Pedro Moreira (Bf.)	2
3	Fernando Mendes (Bf.)	1



O ABASTECIMENTO DOS CICLISTAS: O benfiquista Américo Silva recebe do seu carro de apoio um canil com água fresquinha, e o «leão» Sérgio Páscoa aceita o bornal com alimentos que lhe é fornecido por um encalorado membro da comitiva sportinguista. As imagens foram obtidas à saída de Beja, a 70 quilómetros da meta em Évora

CLASSIFICAÇÕES GERAIS À PARTIDA PARA ALCAINS

INDIVIDUAL

		H.	M.	S.
1	*F. Mendes* (Bf.)	54	49	1
2	J. Andrade (Sa.)	54	50	—
3	J. Agostin. (Sp.)	54	50	8
4	M. Silva (FCP)	54	50	33
5	F. Bernar. (Sp.)	54	51	59
6	L. Pacheco (P.)	54	54	29
7	J. Azevedo (P.)	54	57	46
8	V. Rocha (Sp.)	54	58	16
9	J. Leão (FCP)	54	58	31
10	Am. Silva (Bf.)	54	58	38
11	A. Graça (Tav.)	54	59	9
12	A. Fortes (Bf.)	54	59	32
13	J. Pinhal (Bf.)	54	59	41
14	L. Miranda (Sp.)	55	—	54
15	H. Niel (FCP)	55	1	14
16	E. Santos (Bf.)	55	2	35
17	M. Costa (Bf.)	55	2	44
18	D. Vitorino (Bf.)	55	2	53
19	H. Oliveira (Sa.)	55	2	59
20	A. Teixeira (T.)	55	5	2
21	J. Coelho (Bf.)	55	5	46
22	V. Cardoso (Bf.)	55	6	21
23	J. Roque (Sp.)	55	6	34
24	J. Leite (FCP)	55	6	40
25	M. Luís (Bf.)	55	9	48
26	P. Moreira (Bf.)	55	10	6
27	V. Tenaz. (Sp.)	55	10	38
28	F. Martins (Ta.)	55	11	5
29	N. Duarte (Sa.)	55	11	30
30	P. Rodrig. (Bf.)	55	13	18
31	S. Páscoa (Sp.)	55	13	56
32	P. Doming. (Sp.)	55	14	4
33	J. Moreira (Coe.)	55	15	1
34	M. Castro (Am.)	55	19	26
35	C. Oliveira (Sa.)	55	20	51
36	A. Pereira (Co.)	55	22	17
37	M. Mestre (Ta.)	55	24	22
38	J. Pereira (Coe.)	55	24	37
39	N. Timóteo (Sp.)	55	25	15
40	Wilson Sá (Am.)	55	30	3
41	A. Salazar (Coe.)	55	35	32
42	J. Diogo (Tav.)	55	49	20

EQUIPAS

1	*Sporting*	164	34	44
2	F. C. P.	164	36	25
3	Gin. Tavira	164	38	4
4	Benfica	164	41	35
5	Sangalhos	164	43	15
6	Ambar	165	1	35
7	Coelima	165	37	6

COMBINADO

		P.
1	*Fern. Mendes* (Bf.)	4
2	Joaq. Agostinho (Sp.)	9
3	J. Andrade (Sang.)	12

PONTOS

		P.
1	*L. Miranda* (Sp.)	110
2	F. Mendes (Bf.)	92,6
3	P. Moreira (Bf.)	67
4	J. Agostinho (Sp.)	47
5	J. Coelho (Amb.)	42
6	J. Andrade (Sang.)	30,6
7	V. Rocha (Sp.)	30
8	Ant. Graça (Tav.)	30
9	H. Niel (FCP)	27,5
10	C. Oliveira (Sang.)	22
11	A. Teixeira (Tav.)	20
12	M. Mestre (Tav.)	20
13	J. Pinhal (Bf.)	17,5
14	M. Silva (FCP)	15
15	Wilson Sá (Amb.)	15
16	F. Bernardino (Sp.)	12
17	N. Duarte (Sang.)	7
18	A. Pereira (Coel.)	7
19	J. Leão (FCP)	5
20	A. Fortes (Bf.)	5
21	E. Santos (Bf.)	5

METAS VOLANTES

		P.
1	*P. Moreira* (Bf.)	20
2	M. Mestre (Tav.)	9
3	F. Bernardino (Sp.)	7
4	J. Moreira (Coel.)	7
5	V. Tenazinha (Sp.)	5
6	J. Agostinho (Sp.)	3
7	A. Teixeira (Tav.)	3
8	V. Rocha (Sp.)	3
9	M. Costa (Bf.)	2
10	Wilson Sá (Amb.)	2
11	F. Mendes (Bf.)	1
12	V. Cardoso (Bf.)	1
13	A. Graça (Tav.)	1
14	L. Pacheco (FCP)	1
15	P. Rodrigues (Bf.)	1
16	L. Miranda (Sp.)	1

Prémio da Montanha

(PRÉMIO «CAVES DA MONTANHA»)

		P.
1	FERN. MENDES (Bf.)	18
2	Joaq. Agostinho (Sp.)	12
3	Mário Silva (F.C.P.)	6
4	Joaq. Andrade (Sang.)	3
5	Manuel Costa (Bf.)	1
6	Vítor Tenazinha (Sp.)	1

À VENDA EM TODO O PAIS
EM LISBOA:
LISÁGUA DISTRIBUI
Pedidos — Telefs. 553336 - 553809

O BRASIL EXPORTA JOGADORES DE FUTEBOL

Mais dois futebolistas deixaram o Brasil e vieram até Portugal tentar a sua sorte. Um (o da esquerda) chama-se Gilberto Marques, tem 21 anos e alinhou no Santos, ao lado de Pelé. O seu destino parece ser o Barreirense. O companheiro de viagem é José Maria Morais Martins, de 19 anos, que jogou no Juventus de S. Paulo, no Palmeiras e na Portuguesa de Santos. Nasceu em Bragança, está há 17 anos no Brasil e pretende jogar num «grande» de Lisboa: de preferência o Benfica. Gilberto é avançado-centro. Morais alinha na «asa» direita. Ambos vieram pela mão do empresário Luís Campos.

OS CORREDORES EM PROVA

SANGALHOS
1 — Joaquim Andrade
2 — Celestino Oliveira
3 — Herculano Oliveira
4 — Norberto Duarte

BENFICA
11 — Fernando Mendes
12 — Pedro Moreira
13 — Manuel Costa
14 — Américo Silva
15 — Manuel Luís
16 — Daniel Vitorino
17 — Valdemiro Cardoso
18 — Augusto Fortes
19 — Eduardo Santos
20 — João Pinhal
21 — Pedro Rodrigues

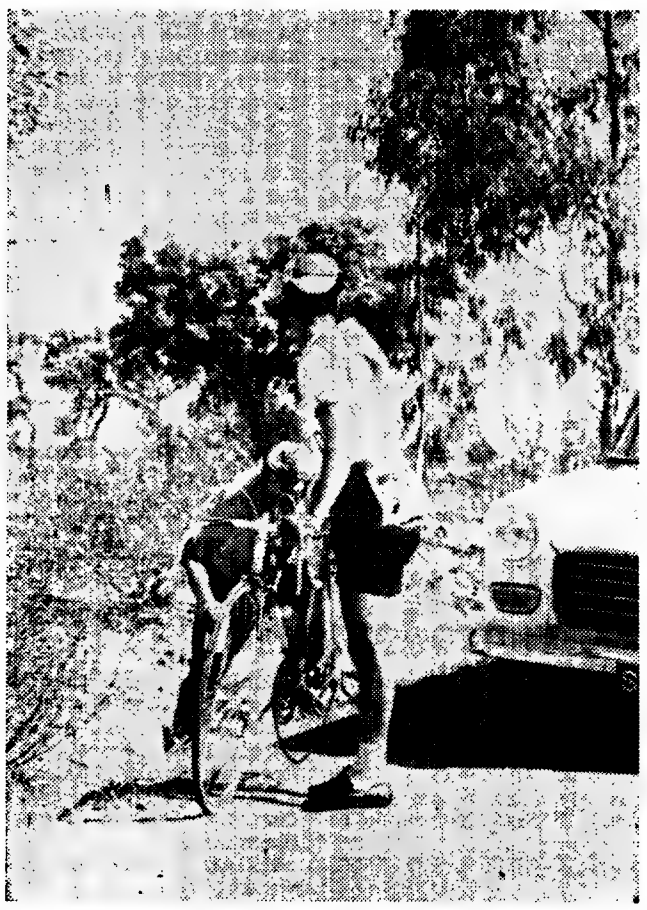
SPORTING
31 — Paulino Domingos
33 — Firmino Bernardino
34 — João Roque
35 — Joaquim Agostinho
38 — Norberto Timóteo
37 — Leonel Miranda
39 — Sérgio Páscoa
40 — Vítor Tenazinha
41 — Vítor Rocha

AMBAR
51 — Manuel Castro
53 — Joaquim Coelho
56 — Wilson Sá

TAVIRA
61 — António Graça
62 — António Teixeira
63 — Fernando Martins
66 — José Diogo
68 — Manuel Mestre

F. C. PORTO
71 — Hubert Niel
72 — Mário Silva
74 — Joaquim Leão
75 — José Azevedo
76 — Luís Pacheco
77 — Joaquim Leite

COELIMA
82 — António Pereira
84 — António Salazar
88 — Joaquim Moreira
89 — José Pereira



Um salto de corrente obriga o portista José Azevedo a interromper a marcha. Mas o pelotão continuava em marcha lenta e o ciclista recolaria com facilidade, entrando em Évora ao lado dos 41 companheiros

O QUE FALTA PERCORRER

Évora-Alcains	195
Alcains-Seia	102
Seia-Avelar	157
Avelar-Abrantes	78
Abrantes-Cartaxo	86
V. F. Xira-Lisboa	35

LICEU
NOCTURNO
Ensino Audio-Visual
EXTERNATO
PAULO DIAS
R. TEN. FERREIRA DURÃO, 37-3.º
65 43 04
EM CAMPO DE OURIQUE

Notícias de Futebol

SPORTING-BÉTIS HOJE, EM CORDOVA

O Sporting joga esta noite em Cordova, contra o Bétis, na final do terceiro troféu «Montilla-Moriles». A equipa de Fernando Vaz deve alinhar com os seguintes jogadores: Damas; Pedro Gomes, Alexandre Baptista, José Carlos e Hilário; Gonçalves, Pedras e Peres; Jose Morais, Nelson e Lourenço

A comitiva sportinguista regressa amanhã a Portugal, devendo chegar cerca das 22.30 horas, após uma viagem de autocarro entre Cordova-Elvas-Lisboa.

•

Fernando Pedrosa foi indicado pelo Vitória de Setubal para a vice-presidência da Federação Portuguesa de Futebol.

•

O Futebol Clube do Porto teve sérios problemas na organização da sua equipa representativa, que ontem defrontou o Boavista. Os guarda-redes Rui e Vaz encontram-se lesionados. Os defesas Gualter, Cibrão e Vieira Nunes não estavam inscritos oficialmente, o mesmo sucedendo aos dianteiros Romão e Pinto. Valdemar está castigado pela Federação.

Vítor Gomes transferiu-se para a Académica e Atraca tomou o rumo de Faro.

•

Parte hoje para Pamplona a equipa do Vitória de Guimarães que, naquela cidade espanhola, vai participar num triangular de futebol que agrupa também, as turmas do Osasuna e Maiorca.

A comitiva de Guimarães é dirigida por Adriano Costeiro e Gil Mesquita e inclui o treinador Giba, o massagista José Ribeiro e 16 jogadores: Roldão e Ferreira, guarda-redes; Costeado, Pinto, Joaquim Jorge e Daniel (defesas); Peres, Artur, Silva, Bilreiro e Augusto (médios); Zézinho, Carlos Manuel, Mendes, Manuel e Bilhó (avançados).

«Cachet» do Vitória por esta deslocação: cerca de 220 contos

H' E À NOITE

LUTA GREGO ROMANA — Torneio para sócios e simpatizantes com mais de 70 quilos, no Estádio José Alvalade, (Ginásio), ás 21 horas.

XADREZ — II Campeonato Nacional de Juniores, na sede do Sporting Clube Figueirense

No Porto

FUTEBOL — Torneio Início do Porto — Grupo B, no Campo Vidal Pinheiro, no Porto; ás 20 e 15, Tirsense-Penafiel; e ás 22 e 45, Salgueiro Leça

Torneio infantil do Académico: Vanzelenses-Burro de S. Roque, Olímpicos de Fernão Magalhães-Obra dos Rapazes de S. Roque e Fábrica de Malhas do Amial-Titãs da Sé. Jogos no pavilhão do Lima a partir das 21 e 30.

Torneio senior da Maia: Jogos a partir das 20 e 30, no pavilhão da Maia.

ções do ministro

Em Albergaria-a-Velha

Em Albergaria-a-Velha, no campo do Alba, a turma local defronta esta noite, pelas 21 e 30 horas a equipa do Beira-Mar. O jogo é de homenagem ao Alba, que ascendeu á terceira divisão regional

VAI SEMPRE UMA MOTORIZADA À FRENTE É
CASAL
A METALURGIA CASAL SARL AGRADECE A HONRA COM QUE FOI DISTINGUIDA PELA FEDERAÇAO DE CICLISMO AO SER ESCOLHIDA PARA FINAL DA 11.ª ETAPA DA VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA.

... Para lençois,
coelima
SOCIEDADE TÊXTIL ALBANO COELHO LIMA S.A.R.L. - PEVIDEM - GUIMARÃES

Externato SÁ DE MIRANDA
ENSINO PRIMÁRIO
CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL
DIURNO — NOCTURNO
RUA ALEXANDRE BRAGA 17 (A AL. REIS)
Telef.: Secret. 45310 - Direcção 537532

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

COMEÇOU O FUTEBOL

Começou o futebol oficial. Os jogos principais, organizados pelas Associações de Lisboa e Porto, realizaram-se no Estádios do Restelo e das Antas. Belenenses e Benfica são finalistas da «Taça de Honra». Futebol Clube do Porto e Varzim qualificaram se para a disputa do «Troféu Início». Por seu turno, a Associação de Futebol de Santarém também organizou um torneio: Torres Novas e União de Tomar ficaram apurados para a ronda final.

BELENENSES-SPORTING (2-0)

● O MAIOR PODER DOS «AZUIS» ABRIU CAMINHO AO TRIUNFO

Futebol não é apenas velocidade. Ficou ontem á noite demonstrado, no Estádio do Restelo, no confronto entre belenenses e sportinguistas, que esse atributo terá de ser serventuário de técnica evoluída, de esquemática racional.

Também o vento que normalmente sopra no parque desportivo de Belém pode considerar-se circunstancia atenuante para o modesto nível que atingiu a partida. É uma justificação que apenas se pode aceitar, parcialmente, visto que, em equipas que apresentaram — como foi o caso do Belenenses e do Sporting — jogadores considerados de primeiro plano (em maior quantidade os «azuis») terá, necessáriamente, de surgir um futebol mais evoluido e lucido.

Tal não aconteceu porém. E ainda que, aqui e além, o encontro fosse esmaltado de um outro ocasional lance de bola corrida, com o esférico a rondar perigosamente a grande área adversária, abusou-se, por sistema, do passe alongado muitas vezes por alto, processo inadequado para contrariar os efeitos do vento.

No entanto, uma virtude tiveram os dois conjuntos: a entrega total ao despique, lutando durante os noventa minutos, sem desfalecimentos, em busca do resultado que lhes garantisse a presença na final.

Venceu o Belenenses e com toda a justiça adiante-se. Por melhor futebol? Por mais evidente aplicação? Haverá que responder negativamente á primeira das questões postas. Quanto á segunda, e sem que tal envolva quebra de empenho por parte dos «leões», a pertinácia do Belenenses foi mais constante e prolongada. Sobretudo mais poderosa nos despiques físicos.

Melhor dotados em corpulência, os avançados do Restelo foram mais ameaçadores. A força inesgotável de Quinito e a capacidade demolidora de Ernesto causaram mais embaraços á defesa verde-branca, do que o irrequietismo de Chico ou a lucidez de Oliveira Duarte ao ultimo reduto belenenses.

Dai o reforço da convicção de justiça na vitória dos pupilos de Mário Wilson. Um triunfo que, no entanto, não terá constituido a confirmação que aguardavam os adeptos da turma, depois da magnifica campanha ultramarina. Mas, apesar de tudo, já satisfez. Até porque, para a história dos torneios, apenas ficam os resultados.

BELENENSES — Serrano; Assis, Quaresma, Freitas e Murça; Luciano e Valter; Djalma, Ernesto, Quinito e Estêvão (Godinho).

SPORTING — Barroca; Bastos, Dani, Barão e Armando; Manaca e Panhufa (M. Duarte); Ernesto, Chico, Orlando e Oliveira Duarte.

Os golos foram obtidos por Djalma e Ernesto.

A arbitragem esteve a cargo do sr. Mário de Barros que nos sugeriu a ideia de que «fechava os olhos» nalguns lances registados dentro das chamadas áreas de rigor. Ora o juiz de campo tem de estar com permanente atenção em todas as zonas do rectangulo.

E. V.

NAS ANTAS

F. C. PORTO E VARZIM

FINALISTAS DO «TORNEIO INÍCIO»

No Estádio das Antas, com público numeroso, realizou-se, ontem, a primeira jornada do «Torneio Início», organizado pela Associação de Futebol do Porto, para os grupos da I Divisão. No primeiro encontro defrontaram-se o Varzim e o Leixões, tendo vencido os poveiros (1-0). No segundo jogo, o F. C. Porto dominou o Boavista (3-0), pelo que as turmas da Póvoa e «azul-branca» disputarão, no sábado, o primeiro lugar e a vitória no troféu.

Não venceu o melhor

No embate entre varzinistas e leixonenses não venceu o melhor. Em toda a primeira parte, o Leixões marcou acentuada supremacia e construiu lances de golo suficientes para justificar um resultado vitorioso. Simplesmente, na finalização, Neca e Horácio (especialmente) desperdiçaram fáceis ensejos de golo em lances na sua esmagadora maioria nascidos da exclusiva acção de Bené que realizou notável exibição.

No início do segundo tempo pertenceu ao poveiro Valdir o primeiro sinal de perigo, logo na bola de saída. E foi dos seus pés, mas com a colaboração de dois defesas leixonenses, o unico golo do desafio (aliás num excelente remate de longe, imprevisto, ao canto direito junto ao solo do guardião batido). Estavam decorridos 23 minutos.

Pedaços de bom futebol

No segundo desafio entre o F. C. Porto e o Boavista, os «axadrezados» como que encorajados pela «linha» de recurso do adversário tiveram um início muito prometedor, actuando com vivacidade junto á área do F. C. Porto onde a sua defesa, com Pavão e Rolando nela incluídos, se mostrou inicialmente titubeante para anular o assédio do Boavista nos primeiros minutos.

De pronto, porém, o ultimo reduto do F. C. Porto afinou as agulhas. Pavão acertou com o tempo de entrada para o desarme e Rolando também melhorou, já que os dois laterais estiveram sempre bem. No meio-campo, Gomes foi de uma generosidade e eficiência a toda a prova, a ele se devendo todos os lances bem ligados. Na frente, Chico Gordo e Nóbrega deram seguimento aos lances construídos de trás. E, com quinze minutos jogados, o F. C. Porto surgiu dominador, autoritário, tomando a iniciativa do jogo.

VARZIM — Benje; Fernando Ferreira, Quim, Salvador e Sidónio; Serrão e Aleixo; Rico, Valdir, Nunes Pinto e Marques.

LEIXÕES — Ferreira (ex-Gouveia); Geraldinho, Peixoto, Barros e Raul; Gentil e Bené; Quim (ex-Varzim) (Barbosa), Esteves, Horácio (Albertino) e Neca.

Ao intervalo: 1-0. Marcador do unico golo: Valdir (aos 66 minutos).

F. C. PORTO — Aníbal; Hélder Ernesto, Rolando, Pavão e Leopoldo; Lisboa e João; Ricardo, Chico Gordo, Gomes e Nóbrega.

BOAVISTA — Quim; Canário (Pinha), Mário João, Pinto Moreira (ex-Tirsense) e Albano; Barbosa e Alfredo; Germano, Augusto (ex-Leverense), Osvaldo (ex-Famalicão) e Moinhos (Valdemar).

Ao intervalo: 1-0. Marcaram os golos: Gomes (de «penalti», aos 32 m.); Lisboa, aos 47 m.; e Chico, aos 85 m.

Arbitraram: Fernando Leite (bem, no 1.º jogo) e David Rocha (com muitas deficiências, no 2.º jogo).

A. ABEL

Barroca está batido e Ernesto tem a baliza á sua mercê

Diamantino é desarmado pelo alcantarense Valdemar

BENFICA, 2-ATLÉTICO, 1

A EXPERIÊNCIA BENFIQUISTA E AS «EXPERIÊNCIAS» ALCANTARENSES

Curioso contraste entre as formações apresentadas pelo Benfica e pelo Atlético para o jogo de abertura desta Taça de Honra. Os «encarnados» não mostraram qualquer estreia, pois toda a gente que envergou a camisola rubra já pertencia á casa. Diamantino, que estivera na Póvoa, regressou, terminado que foi o período de empréstimo. Ao contrário, os alcantarenses lançaram vários jovens. Desfalcados como se encontram de vários elementos que granjearam popularidade, os atléticos procuram construir um conjunto que os não deixe ficar mal.

Como vem sendo habitual, a turma de Alcantara principiou bem o seu primeiro jogo da temporada. Intuição evidente nos rapazes, sentido de colectivismo, entreajuda apreciável. Um golo obtido nas escaramuças iniciais reforçou o entusiasmo e a convicção com que os de Alcantara se batiam.

E se é certo que Nascimento facilitou, largando uma bola sem força, também não é mentira que Raimundo foi lesto e arguto no aproveitamento do ensejo.

A igualdade chegou um minuto antes do intervalo. Um «livre» de José Augusto levou o esférico á zona de perigo atlética. Ai surgiu Águas para cabecear poderosa e certeiramente.

O vencedor tornou a marcar quando a segunda parte era ainda uma criança... Vitor Martins abriu sobre a direita, onde surgiu Águas sem vizinho próximo. Chuto cruzado, a bola a chocar no poste contrário e, depois, a ressaltar para além do risco da baliza.

O assunto arquivou-se imediatamente, pois a diferença de forças e qualidade de futebol vincava-se gradualmente. Os atléticos uniam-se para equilibrar a partida, mas a sua incontestável homogeneidade mostrava-se insuficiente para surpreender o antagonista. O Benfica vencia naturalmente.

Entre os vencedores, poder-se-á destacar o labor de Matine, que esteve muito em jogo e deu inumeras bolas á frente, e a capacidade goleadora de Águas. No Atlético, Gaspar e Raimundo confirmaram a vocação que se lhes reconhece.

Arbitragem aceitável de Raul Santos.

As equipas:

Benfica — Nascimento; Fernandes, Humberto, Marques e Tomás; V. Martins e Matine; Praia, J. Augusto, Águas e Diamantino.

Atlético — Gaspar; Valdemar, Durand, Rogério e Guilherme; Horta (ex-Almada) e Pinhal; Raul (Jacinto), Formiga (ex-Futebol Benfica), Raimundo e Jesus.

FRANCISCO CAMILO

Torres Novas e Tramagal vencedores folgados

Começou a disputar-se, também, a «Taça de Honra» da Associação de Futebol de Santarém. O Torres Novas venceu (por 6-1) o União de Almeirim. E, em sua casa, o Tramagal foi batido pelo União de Tomar (por 0-2).

As linhas e marcadores:

TORRES NOVAS — Casimiro; Tuna, Rocha, José Bruno e Simões; Sá Pinto e Nogueira (Barroca); Hugo Cezarino, Real e Borges (Serranito).

UNIÃO — Godinho (Clemente); Tatá, Simão, Pereira e Malfeito; Borrego e Resende; Bé, José Manuel, Eurico e Garrincha.

Ao intervalo, 3-1. Marcadores: Borges (3), Cezarino, Serranito e Real, pelos locais, e Bé, pelos visitantes.

TRAMAGAL — Bonito; Vítor, Nelson, Rui e Armando; Leonel e Mateus; Mendes, Sampaio, João Baptista e Cunha.

UNIÃO DE TOMAR — Conhé; Kiki, João Carlos, Faustino e Barnabé; Ferreira Pinto e Manuel José; Claudio, Alberto, Tito (Totoi) e Vieira.

Ao intervalo, 1-0. Marcadores: Tito e Ferreira Pinto.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

CARTAZ DOS CINEMAS

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
A's 15 e 30 e ás 21 e 45
comédia mais original
dos últimos anos!
NASCI PARA AMAR
com Catherine Spaak
— SCOPE-COLORIDO —
(Ar condicionado)

CONDES

Telefs. 322523 - 326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
(Adultos)
Uma grande história de amor
ÂNSIA DE AMAR
Scope — Metrocolor
(AR CONDICIONADO)

ESTUDIO 444

(Adultos Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
O CASAMENTO
(Le Mariage ou Mazel Tov)
com Claude Berri e Elisabeth Wiener
EASTMANCOLOR
AR CONDICIONADO

ODEON

Tel 326283
Às 15.15 e 18.15 e ás 21.30
EM 2.ª SEMANA TRIUNFAL
TARDE E NOITE:
M. DE 6 ANOS
O 1.º FESTIVAL DE GARGALHADA DO CINEMA PORTUGUÊS
A CANÇÃO DE LISBOA
com Vasco Santana, Beatriz Costa e António Silva

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
Um filme Policial-Sex
100% divertido
DIAMANTES AO PEQUENO ALMOÇO
com Marcello Mastroiani — Rita Tushingham

ESTÚDIO

(Adultos Tel. 555134
Às 15.30 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
A obra fundamental de
Roman Polansky
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Fucueaux

EUROPA

(Adultos) Tel. 66 10 16
Às 15.15 e 21.30
Um filme de grande mistério e emoção!
QUARTO N.º 13
com Karin Dor, Eddie Arent e Kai Fischer.

LIDO

Praça D. João I — AMADORA
Às 21.30 (M. 17 anos)
AS MINHAS PISTOLAS
Um filme para rir
de princípio ao fim

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 • 6.15 da tarde (a p r.)
e 9.30 da noite
Paul Newman
no vigoroso filme de novo em exibição
A VIDA É UM JOGO
com George Scott
e Jackie Gleason

EDEN

(M 12 anos) Tel. 32 07 68
15 15. 18.30 e 21.45
O HOMEM QUE MATOU LIBERTY VALANCE
Quatro gigantes do cinema e do «western» reunidos!
John Wayne, James Stewart
Lee Marvin, Lee Van Cleef
Um filme de JOHN FORD

POLITEAMA

(M. 17 anos) Tel. 326305
HOJE, ás 15.15 (p r.) e 21.30
2.ª SEMANA COM O ÍDOLO
MONTGOMERY WOOD
no seu melhor filme de sempre
UM DÓLAR FURADO
A história de uma sinistra vingança
Tecnicopio — Eastmancolor

HOJE, ás 18 30 (M. 12 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
UMA CARREIRA SENSACIONAL
(Il Medico Della Mutua)
com Alberto Sordi, Bue Valoxi e Evelyn Stewart
AR CONDICIONADO

ALVALADE

(M 17 anos) Tel. 763080
Às 15 45 e 21.45
CARNE DA MINHA CARNE
com Troy Donahue
e Connie Stevens

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21 30
O PERIGO VEM DAS MULHERES
c/ Richard Johnson e Daliah Lavi

LIZ

(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
TESTEMUNHA SUSPEITA
007 CONTRA GOLDFINGER

5 horas no Tejo

Comunica-nos a C. P. que os passeios no Tejo realizados aos domingos, por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, terminam no fim de Agosto, efectuando-se o ultimo passeio no domingo dia 31

VOX

(M. 21 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
de lotações esgotadas
HELGA
(O segredo da maternidade)
comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade àquelas pessoas cuja aparência possa suscitar dúvidas

MONUMENTAL

(M 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30:
KRAKATOA
(A LESTE DE JAVA)
no écran gigante — 70 m/m

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e ás 21.30
A PISCINA
com Alain Delon e Romy Schneider

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
UMA NOVA CARA NO INFERNO
A MINHA SENHORA

SÃO JORGE

(M. 12 anos) Tel. 54153
Às 21.30
Sensacional reposição
BRINCADEIRAS PROIBIDAS
com George Poujouly e Brigitte Foster
Às 15 e 18 15 — (M. 17 anos)
A CHAMADA

AVIS

(M 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21 45
Uma espantosa e divertida aventura!
3 SUPER-HOMENS EM TÓQUIO
com George Martin — Dick Gordon e Willy Newcomb
— EASTMANCOLOR —
— AR CONDICIONADO —

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23 h: «Ri-te, Ri-te» (17 anos)
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os Direitos da Mulher» (17 anos)
TEATRO GIL VICENTE — Às 22: «A maçã» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Gigantes do mar» (17 anos)
PARIS — Às 21: «Balas em fogo» (17 anos)
JARDIM — Às 21: «Os impetuosos» (12 anos)
SALÃO LISBOA — Às 19: «O filho de El Cid» (12 anos)
ARCO IRIS — Às 21: «Zona de violências» (17 anos)
IDEAL — Às 21: «A sétima vitória» (17 anos)
PROMOTORA — Às 21: «Cinco destemidos para Singapura» (17 anos)
CINEARTE — Às 21: «A queda do Império Romano» (12 anos)
MOSCAVIDE—Às 21: «Espia sem nome» (17 anos)
SPORT L. BENFICA — Às 19 h.: «Rebelião de escravos» (12 anos)
CASTANHEIRA — Às 21 e 30: «Currito de La Cruz» (12 anos).
BOMB. V. LOURES — Às 21 e 45: «O ultimo degrau» (17 anos).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Às 21 h: «Flor amarga» (17 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS - CINE — Às 21: «Maigret e o Espião» e «Uma provinciana no Corte do Rei Sol» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «A viuva solteira» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «A piscina» (17 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Selvagem é o vento» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Quem roubou a coroa» (12 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Jogos perigosos» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21: «Montanha da Luz» e «O invencível mascarado» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 30: «O Belo, o Bruto e o Cretino» (12 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Adivinha quem vem jantar» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «As cartas do escorpião» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Um campista em apuros» (12 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «007 Operação relâmpago» (17 anos).
ERICEIRA — CASINO — Às 21:

BICO DOURADO

ESTREIA SEGUNDA-FEIRA O FAMOSO

TONY AMARAL

R. DA MISERICÓRDIA TEL. 368649

É sempre aliciante o programa diário da

FEIRA POPULAR de LISBOA

Organizada a favor da Colónia Balnear Infantil de «O SÉCULO»

HOJE — NOITE MARIA BOTIJA

A JÁ POPULAR INICIATIVA DA **SONAPGÁS** OFERECIDA MENSALMENTE A TODOS OS VISITANTES DA FEIRA COM UM PRÉMIO TÃO VALIOSO QUANTO ÚTIL **UM MAGNÍFICO FOGÃO «PRESMALT» COM DUAS BOCAS E FORNO E TAMBÉM UMA CARGA DE 13 KG DE SONAPGÁS**
SIMPLES! PRÁTICO! ALEGRE!

ÀS 23 HORAS ENTRARÁ NO RECINTO DA FEIRA A **MARIA BOTIJA** QUE SERÁ PORTADORA DE UMA CREDENCIAL QUE ENTREGARÁ AO PRIMEIRO VISITANTE QUE A LOCALIZAR

NO PASSATEMPO DESPORTIVO **A VOLTA VISTA DA FEIRA** VOTA-SE PARA A ETAPA **ALCAINS-SEIA**, PRÉMIO: **UM FERRO ELÉCTRICO ELECTROLUX**, OFERTA ELECTROLUX

TODOS OS DIAS: PODE HABILITAR-SE À OFERTA MENSAL DA **METALURGIA CASAL**, DE AVEIRO. **UMA MOTORIZADA CASAL**

VENHA À FEIRA E PARTICIPE
NA **NOITE MARIA BOTIJA**

ABRE ÀS 19 HORAS

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno D

AJUDA — **Mendes Gomes**, Calç do Ajuda, 222 (638256) ● **Tapada, Lda.** Calç do Tapada, 83-A (634721)
ALCÂNTARA — **Ester Nogueira**, R de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — **Lusa**, Av Almirante Reis, 199-A (41269) ● **Romano Baptista**, R Passos Manuel, 61-C (50593) ● **Magalhães**, Av Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479)
ALTO DO PINA — **Dalton**, Av Mouzinho de Albuquerque, 1-A (à Pr Paiva Couceiro) (843571).
ALVALADE — **Líbia**, Av da Igreja, 4-B-C (71168) ● **Nova Iorque**, Av Estados Unidos da América, 140-B (junto a Entrecampos, (760658)
AMOREIRAS — **Amoreiras**, Praça das Aguas Livres, 8-D (681515).
AREEIRO — **Marbel**, Av de Roma, 131-A (776235) ● **Lusitana**, Avenida de Roma, 8-A (735443) ● **Chinde**, R Agostinho Lourenço, 6-B (71033)
AVENIDAS NOVAS — **Lungenit**, Avenida da Republica, 55-A (772132) ● **Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego (770324) ● **Sá da Bandeira**, R Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) ● **Oliveira Viegas**, Rua Viriato, 29-A (48966-553601).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira**, Casas Novas, lote 66 (310172)
BAIXA — **Simões Pires**, Rua da Prata, 115 (362350)
BENFICA — **Benfiluz**, E de Benfica 444-A (782606) ● **Alegria**, Estrada de Benfica, 80-A-B (780511) ● **Progresso**, Estrada A-da-Maia, 64-C (702226) ● **Macedo**, Est do Poço do Chão, 69-C (703697).
CAMINHOS DE FERRO — **Cruz de Malta**, L. Chafariz de Dentro, 36 (866126)
CAMÕES — **Andrade**, R do Alecrim, 125 (322328-323446)
CAMPO DE OURIQUE — **Linaldo**, R Ferreira Borges, 30 (660955) ● **Findar**, R D Mario Pia, 514 (687949).
CAMPO DE SANTANA — **Peninsular**, Campo dos Mártires da Pátria, 117-1 8 (553308)
CAMPOLIDE — **Ronil**, R Rodrigo da Fonseca, 53 (683438) ● **Zénel**, Rua A 82 (Bairro da Liberdade) (65 840) ● **Nova**, R. de Campolide, 297 (687475)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Madre de Deus**, R da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo), (382470) ● **Zema**, R General Justiniano Padrel, 21 (832580)
ESTEFÂNIA — **Fonseca**, Largo de D Estefânia, 4-5 (54808)
GRAÇA — **Almeida Dias**, Largo da Graça, 38-A-39 (862909) ● **Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361)
LUMIAR — **Patutela**, R do Lumiar, 122 a 124 (790332) ● **Douro**, Alam Linhas de Torres, 93-A-B (79131)
MADRAGOA — **Moderna**, R Garcia de Orta, 24 (663117)
MOURARIA — **Ferrão**, R da Mouraria, 12 (860464)
ESTRELA E LAPA — **Alb**, R de Santana à Lapa, 56 (663562)
OLIVAIS — **Simão** Av de Berlim, Rua D, 6-A (310581).
PALHAVÃ — **Canto**, Est das Laranjeiras, 202-B (780841)
PEDROUÇOS — **Higilux**, R de Pedrouços, 50-52 (610280)
PICHELEIRA — **Marluz**, Calç da Picheleira 40-B-C (720703) e 728395)
S. PAULO — **Marcos do Nascimento**, Calç Marquês de Abrantes, 36-A (664238)
SANTO AMARO — **Botânica**, Rua da Junqueira 38-40 (638 32).
SANTA MARTA — **Morais Sarmento**, R de Santa Marta, 5-A, 15-B (46490)
SÉ — **Santa Luzia**, Rua da Saudade, 2-B (869831)
MOSCAVIDE — **Varela**, Av Moscavide, 44 (Tel. 2518520).

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Nito** — Av Combatentes G Guerra, 64 (Tel. 212070)
CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás**, Rua Coste Pinto, 186 243 20 34)
OEIRAS — **Godinho** — R Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — **Brandão**, Av.ª da Republica, 11-C (2471054
ESTORIL — **Marques dos Santos**, R. Ferreira, J. A., 5 (260116).
CASCAIS — **Marginal**, Av.ª Marginal (280078 ● **A. Costa**, R Freitas Reis 24 (2802 4).

● Linha de Sintra

AMADORA — **Dias**, Av Marquês de Pombal Lote 9 (934589) ● **Campos**, R Elias Garcia, 185 (930072) ● **Clobel**, R António Sardinha, 23-D (938551).
DAMAIA — **Confiança**, Estrada Militar, Lote D (971023)
QUELUZ — **Gil** — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel 950117); **Simões Lopes** — Av.ª Elias Garcia, 51/51-A (Tel 950123).
CACÉM — **Central** — R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — **Quimia** — Est. Mem Martins, 285 (T 29 0012).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel 980456)
SINTRA — **Marrazes** (Estefânia) — Largo Afonso de Albuquerque (980058)
COLARES — **Colares** — **Abreiro** (Tel. 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro**, L. António dos Santos Jorge 15 (Tel 234100)
ALHOS VEDROS — **Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (22 40 20).
ALMADA — **Castro Rodrigues**, R. Capitão Leitão, 21-A (270076)
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança** — Est Nacional 74 Tel. (224302).
BARREIRO — **Normal**, Av.ª Alfredo da Silva, 16 (2273035)
COVA DA PIEDADE — **Atlântico**, Quinta do Pombal, (274365)
MOITA — **Silva Roche**, da República, 6 (23 90 29
MONTIJO — **Diogo**, R Almirante Cândido dos Reis, 42 (230032)
SESIMBRA — **Lopes** — R Cândido dos Reis 67 (Te 229028) 2 45 58).
SETÚBAL — **Costa** — Largo da Misericórdia (Tel 22760). **Brasil** — P. do Brasil (Tel 24788).
SEIXAL — **Godinho** — L. da Igreja 51 (Tel 228580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas 361353 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla (dom. e feriados) 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ● Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Publica, 366141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 43738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José, 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ● Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ● Centro de Intoxicações (informativa), 767777 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ● Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ● Estação fluvial (T Paço), 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 663195 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
(DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA)
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(M 5 anos)

RESTAURANTE
CHURRASCO
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
Rua das Portas St.º Antão, 83
Telef. 323059

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
aos sábados e domingos
JANTARES DANÇANTES
c/ conjunto privativo
(Encerrado às 3.as-feiras)

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA SETUBAL
Telef 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
CANTINHO ALENTEJANO
Rua D Luís de Noronha, 32-A (junto à Av de Berna)
Telefone 77895
SERVE DIARIAMENTE OS DELICIOSOS PRATOS CARACTERÍSTICOS ALENTEJANOS

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

AGOSTINHO DEFENDE-SE:

«SÃO TODOS CONTRA MIM E NINGUÉM COMPREENDE QUE ESTOU CANSADO!»

(Continuação da 1.ª página)

todos os dias, a ganhar etapas, a isolar-me, eu sei lá! Já tenho a cabeça cheia desse disco: porque é que não ataca, porque é que não me vou embora?... E o curioso é que há pessoas que vão ás bermas da estrada e se sentem no direito de insultar os ciclistas, quando eles não lhes dão a satisfação que pretendem. Até o fazem pessoas que nunca deram, nem pensam dar, um tostão para esses ciclistas que insultam! Eu sei que já há por aí quem me chame «peneirento». Isso é coisa que nunca fui, não sou e nem quero vir a ser? O que já tenho é medo das multidões, medo de ouvir, á chegada, depois de todo o esforço de uma etapa, essa pergunta de todos os dias: Porque é que não ataco, porque motivo não deixo os outros para trás?

Só por isso eu me furto um bocado aos jornalistas, nas metas; peço-lhes para passarem pelo hotel, que eu não tenho dúvidas em falar!

«Já podia ter ganho uma etapa, mas porque preço?»

Joaquim Agostinho, ex-trabalhador rural, hoje campeão famoso na Europa do ciclismo, expressa-se com muita facilidade num perfeito encadeamento de ideias e palavras.

— Eu talvez até pudesse ter dado uma alegria a essas pessoas, enfim, ter ganho uma etapa. Mas porque preço? Não compreendem que não estou em condições de andar por aí a esbanjar energias? Que tenho de esperar calmamente a minha oportunidade E lembro que qualquer esforço feito até agora, para me isolar, para ir por aí fora sózinho, era capaz de não dar outro resultado que não fosse estoirar-me em vão! Tirando, Marco, os corredores do Sporting, estão todos contra mim. E é muito difícil, assim, fugir a um pelotão em que há muita gente colaborando a «puxar». Perguntam-me porque não me escapo do Mendes? É que não é só o Mendes, nem o Andrade, nem o Mário Silva!... São muitos! Só o Benfica tem onze, o Porto também possui bons corredores e ainda há os outros. Quem é que pode resistir?

O corredor fala das ocasiões mais favoráveis para um «brilharete»

Agostinho falara na sua «oportunidade». Quando julga que a encontrará?

— A oportunidade até já podia ter aparecido, em qualquer momento da corrida. Continuo a esperar. Mas, pelo menos em teoria, as ocasiões mais favoráveis para mim, são a etapa das Penhas e o contra-relógio do ultimo dia. É claro que não posso afirmar que chego lá e ganho. Essas coisas dependem sempre da disposição do momento; muitas vezes, a gente quer e não pode! No entanto, essas etapas são diferentes. Tudo depende do valor individual. Sim, tenho esperanças, o que não posso é dar a certeza! Há vários bons corredores, nem só o Mendes, o Andrade, o Mário Silva e eu podemos ganhar a Volta. Até pode acontecer que um corredor de quem ninguém fala apareça num dia de grande disposição, ganhe um punhado de minutos de avanço e dê uma reviravolta nisto tudo.

Agostinho queixa-se:

— Quero ainda dizer que esta «Volta» não foi desenhada para eu ganhar, pelo menos, para eu o fazer com um certo á-vontade. O contra-relógio de início, foi reduzido para 13 km — o que é muito pouco — e, ainda por cima tive azar: um furo e uma queda. Depois, há as bonificações que só favorecem os «sprinters». Aí, eu já nem tento, porque sei que não ganho. Não é que eu seja contra as bonificações; em França também as há.

Mas foi azar meu que, logo este ano, elas tivessem voltado a fazer-se na «Volta a Portugal».

Quero dar á gente do Sporting a satisfação de uma vitória, mas peço que não me seja exigido demasiado!

De vez em quando

Esta semana, os exemplos vêm-nos de França, como antigamente os bebés. Anteontem foi o emprego de novos métodos para extinguir fogos em florestas, hoje a decisão governamental de tornar obrigatório o ensino da natação a todas as crianças francesas. Exemplos difíceis de seguir? Quanto ao segundo temos uma sugestão: em vez de repartir os lucros em subsídios de pouca monta (e, sobretudo, pouco interesse) por qualquer agrupamento de cacaracá desejoso de dar pontapés na bola, o Departamento das Apostas Mútuas Desportivas podia encarregar-se de mandar construir, onde melhor fosse (estabelecimentos de ensino, agrupamentos desportivos, núcleos habitacionais, etc.), as piscinas suficientes para pôr em prática a útil campanha de ensinar natação a toda a gente. Talvez bastasse um ano e não seria preciso desviar os subsídios justos, a avaliar pelas verbas agora tornadas públicas, que são de fazer perder o fôlego mesmo a quem tenha os pulmões adestrados por salutares exercícios natatórios.

V. D.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE—O céu estava limpo em Portugal continental, o vento era fraco dos quadrantes de Leste

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 35°,5; mínima: Montalegre, 9°,7.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 24°; Penhas Douradas, 18°; Coimbra e Portalegre, 25°; Lisboa e Faro, 26°; Funchal, 22°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL—Na atmosfera: 30°; na água do mar: 16°,2.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu em geral limpo, vento fraco a moderado de nordeste, tornando-se, durante a tarde, fresco de noroeste, no litoral da Estremadura. Neblina na faixa costeira ocidental, durante a noite e manhã.

Amanhã
Nascer ás 7 e 3
Ocaso ás 20 e 12

Dia 3 Dia 11 Dia 19 Dia 25

MARÉS:

PREIA-MAR: **Dia 28** — 4 e 48 (4,2 m); 17 e 08 (4,5). **Dia 29** — 5 e 29 (4,2 m); 17 e 47 (4,5 m). **Dia 30** — 6 e 08 (4,2 m); 18 e 27 (4,4 m). BAIXA-MAR—**Dia 28** — 10 e 27 (0,7 m); 22 e 57 (0,6 m). **Dia 29** — 11 e 07 (0,7 m); 23 e 36 (0,7 m). **Dia 30** — 11 e 47 (0,8 m).

FESTIVAL DE VENEZA

OS NORTE-AMERICANOS APRESENTAM UM FILME

VENEZA, 28 — (A. N. I.) — «Siroco de Inverno», o filme hungaro ontem projectado no Trigésimo Festival Cinematográfico de Veneza, foi recebido pela crítica com grande desapontamento.

Os jornalistas afirmaram ao seu realizador, Miklos Jancso, que o seu filme está factualmente errado. Este respondeu que se trata de um filme de ficção.

«Um caso feminino», o primeiro filme israelita a ser apresentado neste festival, não provocou também grande interesse, o mesmo acontecendo com os documentários exibidos, também israelitas.

No programa de hoje está incluído o único filme norte-americano que é apresentado no Festival, «Brincadeiras de crianças», realizado por Walter Wlebit. A outra película é «Armadilha», do realizador jugoslavo Zika Pavlovic.

ATAQUE ISRAELITA DE REPRESÁLIA

(Continuação da 1.ª página)

do Egipto e regresso á base.

VERSÃO EGIPCIA

CAIRO, 28. — (A. N. I.) — A meia-noite, um avião inimigo entrou pelo Sueste, vindo do Mar Vermelho, e dirigiu-se a Aysut, no Nilo. As nossas forças civis e militares alvejaram-no e o aparelho lançou as suas bombas sem qualquer perigo, próximo de um quartel, e fugiu. Não houve baixas nem prepuizos» — afirma-se em comunicado egipcio distribuido hoje.

8 DIAS DE SOL E REPOUSO
CRUZEIRO
À MADEIRA E CANÁRIAS
Partida: 13 DE OUTUBRO
Preços desde:
2.400$00
PEÇA PROGRAMAS DETALHADOS DE OUTRAS VIAGENS NO PAÍS E NO ESTRANGEIRO.
Utilize o nosso plano de crédito sem entrada inicial.
Programas, informações e inscrições:
AGÊNCIA DE VIAGENS CARIBÉRIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 161/163
TELEFS. 56 10 81 (5 Linhas) LISBOA-2

CASTELÕES
AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO
DE QUALIDADE

VIAGENS IT
O LESTE EUROPEU
(Ida e volta de avião — estadia em bons hotéis em regime de dormida e pequeno almoço — visita da cidade).
PRAGA (7 dias) 5.980$00
SÓFIA (7 dias) 7.465$00
BUCARESTE (7 dias) ..... 7.540$00
VARSÓVIA (7 dias) ..... 7.850$00
MOSCOVO (6 dias) ..... 11.900$00
LENINEGRADO (6 dias) ..... 11.920$00
CONSULTE-NOS
Telefs.: 539871 - 362501
UTILIZE O CREDI-STAR
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

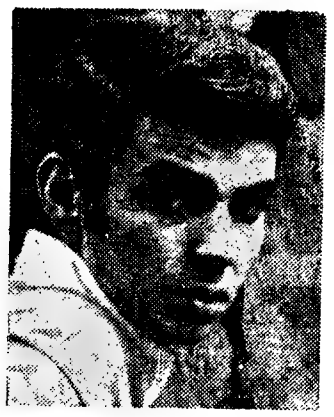
PRAIA DO CARVOEIRO
solférias
IMOBILIARIA CONSTRUTORA GRÃO-PARÁ S.A.R.L.
AV. INFANTE SANTO, 56-A a 56-D-TELS. 661026-661069-672953-LISBOA-

CAMPO PEQUENO
M/6 anos
HOJE, ÀS 22 HORAS

CORRIDA ANUAL DOS TOUREIROS
A FAVOR DO SEU FUNDO DE ASSISTÊNCIA
M. CONDE · RIBEIRO TELLES · GASTÃO SANTOS · F. A. SALGUEIRO
JOSÉ SIMÕES · AMADEU DOS ANJOS
FORCADOS AMADORES DO MONTIJO E DE ALCOCHETE
8 TOIROS DE D. MARIA MANUELA ANDRADE SALGUEIRO E JOSÉ LICO
BILHETES DESDE 25$00
Telefs 771819 761539, 321712 e 30769

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 577/28 DE AGOSTO DE 1969



NAS PÁGINAS CENTRAIS:

PENSO, LOGO CANTO

(Fernando Guerra entrevistad)

Festivais de Inverno em OURO PRÊTO

A 1071 metros de altitude, Ouro Preto, que tem 20 mil habitantes, treme de frio quando o Inverno decide castigá-la: o termómetro marca 2 graus na Praça Tiradentes. Mas isso não é frequente, porque sua temperatura média é de 15 graus no Inverno e 25 graus no Verão. — Assim nos esclarece um prospecto do Departamento de Turismo.. O Inverno dá portanto para a camisola (cuidado: *camisola* no Brasil é camisa de dormir) de gola alta e o cobertor ao pescoço à moda das pampas, mas também dá para a serenata e as petisqueiras ao ar livre. Podemos, pois, entrar no festival sem receio das ameaças que a palavra inverno contém para os nossos ouvidos lisboetas. A razão da escolha deste mês de Inverno é o período de férias escolares que divide o ano lectivo.

Numa época em que os festivais de todas as artes estão em crise — e em particular neste momento a Bienal de S. Paulo — ocorrem interrogações diversas acerca da natureza dum festival que se cumpre sossegadamente, durante um mês, numa ex-capital barroca. As respostas, que cada um terá de encontrar para as próprias perguntas, decorrem da natureza particular do festival, da qual procuro dar uma ideia.

A crise dos festivais resultará do carácter de afirmação de cultura que apresentam e da natureza dessa afirmação. Constituem em geral *shows* de cultura, afirmações de pessoas ou grupos que fatalmente entram em conflito com um mundo que as rejeita como formas já institucionalizadas, logo mortas. Como actos públicos e colectivos de expressão de cultura vêem sancionar a estrutura dessas instituições em que se inserem. É em particular o caso da Bien de S. Paulo desertada pelos artistas da maior parte dos países cuja representação se premeia.

O Festival de Ouro Preto é de natureza didáctica. Não há *show*, não há afirmação, não há conflito (explícito). Não vem exprimir nem sancionar uma cultura particular porque não apresenta resultados, é destituido do sentido de *obra*. Não implica num estilo nem numa forma de coexistência. A acção passa-se, digamos, fora do tempo. É didáctica, eclética e elementar.

«O SENTIDO DO FESTIVAL»

«Apesar da experiência ser muito nova, o Festival de Inverno, que vem sendo realizado em Ouro Preto, em Julho de cada ano, já foi compreendido em sua exacta dimensão. Não se trata de uma festa ou mera promoção cultural, no uso comum da expressão. O Festival de Inverno é considerado, no género, a maior promoção cultural do Brasil.

«A extensão universitária, no seu genuino sentido, visa não só á integração interna da Universidade — fazendo com que esta seja mais aberta para si mesma, mais actuante —, mas principalmente á integração da Universidade com o meio exterior, propiciando um ajustamento dela á comunidade. De modo automático, pois, a instituição torna-se mais acessível, torna-se mais flexivel E porque ela não fica presa aos padrões habituais, ao ensino rigido, estatuido pelas normas corriqueiras, é

3º festival de inverno

possível dar à Universidade uma dimensão nova. A Extensão é uma «ideia-força» que vem da própria Universidade e que tem por objectivo fazer com que as suas portas sejam abertas a todos, alcançando pessoas que jamais sonhariam em beneficiar-se de suas actividades.

«Mas não tem apenas essa direcção: «A universidade para a comunidade.» Também há uma reciproca: possibilitar a «participação da Comunidade na Universidade». E esta função é de extrema importância, pois, de modo habitual — e talvez por culpa da própria Universidade—esta é olhada como algo distante, inatingível, incompreensível. Exactamente por isso a Extensão é uma ideia generosa e de alcance ilimitado. A Universidade está tendo consciência, aos poucos, de seu valor e vai colocando a extensão em posição de relevo. Se a Universidade não quiser ficar fora da realidade que a cerca, não pode se limitar apenas ao ensino tradicional Gradativamente transforma-se o ensino de graduação e, de modo intenso, a pós-graduação e a pesquisa vão adquirindo expressão no contexto universitário. Mas a Universidade não se moderniza, não se ajusta à realidade se não der também oportunidade à Extensão, como vem acontecendo com a Universidade Federal de Minas Gerais, que a considera função básica

«Dentro desta linha de ideias o Festival de Inverno tem papel destacado. É um autêntico projecto de extensão universitária, que consegue alcançar a integração, um dos aspectos mais importantes da Universidade moderna.» Este é o texto que abre o programa do Terceiro Festival de Inverno em Ouro Preto.

«ALGUMAS PROPOSIÇÕES»

«Algumas «proposições» — que na verdade são simples constatações de conhecimento geral — podem ser alinhadas como ponto de partida para a exposição que vou fazer, mais socrática que aristotélica, isto é contendo mais perguntas do que respostas, augurando, todavia, que desta reunião o montante das respostas seja pelo menos igual ao montante das perguntas.

«A primeira delas consiste no facto aceite por to-

(Continua na página seguinte)

JÚLIO MOREIRA

por E. M. de Melo e Castro

APÓS OS PRIMEIROS EMBATES e polémicas, a Poesia Concreta desperta em todo o mundo (tanto ocidental como oriental) uma segunda vaga de interesse, agora bem mais profundo e seguro, despido da irracionalidade crítica que as suas primeiras propostas invariàvelmente provocavam.

A atestar esse renovado interesse, notemos a publicação de pelo menos cinco antologias (1) da Poesia Concreta Mundial, nos Estados Unidos, em Inglaterra, em França, na Bélgica, e mais duas na Checoslováquia e na Polónia, estando ainda outra projectada em Itália!

Isto, além das revistas internacionais com números antológicos e das exposições colectivas em Inglaterra, Itália, França, Argentina, Espanha, Japão, Estados Unidos, etc.

Este interesse novo é de uma qualidade também nova, e manifesta-se principalmente entre nós pela repetida solicitação de informação precisa sobre a Poesia Concreta e sobre o seu significado.

Esta é a razão de ser deste artigo.

Hoje, ao falar-se sobre Poesia Concreta, devemos começar por considerar duas concepções: uma, ortodoxa e temporalmente bem limitada à actividade do grupo Noigandres no Brasil, e outra, concepção aberta e universal que se aplica a um campo vasto de actividade criadora, que com diversíssimas cores locais e variedade de objectivos e meios, está, no entanto, ligada aos princípios básicos postos em causa pelo grupo Noigandres e por E. Gomringer, na década de 50.

A distinção entre o que no Brasil se entendia por Poesia Concreta, em 1958, e o que hoje se entende por Poesia Concreta no mundo, é só por si profundamente esclarecedora, como se verá.

No livro «Teoria da Poesia Concreta», organizado por Augusto de Campos, Décio Pignatary e Haroldo de Campos (2), com textos críticos e manifestos de 1950 a 1960, encontra-se bem explicitada e documentada essa noção primeira, e já hoje clássica, de Poesia Concreta.

Mas a seguinte citação ajudar-nos-á, por agora, a colocar o problema bem em foco: — «Em sincronização com a terminologia adoptada pelas artes visuais e, até certo ponto, pela música de vanguarda (concretismo, música concreta), diria eu que há uma poesia *concreta*. Concreta no sentido em que, postas de lado as pretensões figurativas da expressão (o que não quer dizer: posto á margem o significado), as palavras nessa poesia actuam como objectos autónomos. Se, no entender de Sartre, a poesia se distingue da prosa pelo facto de que para esta as palavras são signos, enquanto para aquela são *coisas*, aqui essa distinção de ordem genérica se transporta a um estágio mais agudo e literal, eis que os *poemas concretos* caracterizar-se-iam por uma estruturação óptico-sonora irreversível e funcional, e, por assim dizer, geradora da ideia, criando uma entidade todo-dinâmica, «verbivocovisual» — é o termo de Joyce — de palavras dúcteis, moldáveis, amalgamáveis, à disposição do poema.»

Este fragmento de um texto de Augusto de Campos é de 1955, e pode ser sintetizado do seguinte modo (também de Augusto de

(Continua na 6.ª página)

Festivais em Ouro Preto

(Continuação da pág. anterior)

dos de que a Universidade brasileira se encontra efectivamente mergulhada em profunda crise, dada pela crescente perda de vigência e operacionalidade do seu modelo básico em função das exigências sociais que lhe são dirigidas pelo progresso de mudança por que passa a sociedade nacional. Penso mesmo que não é demasiado forte, nem simplesmente simbólica, a imagem de que a Universidade brasileira treme sobre os seus alicerces, em face do irrecusável apelo que a sociedade lhe faz para ajudá-la a desenvolver-se e modernizar-se com a rapidez possível e necessária e em comparação com outros povos mais adiantados.

«A segunda constatação está em que, a rigor, não existe ainda, devidamente configurado e instrumentalmente disponível, um modelo de Universidade susceptível de substituir, parcial ou totalmente, o velho modelo ainda em curso. Já existe a consciência de que a mudança é necessária e urgente, mas não se estruturou, por ora, o projecto específico da mudança. A esse fenómeno, sumamente grave, junta-se outro não menos relevante, pelos riscos e distorções que ele tende a propiciar: está, de certo modo, nos seus termos genéricos, traçada a estratégia formal da mudança na Universidade brasileira, mas o seu conteúdo e os seus imprescindíveis suportes se encontram ainda em aberto. Chamo a atenção para este detalhe: delineada a estratégia formal da mudança sem que o correspondente conteúdo e os respectivos suportes estejam oportunamente definidos, corre-se o risco, que considero iminente, de se produzir uma reforma nominalista, que o génio sintético dos anglo-saxões denominaria com bastante propriedade de «same of the same reform.» — trecho do discurso do Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, Professor Gerson de Britto Mello Boson, em 3 de Agosto de 1967, na abertura do II Simpósio sobre o problema universitário em Minas Gerais, na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, em Viçosa: «A Universidade e a Comunidade».

Recorrendo a dois textos originais para definir *o sentido do festival* e esclarecer a natureza da crise da Universidade (de Minas Gerais) tal como ela é vista pelo próprio Reitor, será mais correcta a imagem que me proponho dar do festival de Ouro Preto.

A impressão que resulta do confronto dos dois textos é o desejo de «abertura» e de contacto da Universidade com a Comunidade; é a recusa do *ghetto* da cultura institucionalizada. Que nos pareça absurdo esse desejo expresso ao nível da própria instituição resultará talvez duma desconfiança nossa, estigma da ambiguidade que emana das instituições em geral. Mas pareceu-me de facto ser essa mesma atitude expressa que vem manifestar-se na organização dos festivais de Ouro Preto.

DA ORGANIZAÇÃO

O festival é composto por cursos. Os cursos organizados em níveis adequados à idade e à formação dos participantes. Nem as crianças foram esquecidas. Cursos de iniciação à pintura, música e dança são-lhes especialmente dedicados.

Paralelamente aos cursos são apresentados ciclos de cinema, teatro, concertos, exposições ligadas aos cursos (de professores, de alunos). Os cursos englobam este ano artes plásticas, pesquisa histórica e música. Em próximos festivais haverá cursos de realização cinematográfica teatro e dança. Já este ano é feita a montagem experimental de «L'enfant et le sortilège». Os cursos são dirigidos por artistas e professores brasileiros ou especialistas convidados pela organização do festival. Este ano foram convidados Noemie Perugia (interpretação lírica), Paul Guinard (história da arte),

Música barroca em Ouro Preto

Sérgio Magnani (história do teatro), Hans Graf (piano e interpretação de Bach e clássicos vienenses). A viabilidade de alargar os convites é de natureza económica.

Os encargos do festival que cobre praticamente os encargos de permanência dos alunos inscritos são partilhados por diversas empresas e instituições. Alguns governos estrangeiros começam a interessar-se. Este ano a Áustria, o Canadá, a França e a Checoslováquia patrocinam o festival. O grande peso continua a residir sobre a UFM-Universidade Federal de Minas Gerais.

DA «INCONFIDÊNCIA»

Fábio Moura, presidente do Conselho director do Festival, professor da Escola Federal de Farmácia e Bioquímica e Plínio Carneiro, encarregado da cobertura jornalística e relações públicas, foram prestando todos os esclarecimentos sobre o festival, durante o almoço na Taverna do Chafariz. Os dados expressos, publicados, não chegam para caracterizar um empreendimento desta natureza que representa um enorme investimento de esforço de organização durante um longo período do ano. As intenções, os objectivos profundos que justificam o sacrifício, foram o objecto da curiosidade que culmina nesta «inconfidência».

1 — Salvar Ouro Preto.

Por decreto Ouro Preto está ao abrigo das depradações dos alados construtores civis (patos bravos) que tão eficientemente têm destruído as paisagens portuguesas; mas nenhum decreto poderá, por si, evitar as depradações do tempo. Ouro Preto carece de restauros, de adaptações às exigências da vida contemporânea. Para salvar o séc. XVIII Ouro Preto precisa existir no séc. XX.

Actualização de Ouro Preto: através da repetição dos encontros de valores representativos dos estados da União, da presença de valores representativos de culturas estrangeiras, tornar Ouro Preto um centro dinâmico da «jovem cultura brasileira».

Emergindo do silêncio das montanhas fecundas (de ouro e outros minérios) Ouro Preto ganhará o direito à salvação. Como os templos do antigo Egipto.

A UNESCO (parece) está disposta a assumir a sua quota-parte de responsabilidades para salvar Ouro Preto.

2 — Salvar a Universidade.

No texto que transcrevemos do catálogo, no trecho do discurso do Reitor da U.F.M.G., através dos contactos pessoais com os organizadores do festival, sente-se a mesma preocupação de experimentar um encontro, de oferecer um local para encontro de gerações, de corpo docente e discente. Encontro que nos parece difícil mas que todos sabemos necessário porque afinal até vamos todos na mesma barraca e temos comuns problemas que só em comum poderemos resolver. Por certo a intenção não terá sido formulada com este esquematismo de quem vem de fora, «topa», e volta a sair. Mas sendo pobre, o esquematismo talvez não seja deformante.

O almoço «excelente» na Taverna do Chafariz tocava o seu fim. Sem que ninguém forçasse a situação, senti-me responsável. Afinal nós, lusíadas («coitados»), que fizemos a cidade, e o ouro até foi para os ingleses, parece, na sua maior parte, não damos um jeito?

No plano difuso da consciência, na névoa da batida de limão, uma imagem se ofereceu: a Fundação Calouste Gulbenkian. Mas vendo bem, porque não?

Restauro de monumentos (toda a cidade é monumento), promoção cultural através da participação de artistas portugueses, confraternização luso-brasileira...

JULIO MOREIRA

Divulgar & divulgar...

PARA O SUPLEMENTO literário do jornal «Le Monde» (de 16 do corrente) Alcides de Campos deu-se à tarefa de organizar uma pequena mostra da poesia portuguesa contemporânea e, «du coté du roman», subscrever uma resenha crítica sobre a (recente) tradução francesa de «Bastardos do Sol», de Urbano Tavares Rodrigues. Tarefa em princípio meritória: o jornal «Le Monde» oferece garantias de seriedade e uma penetração bastante razoável numa camada de leitores algo receptiva aos problemas culturais, o mercado francês é vasto e prestigiante e a literatura portuguesa — pouco e mal conhecida junto de um público que passa justamente por apreciador das chamadas literaturas exóticas (ou dos países para ele exóticos) — bem necessita de uma divulgação qualificada.

Pois o leitor francês do «Le Monde» ficou a saber, pela introdução de Alcides de Campos, que «o neo-realismo continua a ser o mais importante dos movimentos literários destes últimos decénios e é ilustrado por numerosos poetas, entre os quais, nomeadamente, Manuel de Sousa e Fernando Namora». Mais: que «no entanto, o surrealismo, se encontrou uma audiência relativamente fraca em Portugal, continua vivo na obra de Mário Cesariny de Vasconcellos, o mais discutido dos poetas actuais, que emprega o vocabulário surrealista da mesma maneira que os surrealistas de 1921 utilizavam o de Rimbaud, Mallarmé ou Tzara, buscando entre Breton e Pessoa um equilíbrio metafísico difícil de atingir». E, ainda: que «Pessoa, que foi o introdutor do movimento *modernista presencista* em 1914, volta a ser o mestre tutelar da nova geração de vanguarda na medida em que a permite identificar-se com o seu tempo e o seu mundo, sem que para tanto se tenha que desviar das dolorosas realidades nacionais de que é o testemunho».

Ficando o leitor francês a saber isto (e a conhecer alguns poemas, traduzidos, de José Gomes Ferreira, Sophia de Mello Breyner, Mário Cesariny de Vasconcellos, Manuel de Sousa e Fernando Namora), ficou a saber mais que nós, portugueses — que não sabíamos ter sido Pessoa o introdutor do movimento *modernista presencista* (e logo em 1914, um ano antes de «Orpheu» e treze anos antes do n.º 1 de «presença»!...), que Mário Cesariny era o *mais discutido* dos poetas actuais (mais discutido por quem? Por quantos? E onde?) e buscava um equilíbrio metafísico (de facto, difícil de atingir...) entre Breton e Pessoa, e que os surrealistas de 1921 (já agora, por que não de 1919, ano da revista «Littérature», ou, então, de 24, ano do primeiro Manifesto?...) utilizavam o vocabulário de Rimbaud, Mallarmé e... Tzara, este último nascido no mesmo ano que André Breton! Para além de não sabermos da importância (dentro do *mais importante* movimento literário português dos últimos decénios) do poeta e pastor protestante Manuel de Sousa, pelos vistos mais conhecido em França que entre nós — onde, enfim, sempre se tem conhecimento de um qualquer Manuel da Fonseca...

Já se sabe que a divulgação dos nossos poetas e prosadores nas páginas dos jornais estrangeiros não pode ser exaustiva: nem eles o querem (o espaço é precioso!) nem julgam que a nossa literatura o justifique. Mas quando surge uma oportunidade há que aproveitá-la com objectividade, critério rigoroso (que se não compadece com opções demasiado particularistas) e segurança na respectiva apresentação crítica.

Não foi o caso desta iniciativa de Alcides de Campos, que assim resulta, quanto a nós, contraproducente — e é o menos que se pode dizer.

V. S. T.

Valha-nos S. Barzabum!

A VELHA HERDADE
Teatro, por Vasco Riobom
Lisboa - 1969

VALHA-NOS S. Barzabum! Ou uma extrema juventude ou uma irrecuperável caquexia senil (mas inclinamo-nos para a primeira hipótese), em qualquer dos casos uma total ausência de espírito auto-crítico, uma não-leitura (nem actualizada nem clássica) que toca as raias do semi-alfabetismo, uma temática paralela à sempre popularuncha «*Rosa do Adro*» muito recuada aos «*Fidalgos da Casa Mourisca*», obra-prima em comparação com «*A Velha Herdade*» fazem deste livrinho de Vasco Riobom, datado de 1965 e parturejada nos prelos da Santelmo em 1969, uma obra que se lê (lê-se depressa) e sempre com um sorriso nos lábios ou gostosas gargalhadas. Que dizer dela? Não dizer nada. Ou quase.

Trata-se de uma *tragédia*. Grave responsabilidade. Tarefa talvez fácil (em palcos generosamente subsidiados) para o Varela Silva, o Pedro Lemos, o Couto Viana ou o Goulart Nogueira. Mas o Autor tem o cuidado de avisar, em introito: *a esta peça chamo tragédia, nem por isso é ela também menos comédia.* E assim já podemos alvitrar (palcos subsidiados, sempre!) como encenadores de 1.ª o Manuel Santos Carvalho, o Ribeirinho, o Henrique Santana, o Rogério Paulo ou o Goulart Nogueira.

A *tragédia (ou comédia?)* decorre nos nossos dias em Itália, tanto numa herdade como em Milão. Pela linguagem (todos os personagens falam em castiço lusitano *(O Padre Vico é compincha!; uma tipa como eu; ir com a trouxa às costas; pois, pois,* etc.), excepto de vez em quando um americano (67 anos, cínico e financeiro e industrial de plásticos — Benjamim Boss, de Dallas City, Texas) que usa breves frases idiomáticas, aliás de uso corrente nos bares dos cais dos portos mundiais: *fifty-fifty; o desporto é uma escola de gentlemen; Time is money; All right; etc.)* e pelo *habitat* rural em que decorre a tragédia (ou comédia?), com ferras de gado, caça às perdizes, nobreza endividada em favores de decadência e hipotecas sem remissão possível ou salvando-se, *por milagre* (exclama, naturalmente e alegre o Padre Vico) por casamentos de conveniência, julgaríamos estar perante uma transplantação exótica das gestas ribatejanas de Redol. Mas...

... se o Autor pagou à tipografia, ajudando a incrementar uma indústria nacional que mais floresce fora sem os calotes que os literatos lhe pregam, ajudando também a mão-de-obra e lares modestos, é então um benemérito. Resta-nos essa consolação. Porque a tragédia, comédia, tragi-comédia, farsa-farsalhona ou lá o que for não tem história.

L. P.

SALDOS
Livros Ingleses e Brasileiros
Livraria Quadrante
Av.ª Luís Bivar, 85-C

Luís Jardim: aproveitamento narrativo da banda desenhada

Uma exposição contra a indiferença

por Rocha de Sousa

III SALÃO DE ARTES PLÁSTICAS DA CIDADE DE LUANDA
Palácio do Comércio
Luanda

NO DOMÍNIO DAS ARTES, Luanda é uma cidade insólita. Para os seus (pouco mais ou menos) trezentos mil habitantes, possui quase vinte cinemas e nenhuma galeria de arte. As exposições que se faziam no Museu de Angola estão pràticamente suspensas e o Palácio do Comércio é alugado, a título precário, por entidades particulares ou oficiais. A existência de dois teatros ainda não decide um trabalho expressivo nesse domínio e as exposições de arte moderna são ainda discutidas como fenómenos absurdos, de que é preciso desconfiar e que é preciso combater. Qualquer corrente estética avançada, no senso comum, é tida como abstracta e os seus cultores votados ao sorriso enfático de uma suficiência inqualificável. Um salão ambicioso organizado pela Comissão Municipal de Turismo da Câmara Municipal de Luanda, com muitos artistas importantes recrutados por concurso em Lisboa, é noticiado pelos jornais numa linha de composição singela e o mais comum dos concursos de montras ocupa nessa Imprensa quatro colunas de título em caixa alta. Para uma minoria consciente da importância desses fenómenos, nem sequer lhe é permitida a irritação de café, de tal forma se condensam no quotidiano a indiferença e a opinião definitiva dos defensores de padrões obsoletos na acção artística. É este portanto um panorama curiosíssimo para os que, teimosamente, entendem ser seu dever insistir numa cultura moderna nos domínios em referência.

UMA ACÇÃO SINGULAR

Não foi sem surpresa que tomámos contacto com o regulamento do III Salão de Artes Plásticas de que fala esta crónica, pela sua actualização e pelo seu adequado propósito num meio em que esse tipo de exposições é ainda a forma possível de colocar os problemas e de informar as pessoas. Recusando uma contestação de circunstância, a Sociedade Nacional de Belas-Artes decidiu responder afirmativamente ao convite que lhe foi endereçado para divulgar em Lisboa o concurso e para proceder à selecção das obras que se apresentassem na perspectiva do regulamento. Também aqui se vivem os problemas das batalhas fantasmas, mas a maior parte dos artistas concorrentes e a S. N. B. A. mostraram saber entender a real perspectiva de um fenómeno singular, pela apreciação das coordenadas pedagógicas de uma iniciativa que é para Luanda vital e que define històricamente um impasse difícil de vencer.

Neste sentido, a Câmara Municipal de Luanda, sem que se lhe retirem as honras de tal iniciativa, é apenas o organismo que foi capaz de entregar a alguns particulares a gestão técnica do acontecimento, permitindo uma total independência de juízo e sofrendo a responsabilidade monetária inédita que o mesmo implica num intercâmbio tão difícil de manejar. Sem nos esquecermos do exemplo desenvolvido no Funchal, para o qual contribuíram muitos artistas, incluindo os relutantes em relação a Luanda, é evidente que o caso de Angola envolve questões mais delicadas e só pode ser devidamente apreciado se conhecermos em profundidade a hostilidade absurda que a cidade desenvolve neste domínio. É contra essa hostilidade, mantida em geral pela má informação, que é preciso lutar, se as condições de base fornecidas continuarem a ser èticamente satisfatórias.

Tony Wolf — «Composição»

A CONTRIBUIÇÃO DOS ARTISTAS DE LISBOA

A contribuição dos artistas de Lisboa ficou a dever-se à sua capacidade de entender a singularidade do fenómeno, no prolongamento de idêntica decisão por parte da Sociedade Nacional de Belas-Artes. A decisão deste organismo parece baseada na justeza do regulamento e na correcta definição dos princípios de ordem cultural que o mesmo indicava. Não se pode, portanto, senão louvar esse gesto, na medida em que ele enfrenta claramente os riscos da incompreensão local e se situa num plano de verdadeira independência. Os artistas concorrentes por Lisboa, acolhidos pela corajosa objectividade desse critério, contribuíram assim para a realização em Luanda de uma exposição perfeitamente inédita no meio, cujas consequências só poderão ser medidas a longo prazo, mas que imediatamente permitiu criar certas perplexidades e definir as primeiras coordenadas de um respeito até aqui muito vago em relação aos problemas das actuais linguagens no âmbito das artes visuais.

O júri por Lisboa, constituído naturalmente por elementos do Conselho Técnico da S. N. B. A., procedeu a uma selecção que tivesse em Luanda a necessária representatividade em ordem às correntes dominantes da produção artística portuguesa no momento. Essa selecção teve de conformar-se à natureza e à qualidade das obras concorrentes (cerca de 110), mas foi facilitada pelo aparecimento de artistas representativos, como João Hogan, Eduardo Nery, Manuel Baptista, Bartolomeu Cid, Helena Almeida, Artur Rosa, Tomás Vieira e alguns outros. Muitos artistas novos decidiram estar presentes e os seus trabalhos, além de completarem o conjunto nas direcções possíveis, criaram uma complementarização perfeitamente correcta em ordem ao actual panorama dar artes plásticas entre nós.

A CONTRIBUIÇÃO DOS ARTISTAS DE LUANDA

Um pouco à maneira do que já sucedeu em Lisboa, quando uma certa modernidade começou a definir-se, Luanda dispõe actualmente de um quadro de artistas extremamente reduzido e cuja presença em salões colectivos tem de repetir-se de acordo com o seu valor e a sua indiscutível representatividade no meio. Se uma exposição deste tipo, há alguns anos, estaria incompleta em Luanda sem a presença de Cruzeiro Seixas, então aí radicado, o mesmo se poderá dizer agora tomando em linha de conta artistas como Carlos Fernandes, Luís Jardim, Teresa Gama e António Ole. São estes efectivamente os que sabem reaparecer e os que podem exprimir uma evolução sensível, aos quais se juntam casos isolados e surpreendentes como os de Tony Wolf. É portanto natural que a acção de um júri em Luanda esteja facilitada, como aconteceu este ano, pela distância a que estes artistas se situam em relação a outros que vão surgindo e que reflectem também a preocupação nítida de praticar uma linguagem actualizada, ainda que distinta das correntes de influência popular da geografia africana. Esta assimilação, com efeito, ainda não foi conseguida nos devidos termos e as transposições existentes, pela sua má qualidade e pela sua natureza aleatória, não podem naturalmente ser consideradas como produtos culturalmente aceitáveis.

OS PRÉMIOS

A premiação, que esteve exclusivamente a cargo do júri de Luanda, baseou-se nas condições do regulamento, que instituía cinco prémios pecuniários no valor conjunto de 75 000$00. O escalonamento tentado, que corresponde a um direito assumido pelo júri não se refere naturalmente ao valor material das obras mas inscreve uma preocupação didáctica indispensável perante as condições reais em que a exposição funciona. Também do mesmo modo se deve entender o alargamento das dotações materiais a sete artistas, e não apenas a cinco, já que era possível fazer mais vasta distribuição que incluísse outras representações igualmente significativas. É evidente que a premiação, excluindo o caso dos artistas concorrentes por Luanda, recaiu nas representações de facto concorrentes e não nas que se ausentaram, ainda que eventualmente pudessem corresponder mais profundamente à realidade do panorama artístico português. Mesmo assim, os prémios atribuídos são, em nosso entender, reveladores de certas tendências hoje decisivas e incluem personalidades cujo mérito parece indiscutível entre nós.

Em conclusão, e no que se refere à representação enviada de Lisboa, os prémios atribuídos foram os seguintes: Artur Rosa (pelo conjunto das obras apresentadas) e Tomás Vieira (pelo conjunto das obras apresentadas) «ex aequo», 20 000$00; Eduardo Nery («Estrutura ambígua III»), 13 000$00; Manuel Baptista (pelo conjunto das obras apresentadas), 17 000$00.

Em relação aos artistas concorrentes por Luanda, a atribuição dos prémios foi assim organizada: António Palolo (pelo conjunto das obras apresentadas), 9000$00; Luís Jardim («Desenho») e Tony Wolf (Composição II) «ex aequo», 16 000$00.

Para além da atribuição destes prémios, e atendendo ao interesse cultural que pode decorrer da aquisição de certas obras destinadas a um futuro museu de arte moderna, a Câmara Municipal de Luanda decidiu adquirir algumas das obras expostas e definiu a respectiva reserva, baseada no parecer do júri, que para o efeito acedeu a fazer uma lista orientada segundo uma ordem de prioridade artística. Esta prioridade foi, no entanto, ajustada às disponibilidades monetárias que restavam àquele organismo, depois de cumprido o programa de despesas já estabelecido.

300 anos de F. C.

NO PREFÁCIO da antologia «Obras-Primas da Ficção Científica», cujo 1.º volume foi editado recentemente pela «Galeria Panorama», Sam Moskowitz lembra a tentativa para fixar o início desse género literário no ano 175 A. D., atribuindo assim a Luciano (particularmente pelo conto *História Verdadeira*, que descreve a viagem á Lua de uma nave impelida por um furacão) o papel de percursor. No entanto, só em 1516 a Lua volta a ser (literàriamente) visitada: num cavalo voador, acompanhado por S. João e em busca do espírito roubado, lá vai parar *Orlando Furioso*, de Ludovico Ariosto. Mas resta saber se a narrativa pode ser classificada de ficção científica.

A tradução (para inglês) da *História Verdadeira* remonta a 1634 — ano em que Joannes Kepler publica o *Somnium*, sugerindo a ideia de que a Lua é habitada e não muito distinta da Terra. Luciano e Kepler, juntamente com o bispo Francis Godwin (que em 1638 fez publicar *O Homem na Lua*), são os confessados influenciadores do primeiro grande propulsor da ficção científica — o poeta, dramaturgo, espadachim e ultranarigudo Cyrano de Bergerac. Através das famosíssimas *Viagem á Lua* (1650) e *Viagem ao Sol* (1662), Cyrano analisa as condições científicas envolvidas numa viagem espacial, dando início ao conceito moderno de ficção científica.

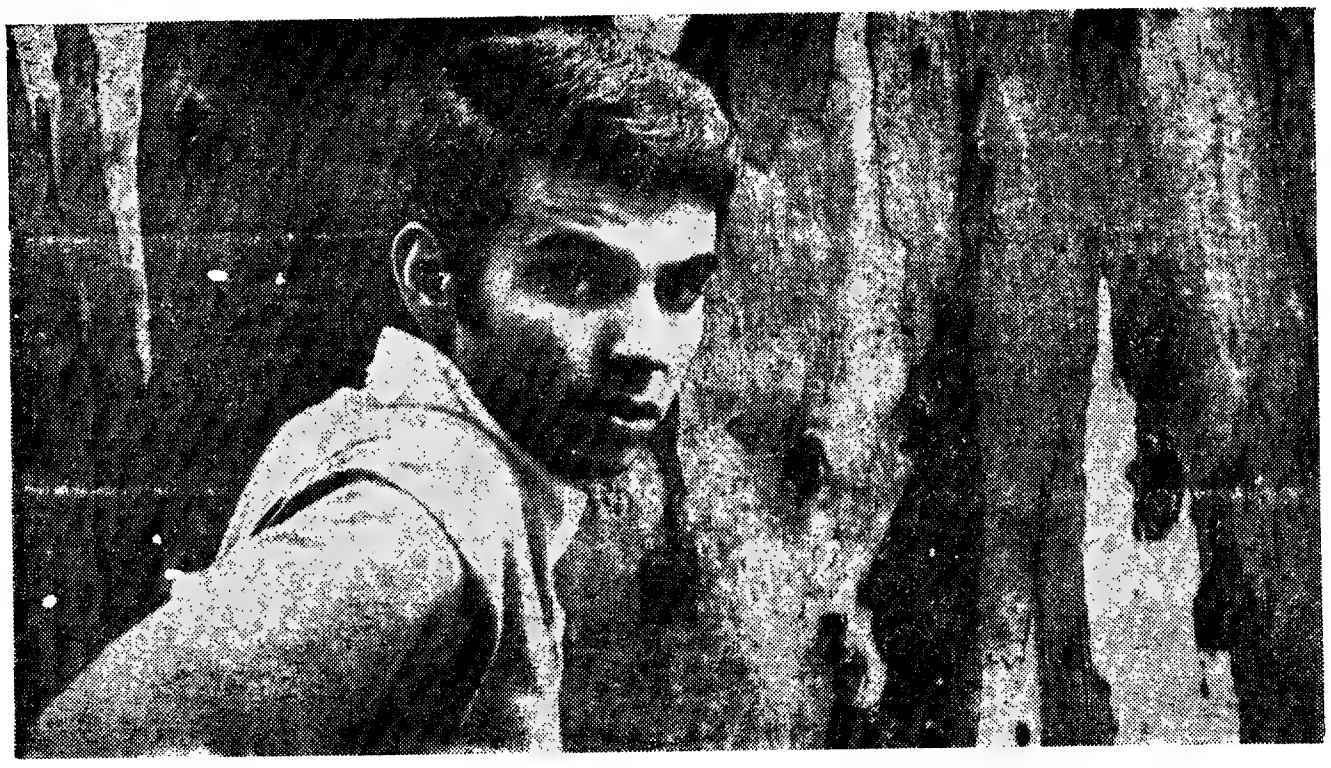
A antologia da «Galeria Panorama» (que englobará, quando publicado o 2.º volume, 300 anos de literatura fictocientifica) abre justamente com a *Viagem á Lua*, de Cyrano de Bergerac, seguindo-se *O Imortal Mortal*, de Mary Shelley (a quem se deve a criação de *Frankenstein*), o famoso *Hans Phaall — Um Conto*, de Edgar Allan Poe, *O Fabricante de Maravilhas*, de Fitz-James O'Brien (que só muito dificilmente pode ser considerado como ficção científica, mas é de qualquer modo um excelente exemplo de terror fantástico), *O Adão Eterno*, último trabalho de um Júlio Verne já desiludido pelo progresso científico, *A Lua de Tijolos*, de Edward Everett Hale (que é também uma narrativa de humor fino e sarcástico), e o texto de Luís P. Senarens *Perdidos na cauda de um cometa ou A estranha aventura de Frank Reade Júnior com a sua nave espacial*, de grande interesse histórico (foi publicado em 1895) por abordar numerosas ideias avançadas — um satélite da Terra, o problema dos fatos espaciais, entrada e saída de uma nave no Espaço, consequência da queda numa zona isenta de gravidade e o afastamento de uma órbita para o regresso á Terra.

Obra de iniciação excelentemente organizada e comentada, a antologia da «Panorama» ressente-se apenas d. uma tradução a muitos títulos inferior e de um aspecto gráfico pouco convidativo, a lembrar as más edições brasileiras.

Sendo o livro (também) um objecto, há que não descurar o prazer que ele possa causar como tal: qualidade e espectáculo não são forçosamente contraditórios.

S. L.

PENSO, logo CANTO



Entrevista com FERNANDO GUERRA conduzida por José Duarte

J. D. — Como é que tudo começou?

F. G.—O meu amigo Mário Andrea, musicólogo, coleccionador de instrumentos, certo dia ouviu-me gostou e entusiasmou-me a gravar. Apresentou-me para isso a Thilo Krassman, que dirige musicalmente a produção Philips.

J. D. — Os seus poemas eram já nessa altura escritos em português?

F. G. — Não. Os primeiros poemas para canções em português, escrevi-os para o disco. É mais difícil descobrir musicalidade na língua portuguesa; em inglês estamos muito habituados, há até parvoíces que nem damos por isso...

J. D. — Numa canção, terá o poema maior importância que a melodia?

F. G.—Não. Ambos constituem um todo, para o qual devem contribuir 50% cada um.

J. D. — Como explica o seu interesse pela música?

F. G. — Música é uma maneira de comunicar. Um artista existe ou por vocação ou por necessidade. No meu caso, tudo nasceu pela combinação de duas influências: o interesse, o amor da minha família pela música, (o avô, a mãe, o tio) e a presença da música que me aparecia todos os dias. Se ensinam as crianças a nadar aos 4 anos, porque não também ensinar-lhes a tocar piano? Frequentei o curso de piano do Conservatório até ao 3.º ano. Aos 14 anos, sòzinho, comecei a estudar viola.

J. D. — Que idade tem?

F. G. — 20 anos.

J. D. — E a música, a poesia, são as suas únicas actividades de tipo artístico ou...?

F. G. — Não. Sempre em mim houve uma necessidade de escrever poesia, prosa, ensaio. Fui em tempos, até colaborador do «Diário de Lisboa-Juvenil». Achei que devia tentar escrever para música. Era mais um treino, um exercício para dominar a palavra.

J. D. — A sua opinião sobre a forma musical-balada.

F. G. — Abomino baladas. Já nem sei o que quer dizer balada. Para a Enciclopédia Luso-Brasileira, balada é um antigo género de composição poética popular acompanhada ou não de música.

J. D. — Já para o «Dicionário Complementar da Língua Portuguesa», de Augusto Moreno (ed. 1918), balada é um antigo canto acompanhado de música, uma poesia narrativa e triste que reproduz lendas e tradições. São opiniões... Qual é a sua ideologia?

F. G. — Preocupo-me com o que me rodeia...

J. D. — Tem ideais que queira divulgar?

F. G. — Sim: lutar por uma liberdade de espírito, de realização, de expressão. Não estou, no entanto, a falar da liberdade de tipo anárquico...

J. D. — Essas ideias reflectem-se na sua obra?

F. G. — Essencialmente no poema; na música gosto de me libertar das velhas quadraturas. Porquê só compor melodias com o habitual número de compassos? Se 16 é o número habitual, porque não construí-las com 15 ou 13?... Ouvi um dia uma obra de Bela Bartok e eu, que sou eu, fiquei parvo...

J. D. — Será que a sua música é uma música de classe? Social, entenda-se...

F. G. — Não. Sabe, pessoas como eu, que vivem bem sentadas, beijam a mão ao pai e à mãe, vão ao domingo à missa, precisam de ser abanadas.

Eu não quero dizer nada de novo, mas sei que é preciso abaná-las ...Olhe, o filme «Rosemary's Baby» é uma obra essencialmente dirigida a essa classe.

J. D. — Aprecia a sua situação de cantor com popularidade?

F. G. — Não. Frequento a Faculdade de Medicina e é médico que quero ser. Entre vir a ser médico, sem nenhum disco gravado, e cantor com milhões de discos vendidos, só a primeira hipótese me poderia interessar. Aliás, o ambiente dos músicos é péssimo... É na classe médica que se encontram os maiores humanistas, os melhores escritores portugueses são médicos.

J. D. — Quanto ganhou com este disco que gravou?

F. G. — Ganho em cada exemplar 5% do preço de cada, numa edição de 100.

J. D. — E que pensa da música portuguesa?

F. G. — Música portuguesa é aquela que é feita por um português. Teòricamente está dividida entre os veteranos profissionais, a quem todos tiram o chapéu, embora só façam mal, e os novos. No meu caso, este disco editado, este contacto com o mundo da música em Portugal, já me fez ver o problema por dentro. Já pus a mão no bolo, se sair já deixo pegada.

Em relação ao decepcionante panorama da música ligeira portuguesa acho que o remédio não pode ser exclusivo para a música. O mal deve ser cortado pela raiz e mesmo assim pode manter-se, dado que as pessoas são diferentes desde a nascença... Os maus autores deviam ser proibidos. Damas e Paião enforcados.

O folclore não é solução, solução são obras como a 5.ª sinfonia de Joly Braga Santos.

J. D.—Quais as influências musicais ou poéticas que sabe terem marcado a sua obra?

F. G. — No primeiro aspecto, os Beatles e o compositor Cole Porter. Na poesia, tenho pena de só ter descoberto, aos 17 anos, José Gomes Ferreira. Conheci antes as obras de Erza Pound e Miguel Torga.

J. D. — A sua canção «Velhos e Crianças» não tera sido inspirada em Manolo Diaz?

F. G. — Não, de maneira nenhuma. Tem graça que já me perguntaram o mesmo...

J. D. — Que interesse teve para si o festival na Holanda, onde actuou?

F. G. — Foi uma experiência essencialmente musical, que me permitiu estudar o ambiente, abrir os olhos. Além disso, foi um sucesso no capítulo apresentação, consideraram-me o mais limpo de todos os jovens presentes.

J. D. — Na sua editora, goza de inteira liberdade paar gravar o que quiser?

F. G. — Julgava que tinha essa liberdade, mas recentemente quiseram que eu cantasse em italiano e espanhol... Eu disse que não. A ideia creio que nasceu fruto de compromissos comerciais. É que eu, sem ser em português, só sei escrever poemas em mais duas línguas: o francês e o inglês.

Sabe, eu não estou ligado à «Philips» para ganhar dinheiro, e por isso estou satisfeito e não estou. Só quando for eu próprio a escrever as orquestrações para as minhas canções, me darei quase por satisfeito.

J. D. — Como se processou a gravação do seu primeiro disco?

F. G. — Um dia gravei só voz e viola e vim-me embora. Ficaram livres 2 pistas para a gravação das orquestrações de Thilo Krassman, que eu desconhecia completamente. Depois de gravadas, chamaram-me e perguntaram-me: gostas?

J. D. — Que pensa da «Filarmónica Fraude»?

F. G. — Gosto da sua versão da «Canção de Embalar» um tema popular de F. Lopes Graça.

J. D. — Gostava que o povo cantasse as suas melodias, os seus poemas?

F. G. — Os meus contactos com o povo são mínimos limitam-se à criada... Mas acho que não, gostava é que eles sentissem a minha obra. É afinal o problema da cultura.

O pastor

Tão longe
sempre tão só
o pastor com seu gado
de manhã parte para o monte
ainda o dia não tem cor
mas sabe que não está só

Com o cão sempre a seu lado
come na terra
bebe na fonte
vive tão pobre o pobre pastor
longe de tudo
o pastor ainda sonha vencer
toca na flauta
a sua alegria de viver

A encosta, o céu e a terra
São os seus bons companheiros
vive com o sol e com o regato
longe dos outros
longe da guerra
longe de tudo
o pastor ainda sonha vencer
toca na flauta
a sua alegria de viver

(in «Fernando Guerra» disco Philips 45 r. p. m.)

AMANHÃ, A PARTIR DAS 17 H.

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

AUTOGRAFA A

3ª EDIÇÃO

[11.000 exemplares]

DO SEU LIVRO

INQUISIÇÃO E CRISTÃOS-NOVOS

COLECÇÃO CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA

EDITORIAL INOVA

RUA JOSÉ FALCÃO, 82—PORTO

O CINEMA-VERNIZ

por José Vaz Pereira

Catherine Deneuve (gentil, poética, cortante, amuada, apaixonada, mimada & etc...): esperando pelos surrealistas

A CHAMADA *(La Chamade)*
de Alain Cavalier
com Catherine Deneuve
e Michel Picolli
Estreado no S. Jorge

Os Kirous de épocas vindouras celebrarão este filme de encomenda como um rasgo de génio: há nele esse escândalo poderoso e frágil de uma mulher tentando ser livre e acabando por ser escolhida. Há nele, também, através da corrente eléctrica Catherine Deneuve, essa cumplicidade entre os surrealistas e as mulheres que aparecem nos «écrans», essa espécie de rapto de soberbas criaturas aprisionadas com as armas da sua sedução por realizadores monótonos e sem paixão e que os escritos querem e insistem em libertar com páginas e páginas de bela loucura. Que interessa, pois, tentar concluir que *A chamada* tem os seus limites, se se sente, se se adivinha que amanhã as eternas minorias com razão, os que não receiam ser sinceros, a gente da vanguarda vier clamar que *malgré* Alain-cineasta-bem-intencionado, a Deneuve é sublime?

Estamos numa Paris que cheira à Primavera, mas por onde parece não ter passado o mês de Maio. Vivemos numa superburguesia (golfe, surprise-parties, automóveis arrogantemente sumptuosos, casas como aparecem nas revistas de luxo e o à-vontade insolente dos seres humanos que não têm uma hora para se levantar, que não têm uma hora para entrar num emprego). Essa burguesia tolera — e porque não? — um jovem que vem de outra camada, que trabalha numa empresa de edições, e que, quando não anda à boleia das suas amigas, utiliza o autocarro e o Metro como transportes. Tolera-lhe, até, romances com damas enfastiadas, amolecidas pelo bem-estar material.

O que nos parece diferente em *A Chamada* (dentro de um esquema de que ninguém terá a coragem de desmentir o convencionalismo) é não ser só a história pessimista da gazela que abandona o jovem para regressar à segurança de um homem amadurecido, vivido, com relações, com um «Mercedes» vermelho, um «Peugeot» sport na garagem, e em cujo apartamento não há mensagens penosas de miserabilismo linha NÃO TE ESQUEÇAS DE ACENDER O FOGÃO, DESLIGA O GÁS, HÁ UM COPO DE LEITE NO FRIGORÍFICO.

Uma vez decidida a romper, a heroína desce aos infernos. Isto é: empregar-se, ouvir descompusturas, ser o número y da bicha do autocarro que nunca tem lugares, acordar com a brutalidade rancorosa de um despertador que todas as madrugadas tem de fazer a mesma coisa, sentir o profundo, o invencível cansaço da rotina.

E a crise entre ela e Antoine acaba por ser determinada não pela ausência de conforto da existência de ambos, mas pela ausência de imaginação na vida futura que Antoine prepara para ela. Trabalho e uma cabana pode ser a batalha do quotidiano. Mas a luta contra autocarro-emprego-TV-cama inscrevia-se fragorosamente em todos os programas dos que, em Maio de 1968, exigiam o desmantelamento da sociedade de consumo. O «heroísmo» de Antoine é no fundo, a resignação dum vencido.

Sagan: um certo tipo de demissão criativa

Assim Catherine, bela mulher-menina, descobre em Faulkner que é uma exilada da existência a não ser que rompa o colete de forças da engrenagem que a desorganiza, que a acorrenta, que lhe rouba a beleza de gaivota despreocupada. Fá-lo um pouco ingènuamente como os adolescentes que, após a leitura de *O Drama de João Barois*, concluem que a religião já não funciona.

Antoine, porém, jamais compreenderá que ela passe um dia sem trabalhar «um dia inútil» como ele diz, partindo do princípio que os dias dele são «úteis». Ela antes prefere ganhar dinheiro aqui e ali e ler e passear sem destino e ir a um cinema e pensar ou não pensar e sentar-se numa esplanada e esperar e não consentir que «a vida passe lá fora».

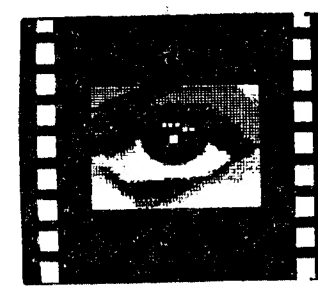
Antoine irrita-se porque lhe parece na atitude da sua amante ver todos os sintomas das classes ociosas e não percebe o que pode haver de virtude na preguiça.

Aí está a razão fulcral da *chamade* (o Larousse, severo, informa que se trata dum termo arcaico: Clarim militar ou rolamento de tambor que anuncia a um exército ou a uma cidade cercados a intenção de capitular) e não a comodidade que Charles proporciona a Lucille e que Antoine não lhe pode oferecer. A chamada é a capitulação da fantasia, a rejeição do esquema que afirma que o amor é suficiente, o regresso a Charles que, no fundo, deixa que «Lucille seja Lucille». Escolha melancólica mas mesmo assim escolha.

Estranha-se que Alain Cavalier tenha adaptado um romance de Françoise Sagan que significa um certo tipo de França, um certo tipo de literatura de êxito fácil, um certo tipo de demissão criativa. Mas significa também dinheiro e uma certa popularidade. E em cinema ou se colabora ou não. Não colaborar é mais difícil. Colaborar é infinitamente mais cómodo.

Para isso não interessam tanto as peripécias sentimentais de Lucille mas um tom de compromisso, de cumplicidade que banha todo o filme: o próprio Antoine aparece desligado, separado de qualquer juventude e um americano neurasténico e venal é-nos apresentado como uma espécie de «lord» aborrecido em Paris por não poder pagar jóias e almoços no Ritz a mulheres louras que entram nas ourivesarias da Praça Vendôme.

Claro que, no filme, tudo corresponde a uma deformação esteticista, tudo é bonito, as árvores, os vestidos deles, o grisé-acastanhado dos edifícios. É como a realidade, não fosse já analisada mas sim embalada. É como a fealdade tivesse sido varrida do mundo e nós só deslizássemos entre vozes suaves, fatos bem cortados, gente com estilo, ambientes acolhedores. Era como se uma mão de veludo tranquilizasse, fizesse descansar as cóleras das coisas que se agitam muito. O próprio quarto de Antoine revela o dedo dum decorador que sabe do ofício o que talvez não seja inteiramente compatível com um cidadão que nunca tem dinheiro para dali a uma semana. Estamos, portanto, com Sagan e, através de Alain Cavalier, mais perto do cinema-verniz no estilo Lelouch.



Resta Catherine Deneuve. Ela é gentil, poética, cortante, amuada, apaixonada, mimada e demolidoramente feminina. E ainda por cima com uma «star quality» que raras vezes visita o cinema europeu. Vale a pena ver o filme para ver o seu bater de asas, o dos delas, os automóveis, seu sonho, a sua insegurança, a sua força quase lírica na manhã em que decide responder à chamada.

PRONTUÀRIO DAS LETRAS

CASTRO NAS CALDAS

Na sua edição de 17 do corrente, em «flash» do enviado especial Manuel Dias, «O Primeiro de Janeiro» publicava o seguinte: «Ferreira de Castro é um dos mais antigos aquistas das Taipas. Todos os anos, em Agosto, a sua presença é ali notada e seguida com certa curiosidade. O autor da *Terra fria* é, sem sombra de dúvida, uma figura popular naquelas caldas. Hospeda-se num dos mais típicos hotéis — exactamente onde se instalou a comitiva do Futebol Clube do Porto. Ao jantar, na imensa sala decorada à *belle époque*, o escritor e os ciclistas juntaram-se. Estes, de coloridos fatos de treino, interessaram Ferreira de Castro, que chegou mesmo a interessar-se por aquela gente e a saber da sua actividade. A esposa e a secretária fizeram-lhe companhia nesta breve viagem pelo mundo do ciclismo.»

No dia seguinte o mesmo jornal inseria a propósito uma «comunicação» do escritor, que reproduzimos para os nossos leitores: «Na reportagem sobre a Volta a Portugal em Bicicleta que «O Primeiro de Janeiro» publicou, vem uma nota sobre mim, em que o seu autor me trata muito generosamente, o que tanto lhe agradeço, mas que não corresponde inteiramente à realidade. Embora eu tenha, como é natural e absolutamente justo, a maior consideração pelos ciclistas, a verdade é que eu em nenhum momento estive com eles. Se eu os tivesse encontrado, certamente aconteceria o que o jornalista desportivo diz, e daí a sua compreensível confusão. É certo que ontem havia muita gente na sala, mas julguei tratar-se de hóspedes de fim-de-semana. Assim, da referida nota só é exacto que eu me encontro no único e simpático e modesto hotel que existe aqui, onde vim, aliás, sòzinho, refugiar-me para ver se consigo escrever em paz, o que dificilmente posso fazer em Lisboa. Mas duvido que continue a ter, após essa notícia, a tranquilidade de que tanto necessito para trabalhar. É evidente, porém, que o jornalista não pretendeu criar-me dificuldades: quis, ao contrário, ser gentil comigo e dar ao mesmo tempo maior variedade à sua reportagem.»

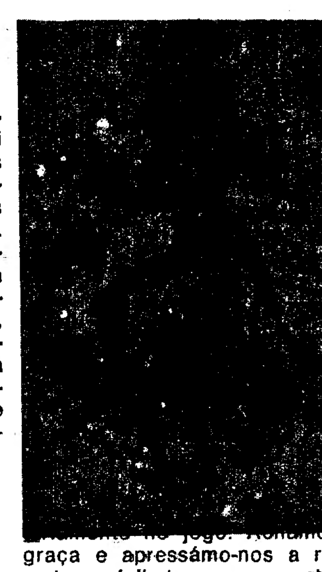
Eis um curioso episódio deste Verão parco em notícias.

CÉLINE: OBRAS (IN)COMPLETAS

Com a publicação do volume V (*Nord* e *Rigodon*) foi dada por finda a edição das «Obras Completas» de Louis-Ferdinand Céline (Éditions André Balland, 1200 francos). Está assim reunido pràticamente tudo o que saiu da pena do controverso médico-romancista. E só não tudo, lemos num jornal francês, porque o editor deixou de fora os panfletos anti-semitas contemporâneos do «flirt» de Céline com a ideologia nacional-socialista.

O'NEILL NO MONSTRUÁRIO

Foi na feira de Espinho: um casal de ceguinhos propôs-nos vários folhetos com crimes e letras de canções, e no número destas últimas vinha a *Formiguinha Bossa-Nova*, de Alexandre O'Neill, devidamente assinalada com o nome da intérprete em disco — Amália. Depois de tantos monstruários coligidos pelo poeta de *No reino da Dinamarca* (vd. alguns suplementos de quinta-feira do nosso jornal), chegou a vez de ele próprio entrar involun-



graça e apressámo-nos a remeter o folheto para o poeta.

FRANCISCO DUARTE

No n.º 1576 (22-8-69) da «Vida Mundial» vem uma referência crítica à 2.ª edição ampliada de *Caça e caçadores*, da autoria de Francisco Duarte, livro que o autor classifica, com seu humor, da seguinte forma: «Não se vende nas livrarias, vende-se nas espingardarias...» Muita gente desconhecerá entretanto que Francisco Duarte, antigo recordista nacional do salto à vara, é pai do poeta de *Praça da Canção*, por sua vez antigo campeão nacional de natação na categoria de juniores (100 e 200 metros).

O CHEIRO DA GUERRA

Novidade deste 2.º semestre de 1969: *La drôle de paix*, volume integrado na série «Le Roman Vrai du Demi-Siècle», que Gilbert Guilleminault dirige para a colecção «Le Livre de Poche». É a reconstituição, em estilo correntio, do que sucedeu de mais importante na década de 1930-1940. Oito assuntos principais: o incêndio do Reichstag, o atentado de Marselha (assassínio de Alexandre da Jugoslávia e do ministro francês Louis Barthou), a «Grande Marcha» de Mao Tsé-Tung, os «Deuses do Estádio» (Olimpíadas de 1936 em Berlim), a abdicação de Eduardo VIII, os processos de Moscovo, a queda de Barcelona e o assassínio de Trotsky. Abundantes e excelentes ilustrações, com uma terrível sequência do golpe dos Ustáchis de Marselha. Bibliografias sumárias completam cada um dos temas. Ao preço de 40$00.

E a poesia concreta?

(Continuação da 1.ª pág.)

Campos): «Poesia Concreta: tensão de palavras-coisas no espaço-tempo.»

É assim que o número 4 da revista Noigandres (1958) tem de ser hoje considerado como o padrão da criação poética concreta, tal como o grupo brasileiro a conseguiu e propôs. (3) Poemas esses que viriam a constituir uma poderosa mola propulsora de toda uma atitude experimental à escala mundial, relativa à escrita e potencialidades da Poesia. Os textos contidos nesse número parecem-nos hoje muito simples e até elementares no seu grafismo seco. Mas o espaço-tempo que eles continham estava muito para além da página branca em que foram jogados e achados. É assim que começa a coordenação de toda uma problemática até então mais ou menos dispersa, e que, mesmo os espíritos mais cultos de todo o mundo, só parcialmente vislumbravam.

Invoca-se Joyce, Mallarmé, Pound e Maiakovski, Cummings, o ideograma e a caligrafia chinesa e japonesa, reestuda-se Lewis Carroll, descobre-se Sousândrade, valoriza-se Albert Birot, interpreta-se criticamente Apollinaire e Oswaldo de Andrade, questiona-se o Futurismo. Reabre-se o caso do Barroco, estuda-se Gôngora, e a Poesia portuguesa do século XVII surge a uma luz bem mais clara e exacta (4). Põe-se em causa a «escrita - descrição» como meio inadequado à comunicação acelerada que as técnicas de produção, comunicação e consumo nos impõem (quer concordemos ou não, com elas). Estabelecem-se relações estruturais de base com a Música de Vanguarda (Webern, Boulez e Stockhausen). E, finalmente, redescobre-se que o homem tem olhos para ver e tem ouvidos para ouvir, coisa que na civilização ocidental quase se ia esquecendo. É assim que Ken Cox exclama: «A Poesia Concreta é uma dádiva do céu: faz abrir os olhos das pessoas».

Ver, ouvir, tocar, experimentar, mesmo através de extensões cibernéticas, são os meios reais de o homem comunicar com o mundo e o universo. A descrição é, de facto, a grande falácia, o grande «bluf» da literatura ocidental e, principalmente, das correntes filosóficas materialistas e realistas do século XIX.

A valorização do visual está cronològicamente certa com as características socioculturais do ocidente na 2.ª metade do século XX, e por isso, veio a possibilitar a assimilação quase imediata da Poesia Concreta, pela publicidade e meios de comunicação de massa. Mas para além disto, muito mais importante é a pesquisa e descoberta de toda uma tradição «maldita» de visualismo e grafismo criador que passa pelo grego e pelo latim e estabelece inesperados pontos de contacto entre culturas diferenciadíssimas, como a cultura árabe e chinesa, negra e japonesa, europeia e indiana, etc., onde foram encontrados exemplos de textos visuais, pictogramas, ideogramas, grafismos criadores, etc., isto para além da revalorização dos alfabetos e do acto da escrita como intrìnsecamente criadores e proponentes de novas cargas semânticas, além das que o uso e consumo vulgar lhes atribui ou atribuía.

O exercício e prática da Poesia Concreta veio relembrar aos poetas e aos homens que se escreve com as mãos e que o acto físico de escrever, comunicar tanto se pode fazer com palavras, ou com gestos, ou com objectivos, estabelecendo, assim, uma ponte com o gestualismo pictórico e com a caligrafia oriental, ao mesmo tempo que o conceito de Poesia = =fazer, Poema=coisa feita, é recuperado no sentido original grego, de sob as montanhas de detritos semânticos e etimológicos, onde jazia e circulava já irreconhecível...

Grande confluência de culturas, a Poesia Concreta revaloriza o objecto: primeiro, a linguagem substantivada; depois, o objecto em si próprio na sua múltipla função de signo e de real efectivador de trocas, de comunicações, portanto. Neste ponto, o estruturalismo entra no âmbito da Poesia Concreta. É o objecto-operação, elemento básico da comunicação entre os homens (Tu dás-me A / Eu dou-te B) que traz consigo uma consequência da maior importância, ou seja, a possibilidade de libertar o homem criador dos poços do hiperpsicologismo freudiano e dos círculos viciosos da auto-análise post-surrealista, colocando-o numa posição de disponibilidade activa perante si próprio, perante o seu semelhante. Porque o objecto-operação não é uma obra ou um momento acabado: é, sim, uma tensão aberta no espaço-tempo, um devir que continuamente se reprojecta num espaço que é a sua própria substância. É assim que o poema concreto, embora de uma grande organização aparente sobre a página em branco (ou em preto) ou no espaço tridimensional que define, possui uma enorme carga entrópica, ou seja, é dotado de uma colossal energia de desorganização operacional dos espaços culturais que ocupa.

POUND-MAIAKOVSKI—Poemontagem de Augusto de Campos

Assim se começa a propor uma cultura universal aberta, em que as próprias bases da sociedade de consumo virão a ser contestadas, em nome de uma concepção totalizadora da actividade do homem e não em nome de recusas pré-reflexivas (tipo «hippie») ou de ideologias fechadas e restritivas, de carácter político. É que à primeira fase da Poesia Concreta seguiu-se aquilo a que se pode chamar a explosão do Concretismo internacional. Este pode parecer, superficialmente, apenas um disseminar das experiências do grupo de São Paulo e de Eugen Gomringer (Constelações) e de um alargar dos recursos gráficos e da invenção plástica aplicada à escrita em diversos idiomas, e com diversas técnicas e objectivos imediatos. De facto, isto foi o que aconteceu, a par de um despertar para todos os aspectos onde experimentar era possível, dentro da linguagem escrita e falada nos diferentes idiomas. Assim, assiste-se ao revalorizar da tipografia Dada e da Bauhaus, à enorme difusão do cartaz como meio directo de comunicação e acção, quer publicitário, quer político, quer estético, assim se estabelece contacto com o mundo do teatro total ou «happening» e se propõe em todas as latitudes, e por razões diversas e locais, uma nova sintaxe de tipo espacial e combinatório, a par de uma cada vez maior utilização prática de sinais, signos e símbolos.

Toda esta revolução na comunicação seria, de facto, inevitável e teria que vir a dar-se, com ou sem Poesia Concreta. Mas não é uma relação de causa e efeito que está em jogo, mas sim o focar sincrónico de um problema de estrutura nas relações humanas, em que a Poesia Concreta desempenha um papel de catalizador e de instrumento, no desenho do gráfico da área em estudo.

É assim que, se atentarmos seguidamente na concepção de «concreto» proposta por Max Bense: — «Fala-se de poesia concreta quando os elementos da linguagem na sua triplice função verbal, visual e vocal se exploram simultâneamente e são aproveitados tanto do ponto de vista semântico como estético,

VVVVVVVVV
VVVVVVVVE
VVVVVVVEL
VVVVVVELO
VVVVVELOC
VVVVELOCI
VVVELOCID
VVELOCIDA
VELOCIDAD
VELOCIDADE

Poema concreto de Noigandres (1957) típico da 1.ª fase — por Ronaldo Azeredo

ou seja, quando o texto, parcial ou totalmente, identifica o seu próprio mundo com o seu mundo linguístico externo, ou, como também se poderia dizer, quando o que as palavras expressam (com seus morfemas e suas conexões), no que diz respeito ao seu conteúdo, se reflecte na disposição visual e na reprodução vocal.»

Esta proposição é agora feita em termos mais largos e universais que a proposta inicialmente por Augusto de Campos em 1955 (embora substancialmente idêntica) e vem colocar a questão em termos heterodoxos em relação à filosofia humanística ocidental de raiz cristã. Porque, em última análise, o que se propõe neste texto é a unidade do homem consigo próprio através dos seus sentidos, das suas funções de acção e relação. O que está hoje, de facto, em causa é o Homem Concreto, que identifica o seu próprio mundo com o mundo exterior em que vive, e cujo controlo realiza através do ajuste semântico-estético dos seus actos-palavras.

Mas se este Homem Concreto pode parecer uma utopia para o velho humanismo europeu, ele é perfeitamente aceitável dentro da filosofia ZEN, que é justamente a unificação total entre ser, ver e ter; ou seja, a abolição do interior e do exterior, do certo e do errado. Alan W. Watts diz, no ensaio «Beat zen, square zen and zen»: «Mas o ocidental que é atraído pelo Zen e que o quer compreender profundamente deve ter uma qualificação indispensável: deve compreender a sua própria cultura tão profundamente que não seja arrastado inconscientemente pelas premissas dessa cultura. Ele deve, realmente, ter chegado a um acordo com o Senhor Deus Jeová e com a sua consciência hebraico-cristã, de modo a poder aceitá-la ou rejeitá-la sem medo nem revolta. Deve estar livre da tentação de se justificar. Porque o Zen é, acima de tudo, a libertação do espírito do pensamento convencional, e isto é algo totalmente diferente da revolta contra a convenção ou, por outro lado, a adaptação de convenções alheias. Resumindo, o pensamento convencional é a confusão do universo concreto da natureza com as coisas conceptuais, acontecimentos e valores do simbolismo linguístico e cultural.»

Ora, é justamente a libertação de confusões deste tipo que a Poesia Concreta propõe, na sua mais profunda significação, porque são confusões deste tipo que têm dominado a percepção do mundo e a criação poética em nome de teorias que são alheias ao livre exercício da actividade do espírito do homem. Mas a contestação da sociedade de consumo só pode ser feita, vinda de dentro, por superação e valorização do Homem como indivíduo imerso na sociedade de consumo, pois este tipo de sociedade, embora já em decomposição interna, é essencialmente expansiva e tentacular, acabando por assimilar até os seus princípios antagónicos. Só o homem como indivíduo se lhe pode opor. Mas não o homem preso aos preconceitos culturais,

Ken Cox. abrir os olhos das pessoas

fragmentado, psicopata, quer idealista, quer materialista — que é, afinal, o autor da literatura oficial ainda do nosso século, seja de que cor política ou «statu» económico for.

Para esses, a ameaça contida na Poesia Concreta, mesmo na sua forma primária, é real e total. Mas essa ameaça está, também, presente nas viagens interplanetárias (a incompreensão e até desprezo pela aventura espacial é uma característica do snobismo do escritor oficial do «establishement»...).

Pois que o Homem Concreto e o Homem Planetário (5) são os irmãos do futuro.

---

(1) As Antologias são as seguintes:
- — CONCRETE POETRY — A WORLD VIEW, por Mary Ellen Solt (Indiana University Press — U. S. A.)
- — AN ANTHOLOGY OF CONCRETE POETRY, por Emmett Williams (Something Else Press New York)
- — SPATIALISME ET POÉSIE CONCRETE, por Pierre Garnier (Gallimard — Paris)
- — CONCRETE POETRY AN INTERNATIONAL ANTHOLOGY, por Stephen Bann (London Magazine Editions)
- — LABRIS (secretariado por Ivo Vroom) Bélgica

(2) TEORIA DA POESIA CONCRETA — Edições INVENÇÃO — 1965

(3) Este n.º 4 de NOIGANDRES é hoje uma raridade bibliográfica. No entanto, a maioria dos poemas nele contidos foram incluídos na antologia «POESIA CONCRETA», publicada em Lisboa, em 1962, pela Embaixada do Brasil, sob o impulso de Alberto da Costa e Silva.

(4) O que a obra destes Autores representa para a poesia concreta e para uma nova compreensão e prática da criação escrita e da comunicação oral, não pode ser sequer resumido num artigo como este. Apenas se podem dar pontos de referência indispensáveis para o estudo desta matéria.

(5) Ver o meu artigo «O homem planetário», no «Diário de Lisboa» de 24/7/69

N. R. — Na primeira página, o título do artigo está montado sobre um poema concreto (1968) de E. M. de Melo e Castro.

CRUZEIRO MUSICAL

Partida de Lisboa a 2/9/69

a bordo do magnífico paquete Francês

«RENAISSANCE»

com a colaboração dos melhores artistas da actualidade:

ISAAC STERN, WALLEZ, RICHTER, MARGOT FONTEIN, RUDOLF NOUREEV, ETC.

ÚLTIMOS DIAS DE INSCRIÇÕES

PARA INFORMAÇÕES CONTACTE

SOC. COM. OREY ANTUNES & C.ª L.da

Praça Duque da Terceira, 4

Telef.: 36 93 46 — LISBOA

País portátil

(Continuação da 8.ª pág.)

Cambio de Piel, de Carlos Fuentes. Algo, contudo, diferencia este romance de Gonzalez Leon do tipo de aventura obscurantista e hermética de Sábato, em *Heroes y Tumbas*, ou do fragmentarismo autobiográfico de Cabrera Infante, em *Tres Tristes Tipes*. A especulação sobre o intimismo da personagem central de *País Portátil* (pormenor que o aproxima do semicomprometimento da Malraux da melhor fase), cruza-se com a problemática política, mas de tal modo que ambas acabam por se fundir para nos oferecer um retrato completo de uma sociedade abastardada por circunstancialismos momentâneos e por atavismos seculares. A acção, ou a bifurcação de acções é, porém, submetida a um mais caprichoso esquema que confere á obra não só uma estrutura profundamente alucinante como um excelente nexo artístico de raiz culta: a viagem. O herói chega a Caracas após uma longa viagem que o trouxe da província. Na cidade inicia uma deambulação bem diferente: por um lado atravessa a cidade submetida á instabilidade da guerrilha urbana; por outro dá início a duas viagens secundárias, levando-o, uma, á rememoração dos motivos que o trouxeram á cidade (passado imediato) e a outra até á explicação da sua própria razão de ser como latino-americano, como venezuelano e como revolucionário (passado remoto). Estas viagens explicativas, talhadas a golpes de violência no seio de duas concepções de história bastante divergentes (uma, a factológica dependente da reconstituição dos eventos da colonização americana e das lutas pela independência — outra, a histórica mítica e misteriosa do caldeamento racial de um povo que surge ao lume da vida social organizada, viciado pelos hábi-

tos do despotismo e da singularidade castiça e picaresca dos caudilhos), confluem para a explicação do tipo particularíssimo do enquadramento étnico da América Latina e revelam facetas de profunda mordacidade, criticando os padrões de vida que sustentam periclitantemente uma sociedade primitiva, mas empolgada pelo arranque do industrialismo prematuro que só beneficia os quadros impantes do burguesismo da moderna neocolonização.

Dois mundos antagónicos se defrontam no *País Portátil:* de um lado a sordidez feudal, decrépita mas ainda a dominar vastas regiões e populações de rurais oprimidos que sobem ao lume da narrativa por intermédio das suas lendas ingénuas, e das histórias «sagradas» do seus velhos mitos: de outro, as novas alienações produzidas pela cidade moderna, a nova democracia que rola sobre as rodas da Chrysler Corporation da General Motors, da Ford, fatia de país semidevorada pela exploração apressada dos grandes consórcios industriais. No meio, uma Caracas a arfar sob o tremendo peso da conquista dos mercados, da publicidade desenfreada e pouco entendida, da confusão angustiante de todas as mecanizações ruidosas e desumanas.

Obra formidável, que abre as portas a um novo tipo de realismo socialista, sensual, trepidante e encenada no melhor estilo, obrà que não abdica das responsabilidades da literatura mas que, nem por isso, se abandona á prosa lisa ou ao fingido encanto do experimentalismo é, sem duvida, o autêntico romance definitivo sobre um tema que nenhum tempo poderá envelhecer.

JOÃO PALMA - FERREIRA

A construção da casa

(Continuação da 8.ª pág.)

agora o que nelas há de uma face-sempre-outra a revelar:

E há noites em que se ouve, além das [horas,
um chamar por nós, um apelo
comovido. Podemos afirmar: são ir- [mãos,
são mães, são companheiras. Mas é [outra a face
revelada. Todo um ruído quente
quase desanimado. Um ténue vento
queimando-se nos vidros. Posso dizer:
em noites assim alguns morrem, mui- [to antes
de saberem o nome e a voz. De quem
esse clamor? Saber que na antiga [casa
as portas se abriram, um ou outro quarto
vai iluminar-se e começa o dia!
Há palavras lança-chamas.
Conheço algumas que nos fazem vi- [ver,
por não serem simples som
mas estradas incendiadas por dentro,
duplos corações batendo com o calor
da certeza do dia que se segue.
Assim me apoio às palavras,
procuro a tudo dar um nome,
e em noites destas — salientes, defu- [madas,
com vozes que nos chamam — sou [um corpo
novo. Quebrando o meu silêncio,
povoo alguns espaços de alegria.

MAS a importância das palavras é sempre relativa. Todas, elas serão sempre algumas. Reunindo o fundamental, é na dispersão que o revelam: múltiplos sinais, espalhadas vozes, estrelas de longínqua claridade. A queda, a morte, a reificação, o retorno à clausura do som, parecem a cada momento ameaçá-las.

...Caminho entre palavras
calcinadas. São símbolos
apenas. Letra a letra as destruo.
Reconstruo mais tarde
outro edifício. Com outras
ou restos destas mesmo.
Para que mais queria eu palavras?
Palavras não deflagram.
Só servem de rastilho

As palavras apenas anunciam no espaço descontínuo em que se escrevem a voz que (ainda) as não diz. É essa a fala absoluta que o poeta, interrogando a sua morte possível como senhor de palavras suspensas, procura. Voz ou habitação: «presença dupla demorada / morada colectiva em que habitamos / desejos de partir». Ou ainda: «fácil casa do futuro e tão frágil é».

EDUARDO PRADO COELHO

(*) Eduardo Guerra Carneiro, *Algumas palavras* (poesia). Colecção Nova Realidade, Porto, 1969

O tesouro na gaveta...
Faqueiros de Prata
TOPÁZIO
duplamente trabalhados
valem cada vez mais
Vendem as melhores Ourivesarias

FRIGORÍFICOS
IGNIS
· Maior capacidade em menor espaço
· A maior e melhor linha
Uma marca de prestígio ao seu dispor nas melhores condições de aquisição em:
ELGA, LDA.
AV. ALMIRANTE REIS, 104-B
T. 42175 — LISBOA

NÃO VIAJE PELA
VARIG
É tão bom acordar às seis da manhã!
E sair estremunhado com o dia ainda escuro. Ou precipitar-se para o aeroporto na hora de ponta matinal (onde foram parar os táxis?). Viajar mal disposto, dormitar na poltrona, chegar entorpecido.

Mesmo que a festinha de despedida se tenha prolongado, você tem a manhã para refazer-se e revisar sua bagagem, cuidar dos últimos detalhes, chegar com toda a calma ao aeroporto. Os horários da VARIG são cómodos (e sempre coincidem com as refeições). Viaje civilizadamente. Pela VARIG.
VIAJE PELA
VARIG
Linhas Aéreas Brasileiras
E aproveite um pouco mais a sua cama.
IATA 50 ANOS DE COOPERAÇÃO MUNDIAL NO TRANSPORTE AÉREO
McCANN

A CONSTRUÇÃO DA CASA

crítica

por Eduardo Prado Coelho

COM *Algumas Palavras* (*) publica Eduardo Guerra Carneiro o seu terceiro livro. Será também necessário apontar a colaboração em duas edições de *Poemas Livres*. Contudo só agora (assim o julgamos) se começa a vincar um perfil individual. Para isso constitui o volume que tem por título *Algumas Palavras* um documento revelador: a paritr dele, a nova geração conta com mais um nome que se torna imprescindível citar. Atenuemos no entanto o que poderá ser força excessiva destas afirmações: o livro de Eduardo Guerra Carneiro está longe de constituir uma obra que possa suscitar um pleno agrado. Nele se cruzam vários tons, diversas temáticas, desacertados ritmos, sem conseguirem formar uma unidade plena. Sentimos ainda o peso de certos desajustamentos internos, a dilaceração suscitada pela vontade de corresponder a exigências divergentes. Mas, sobrepondo-se a tais factores de desagregação surge agora um objecto único e claramente delimitado que o discurso procura cingir. Não é um tema, não é um problema. É um vazio que se abre ao pensamento, à linguagem. É uma falha nos instrumentos que deveriam definir a nossa identidade. É o conjunto das singularidades dum espaço (o nosso, atravessado de inúmeras mensagens estrangeiras) é a conglomeração de certas virtualidades dum tempo (o nosso ainda). É a constelação que promove uma idade o esboço impreciso duma cultura jovem em formação. É este o objecto (enquadrado por uma exigência libertária e anarquizante) que a poesia de Eduardo Guerra Carneiro parece visar. A grande descoberta, instruindo os olhos e as palavras, é aquela que vem ensinar que «afinal tudo está ligado desde Lester Young ao som dos Beatles, passando pela ira inglesa, o grito americano, a meticulosa raiva de Fanon, a guitarra de Sandburg, as longas barbs de Walt Whitman, as palavras de Fidel, a voz de Joan Baez». São estes alguns dos signos que constituem «o húmido horizonte deste tempo».

As coisas vibram entre si ligadas
e a nós também com estas mãos
de cinza. Sacudimos
os restos das palavras, das ideias,
que se prendem ao cimento, se arga-
[massam,
com outros objectos,
outras coisas silenciosas.

As palavras soam melhor quando
[aquecidas
por um sopro viril de homem atento
às arestas, aos serrotes, aos guindas-
[tes.
As máquinas que pulsam como a
[gente.
Num outro tom, é certo, de outra
[forma,
mas pulsam, palpitam, estremecem,
no húmido horizonte deste tempo».

A cultura jovem que de 1950 até hoje se tem vindo a elaborar atingiu já uma autonomia e uma densidade consideráveis. Ela desvaloriza os eixos da cultura tradicional, impondo a nova forma das questões decisivas. Emergindo duma cultura de massa intimamente presa às determinações da produção social, a cultura jovem emancipa-se numa das suas alas roçando a violência, a droga a contestação, a loucura, a vertigem. Ela inscreve no manuscrito da história as linhas duma mudança e desenha em espasmos de crise ou anéis de claridade o processo do futuro.

Corresponderá toda a poesia de Eduardo Guerra Carneiro às responsabilidades impostas pela cultura jovem? Nem sempre. Aqui ou ali, a expressão já saturada, o lugar-comum ideológico, a discursividade baça, invadem o corpo do poema e bloqueiam a circulação do sentido.

A secção inicial do livro, «Balada da Cidade Triste», exemplifica os desequilíbrios já anteriormente referenciados. Os dois primeiros poemas estão na linha da melhor poesia de Eduardo Guerra Carneiro: um discurso sacudido, sincopado, constituído por períodos muito curtos que se sucedem, se acumulam, se justapõem na confirmação ou na rectificação das significações antes produzidas. O texto é movido por uma espécie de ausência, de urgência de insatisfação, como se as palavras fossem sempre escassas, sempre algumas e não todas, e não essenciais e não decisivas. A expressão torna-se ansiosa, convulsiva, sempre inadequada, sempre em recomeço. São estes os traços dos textos de melhor nível no livro de Eduardo Guera Carneiro: encontramo-los em *Quatro Discursos* (embora com momentos mais fracos), em *Algumas Palavras* e na belíssima série que se intitula *Claridade* (talvez a melhor do livro).

EDUARDO GUERRA CARNEIRO chega a propor-nos uma teoria, não pròpriamente da palavra, mas do modo de apropriação da palavra. Num poema em que procura definir o denso enigma dum instante em que a presença visível das coisas é dobrada e repercutida pela invisibilidade de todas as coisas -outras que no mesmo instante acontecem, e em que se tenta apreender o que existe de terrível, absurdo, e evidente em todo o acontecimento (ilusória transparência dum sentido que no limiar da claridade última se retrai), Eduardo Guerra Carneiro apresenta-nos as palavras como «mais que som»: como lâmpadas, como gritos. A importância do grito fora já explicada em poema anterior: «As casas iluminam-se Um grito / cobre a sombra e assim anima / a ampla solidão de todos nós». Quanto à lâmpada ela parece caracterizar um olhar subitamente acrescido pela força da sua iluminação

interior: «O calor do corpo. A lâmpada / acesa duns olhos duros ternos». Enunciado o valor das palavras, a intensa qualidade da sua demorada passagem pela boca, o poeta aponta

(Continua na 7.ª página)

Adriano Gonzalez Leon, retrato de uma sociedade

PAÍS PORTÁTIL

por João Palma-Ferreira

De declarações do autor de «País Portátil» à Imprensa espanhola.

Em «País Portátil», o personagem central deve cumprir uma missão política importante e para tanto atravessa a cidade. Uma viagem urbana que dura uma tarde e parte da noite converte-se numa espécie de pesadelo alucinante onde flutuam as circunstancias do seu passado imediato e as sensações remotas do seu passado regional, tão remotas que, no seu retorno memorial à velha casa familiar, se abarca um deslumbramento que recua até às mais fundas origens históricas. O conflito está à flor da pele, na situação precisa de ser actor e espectador simultâneo da violência de Caracas dos últimos anos. Mas também se radica no desejo de fazer face a uma ordem feudal brumosa e a uma herança cultural apavorante, dentro da inquietadora paisagem metropolitana. Para uma situação destas, dispõe o Autor a estrutura em três planos: uma acção que é simples peripécia por meio do tráfego citadino: um acontecimento imediato que implica com a vida de vários personagens na cidade; sucessos da memória que pertencem ao passado trujillano. Os três planos apresentam-se entrecruzados e de algum modo se relacionam entre si, directa ou indirectamente, nas sequências narrativas. Para cada um deles, segundo as circunstancias ou conforme as necessidades tonais, tratou o Autor de utilizar uma linguagem diferente. Assim, a viagem urbana é descrita em termos de simultaneidade e de tal modo que as palavras acabam por contribuir para formar uma ideia de trepidação angustiosa. As histórias imediatas apresentam-se de maneira linear, respeitando todas as formas convencionais. E o passado remoto exibe-se carregado de inflexões, aventuras peculiares da sintaxe, vozear, frases feitas e particularismos do dialecto provincial.

Do pórtico da edição espanhola de «*País Portátil*»:

Venezuela is rolling. And it's rolling in cars and trucks made in Venezuela. Chrysler is rolling along in step with the progress of a great democratic nation.

— Chrysler Corporation.

PAÍS Portátil, é um romance de Adriano Gonzalez Leon. Obteve em 1968, o prémio «Biblioteca Breve», da Editora Seix Barral, um dos prémios mais honestos entre os criados recentemente na Europa e que já distinguiu nos últimos dez anos Luis Goytisolo, Juan Garcia Hortelano, Caballero Bonald, Mario Vargas Llosa, Vicente Leñero, Guillermo Cabrera Infante, Juan Marsé e Carlos Fuentes. Gonzalez Leon é um venezuelano que nasceu em Valera, em 1931. Reside actualmente em Caracas, em cuja Universidade Central é professor da Faculdade de Humanidades. Residiu também em Paris e Buenos Aires e a sua carreira literária está intimamente unida ao processo de renovação estética representada por grupos como «Sardio» e «El Techo de la aBilena». Publicou três livros de narrativas: *Las Hogueras más altas*, 1959; *Asfalto-Infierno*, 1962; *Hombre que daba sed*, 1967 e o romance *País Portátil*.

País Portátil é uma obra-prima do romance moderno muito próxima da envergadura artística de obras maiores da prosa latino-americana como *Tres Tristes Tigres*, de Cabrera Infante, *Sobre Heroes y Tumbas* de Sábato, *La Casa Verde* e *La Ciudad y los Perros*, de Vargas Llosa ou

(Continua na 7.ª página)

Para além das Lágrimas
Uma nova GUERRA E PAZ
Romance de
MICHAEL FARRELL
A LUTA DA IRLANDA PELA INDEPENDÊNCIA
a atmosfera revolucionária, a sagacidade social e psicológica deste romance único e dramàticamente actual, levaram a crítica responsável a emparceirá-lo com o DOUTOR JIVAGO de Pasternak e com o LEOPARDO de Lampedusa.
BEST-SELLER na Inglaterra, França e Alemanha, está já traduzido em todas as línguas cultas.
BREVEMENTE NA COLECÇÃO METAMORFOSES
EDITORIAL INOVA □ PORTO